



JOSIAS PEREIRA
ELIANE CANDIDO



A ESCOLA CONSTRUINDO SONHOS

ERD Filmes
Editora

Organização e coordenação

Josias Pereira e Eliane Candido

Copyright © 2018

Josias Pereira, Eliane Candido

Capa

Rogério Peres

Imagens da capa

Coautores do livro

Diagramação

Eliane Candido

Revisão de texto

Veridiana Sueli Huhnfleisch Corrêa

Editora

ERD Filmes

ISBN - 978-85-922117-0-7

ANO – 2018

CANDIDO, Eliane; PEREIRA, Josias (Orgs). **São Léo em Cine:** a escola construindo sonhos. São Leopoldo-RS: Editora ERD Filmes, 2018.

Todos os direitos reservados.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito dos autores.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

São Leopoldo/RS, 2018.

JOSIAS PEREIRA
ELIANE CANDIDO

(Organizadores)

COAUTORES

Ana Patrícia Amorim	Letícia Daudt
Andréa Rodrigues	Luciana Domingues Ramos
Candace Luciana Albrecht Lassig	Luciane Benites Hersing
Cristina Domingues Lemos	Maira Ubatuba Machado
Diego Comerlato Walter	Marina Vicentina Ribas Pinto Dias
Eden Madelon Bittencourt	Michelle Nóbrega Rodrigues
Eliane Candido	Nara Regina Locatelli Schitezky
Gerusa Cristina de Souza	Nelson Peres Garcia Júnior
Gisele Garcia Lopes	Paulo Espinoza
Indiara Tainan Passos dos Santos	Renata Tavares da Silva
Jader Santini	Rodrigo Blasckesi Fernandes
Joel de Almeida Nunes	Vilsiane Pereira

ERD Filmes – Editora
2018

SUMÁRIO

Apresentação	6
São Léo em Cine: um fenômeno em crescimento	10
Introdução.....	14
Construindo sonhos	18
Curtas-metragens enriquecendo as propostas pedagógicas ..	29
Oficina de Cinema na escola - uma nova proposta pedagógica.....	35
Educação através da imagem.....	49
Curtas na escola: uma forma de dizer o que se quer do mundo e da vida	63
Leitura e Ação: produção audiovisual na EJA.....	76
Canoagem em São Léo: uma experiência surpreendente	89
Cinema: uma experiência bem-sucedida no ensino de História.....	96
Audiovisual: uma janela na sala da diversidade.....	104
Um curta-metragem que ficará marcado na história da escola.....	119
Reino de Acalo chega à sala de recursos multifuncionais ...	125
Produção de narrativa audiovisual.....	138

Mídia e produção audiovisual: suportes para o ciclo de alfabetização	146
O uso da tecnologia como ferramenta pedagógica.....	163
A busca por uma aprendizagem inovadora através do audiovisual na escola	169
Três curtas em três tempos	178
Cidadão multimídia: digitalizando o espaço escolar sob um novo olhar.....	197
Relato das experiências no projeto <i>Cinema na Escola</i>	203
Como realizar sonhos	211
A produção de vídeos como ferramenta pedagógica: o “Jornal Global” e globalização	218
Curta-metragem na Educação Infantil: possibilidades e desafios.....	224
Referências bibliográficas:	237

APRESENTAÇÃO

É com muito orgulho e satisfação que a Secretaria Municipal de Educação de São Leopoldo, na Gestão 2013/2016, vem saudar todos os autores deste livro pelo trabalho desenvolvido com seus alunos no ano de 2015, pelo comprometimento pedagógico nas produções audiovisuais, pelo envolvimento dos educandos, professores e comunidade escolar, bem como as Equipes Diretivas que apoiaram a iniciativa dos docentes e discentes.

Vivemos numa sociedade permeada de tecnologias e a escola não pode estar alienada às mudanças comportamentais e culturais que estas exercem na vida dos sujeitos. Trazê-las para a sala de aula como um recurso meramente instrumental é não saber explorá-las na sua totalidade.

Dessa forma, buscamos aproximá-las da educação, através da produção audiovisual como ferramenta pedagógica. A partir de estudos, experiências e vivências anteriores tivemos um novo olhar sobre esse recurso tão rico que proporciona diferentes formas de comunicação e que tanto vem encantando as nossas crianças, jovens e adultos.

Em 2015, criamos o programa educacional e festival de vídeo estudantil **São Léo em Cine**. É uma iniciativa da Prefeitura Municipal de São Leopoldo e Secretaria Municipal de Educação (SMED) em parceria com a Universidade Federal de Pelotas (UFPeL), através do curso de Cinema e Audiovisual, que desenvolve o projeto de extensão "Oficina de Produção Audiovisual nas Escolas", representada pelo professor Dr. Josias Pereira, com o propósito de motivar a produção de vídeos como atividade pedagógica vinculada ao currículo escolar. Contamos, também, com o grande apoio do Cinesystem Cinemas de São Leopoldo, através do gerente Sr Ricardo de Moraes, que cedeu duas salas de cinema por dois dias consecutivos para a exibição dos curtas escolares.

Assim sendo, pudemos levar a Sétima Arte para dentro das nossas escolas proporcionando formações para educadores e educandos. Um *site* foi criado com o intuito de possibilitar aos educandos o protagonismo nas produções. Neste *site*, tutoriais sobre criação de vídeos, edição de som e demais esclarecimentos sobre o uso das diversas mídias possíveis foram disponibilizados e estavam ao alcance daqueles que eram o foco do programa: os alunos. Aos professores foi reservado o papel fundamental de mediadores da aprendizagem.

Ao término das produções dos curtas estudantis, eles foram exibidos no cinema para os alunos envolvidos, pais e/ou responsáveis, professores, equipe diretiva das escolas, comunidade em geral e parceiros, para apreciação dos trabalhos que coletivamente construíram. Neste sentido, mais do que proporcionar momentos de lazer e ludicidade, garantiu-se também a todos os alunos usufruírem de um valor que, muitas vezes, é distante da realidade em que vivem: o cinema.

Tivemos catorze escolas participantes, mil e duzentos alunos, vinte e oito professores diretamente envolvidos na produção dos curtas, além dos colegas apoiadores, que resultou em trinta e um curtas-metragens nesse primeiro ano do festival de vídeo estudantil.

Após a exibição dos vídeos, os alunos e comunidade puderam exercer um olhar crítico das suas produções, através da votação popular que estava *online* no *site* do festival. No mesmo período, tivemos um júri técnico para avaliação de outras categorias.

A culminância do São Léo em Cine aconteceu em um grande evento de premiação. O local escolhido foi a Sociedade Orpheu, símbolo social do município e também a mais antiga do Brasil. Incluir nossos alunos nestes espaços também possui um significado social, pois os aproxima e inclui em locais onde não se sentiam pertencentes.

Buscou-se, também, a magia que envolve o cinema nesta premiação. Tapete vermelho aos participantes, fotógrafos atentos à chegada das celebridades em belíssimas *limousines*. Tudo isso para valorizar a construção do conhecimento desenvolvido no programa.

Ainda nesta premiação, os curtas vencedores receberam o Troféu Imigrante (alusão ao título do município de São Leopoldo de Berço da imigração Alemã) e os segundos e terceiros colocados receberam o certificado correspondente.

Cabe ressaltar que todo esse processo contou com vários parceiros que puderam fazer desse sonho uma realidade. Entre os já citados, destacamos: Fundação Escola Técnica Liberato Salzano Vieira da Cunha, Cinema Centro de Artes – UFPel, Unisinus, MTK Engenharia, SESC, Ortodentic Center – Clínicas Odontológicas, Sul em Dança, ERD Filmes, King Limousines, Sociedade Orpheu, equipe da Secretaria Municipal de Educação, da Secretaria de Cultura e do Departamento de Comunicação dessa gestão.

Durante o ano de 2015, enquanto realizavam as produções dos curtas-metragens, os professores responsáveis foram observando a evolução dos alunos, bem como o comprometimento e envolvimento dos mesmos e foram fazendo anotações, relatando expectativas, dúvidas, sensações, sentimentos e aprendizagens que resultou na escrita dos artigos que compõem nosso primeiro livro: São Léo em Cine: a escola construindo sonhos!

Ao se apropriarem da leitura desses relatos de experiências poderão observar as potencialidades pedagógicas oferecidas pelas tecnologias que, segundo Setton (2013), pode-se constatar o quanto que a linguagem audiovisual interfere na vida de milhões de pessoas, enquanto *“instância transmissora de valores, padrões e normas de comportamentos”*, bem como na sua maneira *“de aprender, de ver e de pensar”* a sociedade e a cultura em que vivem.

Luis Arthur de Bitencourt

*Secretário Municipal de Educação
de São Leopoldo/RS
2014 a 2016*



Figura 1 – Noite de premiação do “São Léo em Cine - I Festival de Vídeo Estudantil”, realizado em 2015, na cidade de São Leopoldo-RS¹.
Secretário de Educação Luis Arthur de Bitencourt e
Coordenadores do festival Eliane Candido e Cleonir Duwe.

¹ Todas as figuras que estão em destaque neste livro, entre um artigo e outro, da figura nº 1 até a de nº 26, fazem parte do acervo da coordenadora do São Léo em Cine. Estas imagens foram fotografadas por diversos parceiros e colaboradores do festival que registraram os momentos mais marcantes desta caminhada, nos anos de 2015 a 2016. Portanto, em cada uma lê-se: Fonte: Acervo da Organizadora e Coautora do livro Eliane Candido.

SÃO LÉO EM CINE: UM FENÔMENO EM CRESCIMENTO

Falar de São Léo em Cine é algo difícil, não pelas ações que são realizadas, mas explicar o sucesso do projeto que tem desde as oficinas com os professores até a exibição e votação dos curtas. Analisar esse sucesso do festival passa, obrigatoriamente, pelo que defendemos que é a ação da Secretaria Municipal de Educação. Não adianta a universidade apresentar o festival, seu funcionamento e realizar algumas oficinas. É parte integrante da organização do festival ter uma pessoa que se dedique na organização do mesmo. Defendemos que essa pessoa seja um integrante da SMED por diversos motivos e um deles é justamente conhecer os professores e saber da agenda do município e o que está acontecendo nas escolas.

Quando o festival não tem uma pessoa comprometida com o seu andamento, o mesmo apresenta problemas, como percebemos nestes últimos cinco anos, nas seis cidades que ajudamos a organizar festivais de vídeo estudantil. Por isso quando duas professoras de São Leopoldo entraram em contato querendo conhecer o Festival de Vídeo Estudantil de Pelotas percebi que ali tinha duas pessoas engajadas, comprometidas e com vontade de realizar uma ação para a comunidade.

Mesmo com a distância da universidade, já que a cidade de São Leopoldo fica a 285 km de Pelotas, sabíamos desta dificuldade, mas acreditamos na paixão das professoras pela produção de vídeo estudantil. Foi essa simplicidade de aprender que observei no olhar das professoras. Um olhar sempre atento a tudo o que se fazia. Apresentei a Universidade, o Campus do Centro de Artes da UFPel onde fica o curso de Cinema e Audiovisual no qual leciono e a duas escolas da região mais ativas na produção de vídeos com os alunos. Percebi a felicidade das professoras quando conversavam com os alunos e viram que teriam um aliado forte nesta caminhada: os alunos.

Sendo assim, fui a São Leopoldo conversar com o Secretário Municipal de Educação da época sobre o festival. Deixei claro que confiava no trabalho da professora Eliane Candido e que o projeto de extensão da Universidade Federal de Pelotas estaria ali para ajudar na organização e realização do festival.

Percebi desde o início na professora Eliane a importância de valorizar seus colegas professores e não apenas os alunos; assim ela convidou pessoas de diversas áreas para realizar oficinas de vídeo. Seu desejo era capacitar os professores com diversas linguagens para que na prática pudessem realizar os vídeos sem medo. À distância, percebia as movimentações da equipe e ia aprendendo também. Uma ação que me chamou a atenção foi o festival São Léo em Cine exibir e fazer cartaz (*banners*) dos filmes. Uma ação simples que desenvolveu várias ações nos grupos realizadores. O cartaz nas escolas, o grupo de professores no *whatsapp*, professores fazendo oficinas, reunião mensal com os realizadores. Ações que permitiam o docente não se sentir abandonado. Essa ação faz parte do lado lúdico, o hemisfério emocional do cérebro. Percebi que para este grupo de professores não era apenas o lado racional que estava sendo trabalhado, mas o lúdico, o sonho, os desejos.

A greve dos professores foi uma ação que nos deixou preocupado com o desenvolvimento do festival. Porém, com o fim da greve e mesmo com pouco tempo para executar o trabalho, foram realizados vídeos de alta qualidade técnica e artística. Isso foi uma demonstração de que o São Léo em Cine é diferente dos outros festivais. Nos chamou a atenção e começamos a analisar qual o motivo desta adesão dos professores com o festival. Pedi então, para um grupo de bolsistas escrever um artigo sobre o São Léo em Cine para divulgar a outras cidades como era feito este trabalho com os professores, mesmo sem terem oficinas da UFPel de modo presencial. Sabemos que o site www.wp.ufpel.edu.br/producaodevideo foi utilizado e o criamos pensando em professores que estão distante e precisam de apoio sobre produção de vídeo estudantil.

No final do festival percebemos a quantidade de inscritos, a votação *online*, a chegada dos alunos em carro de luxo e fiquei de longe observando os movimentos nas redes sociais, o que me deixou

super contente percebendo que o São Léo em Cine não era uma ação passageira, muito pelo contrário, era uma ação que veio para ficar. Sendo assim, uma ação importante é sempre valorizar o professor, acolhê-lo e ajudá-lo na organização do novo.

Desta forma só posso agradecer a todos os professores que participaram do São Léo em Cine pela coragem em produzir vídeo estudantil, por acreditarem em um sonho e sonharem com a gente.

O sucesso do festival São Léo em Cine se dá por alguns detalhes, um deles a coragem dos professores, determinação, paixão pelo que faz e uma Secretaria de Educação Municipal que valoriza os projetos que faz. A Eliane Candido minha admiração, pois sei que mesmo fora de seu horário de expediente estava à volta com esse trabalho e com apenas um objetivo: motivar os professores e alunos neste processo de novas aprendizagens e que tudo desse certo.

Espero que o festival possa crescer e ser um dos expoentes brasileiro no quesito “festival de vídeo estudantil”!

Parabéns a todos!

Josias Pereira

*Coordenador do projeto de
extensão Produção de Vídeo nas Escolas;
Coordenador do Congresso Brasileiro
de Produção de Vídeo Estudantil.*



Figura 2 - Professora Eliane e sua colega de escola, em visita a UFPel.
Reunião com o professor Dr Josias Pereira (Maio de 2014).

INTRODUÇÃO

Quantas vezes em nossa vida pessoal passamos por momentos que nos fizeram pensar ou pronunciar os seguintes bordões? **“Nossa, isso daria um filme!”** ou **“Minhas histórias poderiam dar um livro”**.

Esses pensamentos geralmente chegavam a nossa mente durante um período deslumbrante ou devastador pelo qual havíamos passado. Posteriormente, poderíamos fazer outros questionamentos: E se tivéssemos filmado ou escrito? Quiçá teria sido um filme de sucesso, um *best-seller* ou um experimento gratificante!? Porém, não teremos essa resposta se não colocarmos a ideia em prática, certo?

O mesmo poderíamos pensar em relação a nossa vida profissional. Quantas vezes deixamos de registrar algo maravilhoso que nunca saiu das quatro paredes e dos muros escolares? Talvez, por medo de nos expor, por vergonha dos colegas ou por receio de nossas ideias não serem aceitas. Por estas e outras deixamos de compartilhar experiências inéditas e incríveis! Deixamos de ganhar, de trocar, aprender e multiplicar conhecimentos.

Certa vez um professor me disse que se eu quisesse ser uma educadora marcante na vida dos meus alunos eu teria que fazer algo diferenciado, sair da mesmice e da zona de conforto. Suas palavras foram muito significativas, me impulsionaram a sempre buscar novos desafios, a não desperdiçar as oportunidades de aprender, de conquistar outros espaços e a dar o melhor de mim para fazer a diferença, tanto na minha vida pessoal como profissional.

Sendo assim, durante as férias de verão de 2014, tive um *insight*: sonhei e imaginei o festival, rascunhei, escrevi e encadernei o projeto. Nos meses de fevereiro e março liguei diversas vezes para a Smed a fim de agendar uma reunião com o Secretário de Educação para apresentar a minha ideia.

Em abril, a assessora Gisele Rossi avisa que eu havia conseguido um horário. Então, apresentei ao Secretário de Educação, Luis Arthur de Bitencourt, o projeto que havia sonhado para a nossa cidade. Neste meio tempo, em maio do mesmo ano, fui a Pelotas conversar com Josias Pereira e fechamos uma parceria que se solidificou com outra reunião no gabinete do Secretário. Depois de vários alinhavos nasce o São Léo em Cine, em 2015, com o apoio e parceria da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

Idealizar e coordenar o festival **São Léo em Cine**, junto à Secretaria Municipal de Educação de São Leopoldo foi mais um desafio do qual me propus participar. Através deste programa educacional tivemos a possibilidade de fazer uso do audiovisual como ferramenta pedagógica na rede municipal leopoldense.

Os estudantes escolhiam o tema do seu filme e participavam de todas as etapas de produção desde a escrita do roteiro, atuação, gravação e edição, sob a orientação de, no mínimo, um professor responsável. A culminância do programa aconteceu em dois momentos diferentes: a exibição dos curtas no cinema local e no 1º Festival de Vídeo Estudantil da nossa cidade.

Assim sendo, estava oportunizando aos meus colegas professores e aos alunos um fazer diferente que traria um leque de aprendizagens mútuas e prazerosas: arte, entretenimento, interação, comunicação, expressão, entre outros. Afinal, o cinema é como uma escola e com ele podemos aprender muito!

Construímos um trabalho significativo e gratificante que mudou a rotina de docentes e discentes e, porque não dizer, da escola, dos familiares e da cidade. A todos os envolvidos foi uma experiência ímpar e desafiadora, de superação, de crescimento, reflexão e valorização das vivências dos estudantes.

Fazer de nossas vidas um filme não é nada fácil, mas publicar nossas façanhas em um livro seria algo possível! Então, com o incentivo do professor Josias Pereira e do Secretário de Educação Luis Arthur, propus aos professores responsáveis a concretização deste sonho: escrever um livro contando a prática educativa de fazer vídeo no contexto escolar.

Eles aceitaram o desafio de observarem as dificuldades encontradas e as múltiplas aprendizagens afetivas e cognitivas de seus alunos durante a produção audiovisual, bem como suas conquistas profissionais e de superação a partir dessa ferramenta, e a refletirem sobre o tema Cinema e Educação. Cabe destacar que alguns professores já utilizavam a produção audiovisual em suas aulas, mas muitos estavam estreando nessa nova proposta pedagógica.

Estou segura de que estes professores deixarão um legado importante ao compartilharem suas histórias e opiniões sobre o processo de aprendizagem em evidência. Ficarão a lição de que podemos mudar nossa história incentivando outros profissionais da Educação a fazerem o mesmo, pois informação retida não gera conhecimento, não desperta curiosidade e não provoca mudanças.

A você, professor/coautor desse livro, deixo a seguinte mensagem: *Não importa o que nos propomos a fazer. Se nossa mente estiver aberta e o coração cheio de afeto, cumplicidade e dedicação, com certeza dará certo! Tenho orgulho do desafio aceito, da ousadia de transformação e da humildade que tiveram de crescermos juntos e de aprenderem com os seus alunos. Saibam que é nos detalhes daquilo que externamos com amor, que podemos deixar a nossa marca. Gratidão a todos!*

A você leitor, desejamos um proveitoso encontro consigo mesmo e/ou uma instigante aprendizagem. A qualidade das nossas ações só será percebida, discutida e valorizada quando nos diferenciarmos e compartilharmos as ideias que deram certo. O reconhecimento de um trabalho bem feito aumenta a motivação de todos. E é disso que precisamos: de professores e alunos motivados na construção de novas práticas e novos saberes.

Eliane Cândido

*Coordenadora do São Léo em Cine
SMED – São Leopoldo/RS
Ano 2015-2016*



Figura 3 – Troféu Imigrante 2015 e 2016 ao grande parceiro Cinesystem Cinemas do Bourbon Shopping de São Leopoldo, onde os curtas estudantis foram exibidos.

CONSTRUINDO SONHOS

Eliane Candido

eliane.candido21@gmail.com

A cultura tecnológica faz emergir pela primeira vez a reunião não só da memória dos profissionais da educação da nossa cidade como também do seu fazer pedagógico e da comunicação estabelecida com seus alunos através textos, desenhos, imagens, expressões, sons e edições, aliados à criatividade, troca de ideias, informações e aprendizagens coletivas.

As experiências descritas no **São Léo em Cine: a escola construindo sonhos**¹ refere-se à produção audiovisual que nossos professores se propuseram a orientar e desenvolver com os educandos, na qual ambos aprenderam mutuamente para se apropriarem de uma nova linguagem educacional.

Segundo Moran (2007), a cada dia torna-se mais importante a presença de educadores com maturidade intelectual e emocional que acompanhem os avanços tecnológicos. Destaca a importância de termos em nosso meio *“pessoas curiosas, entusiasmadas, abertas, que saibam motivar e dialogar. Pessoas com as quais valha a pena entrar em contato, porque dele saímos enriquecidos”*. (MORAN, 2007, p. 28).

Portanto, agradecemos aos nossos professores pelo aporte na realização do nosso primeiro festival de vídeo estudantil de São Leopoldo e pela contribuição de suas vivências que deram origem a esta obra. Nossa gratidão, também, às Equipes Diretivas que acreditaram no trabalho proposto, aos administradores e colegas da Secretaria Municipal de Educação pelo apoio, confiança e parceria.

¹ “A escola construindo sonhos” foi um subtítulo sugerido pelo professor Paulo Espinoza da Escola Municipal de Ensino Fundamental São João Batista.

Somos imensamente gratos a todos os alunos participantes do São Léo em Cine, pois o programa foi criado a fim de proporcionar-lhes uma aprendizagem mais dinâmica e envolvente. Nada seria possível sem o envolvimento e a contribuição enriquecedora de cada um. Portanto, os protagonistas desse sonho foram eles que ao mesmo tempo aprenderam e nos ensinaram muito.

Quando voltamos nosso olhar à educação contemporânea, percebemos uma triste realidade: temos alunos Nativos Digitais² (Prensky, 2001) que demonstram encantamento pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e escolas que ainda persistem num único modelo de comunicação (leitura e a escrita) legitimado ao longo dos séculos. Rosa (2012) destaca que há muito tempo o mundo é mediado por imagens e sons, sejam fotografias, ilustrações, expressões plásticas, vídeos, filmes e músicas. *“Estes elementos fazem parte do cotidiano desta geração e chegam aos lares e à cognição das crianças muito antes de irem para a escola”*. (ROSA, 2012, p. 05).

Na perspectiva de contribuirmos para mudar esse cenário e por acreditar no potencial das TICs como motivadoras de *“novas e diferentes maneiras de produção de saberes e descobertas de conhecimentos”* (ALMEIDA, 2005, p. 42), desenvolvemos o programa **São Léo em Cine** com o objetivo de compreender as relações existentes entre a didática e as produções audiovisuais nas múltiplas áreas do conhecimento, oportunizando a construção de curtas-metragens como um recurso capaz de instigar, estimular e ampliar várias aprendizagens e vivências do cotidiano escolar e para além dele.

O recurso audiovisual na educação está associado às variadas formas de aprendizagens, interação, cooperatividade, inclusão social, expressão oral, escrita e corporal que estão intrínsecas nesse meio de comunicação. Segundo Pereira³ (2008), perpassa pelos temas transversais, pelas vivências dos alunos, por

² Nativos Digitais são aqueles que nasceram na Era Digital cercados de novas tecnologias. PRENSKY, M. Nativos Digitais, Imigrantes Digitais. Tradução: SOUZA, R. MCB University Press, Out. 2001.

³ PEREIRA, Josias. Novas tecnologias de informação e comunicação em redes educativas – Faculdade de Cinema: Universidade Federal de Pelotas (UFPel). ERD Filmes, 2008.

diferentes formas de linguagens, permite um currículo mais abrangente, construtivo e flexível que dá vez e voz a educandos e educadores numa aprendizagem mais significativa e prazerosa.

Através do apoio recebido do projeto de extensão da UFPel coordenado pelo referido autor, pudemos viabilizar aos alunos e aos professores da rede municipal leopoldense o acesso à cinematografia, sensibilizando-os sobre a importância do recurso audiovisual no contexto escolar e incentivando-os a produzirem seus próprios curtas-metragens.

Essa parceria possibilitou ao São Léo em Cine oferecer os seguintes suportes teóricos e práticos, presenciais e/ou a distância: formação continuada para os educadores interessados, palestras, atendimento individual, oficinas *online* aos alunos realizadores dos filmes e aos professores orientadores dos mesmos.

No *site* [São Léo em Cine](#) disponibilizamos diversos materiais e informações: videoaulas, tutoriais, livros, apostilas, *links* de mídias livres de direitos autorais, edital do festival, regulamento, inscrição, documentações legais, votação popular *online* e divulgação de suas produções. Propusemos outros canais de comunicação tanto na rede social *Facebook* do [São Léo em Cine](#), como no Grupo do *Whatsapp* entre professores x alunos e professores x coordenadores da SMED.

Da mesma forma, buscamos o apoio do Cinesystem Cinemas do Bourbon Shopping de São Leopoldo por ser o espaço consagrado da cultura cinematográfica. Um dos sonhos que viabilizamos aos educandos e à comunidade escolar foi a oportunidade de assistirem às suas produções audiovisuais na telona do cinema com todo o seu magnetismo e encantamento aliado à sofisticação e modernidade.

Segundo Marques (2015) o cinema apresenta múltiplas funções:

Ele diverte, leva a catarse, informa, educa, conscientiza, suscita reflexões, divulga conhecimento e estimula o autoconhecimento. Por meio do cinema aprende-se sobre culturas variadas, depara-se com temas tabus, repensa-se valores, desconstrói-se e reconstrói-se conceitos, questiona-

se o poder instalado nas macro e microestruturas. O cinema perpassa todos os âmbitos da sociedade e do ser humano [...] propondo mudanças ou um novo olhar para o mundo existente. (MARQUES, 2015, p. 01).

Compartilhamos das mesmas ideias da autora com relação aos curtas estudantis que possibilitam entretenimento, reflexão das temáticas, releitura de situações vivenciadas no cotidiano e de construção coletiva que fomentam diversas aprendizagens entre educandos e educadores. Além disso, a arte de fazer cinema na escola promove a superação, o resgate da identidade, sentimentos, autoestima e motivação ao atuarem como protagonista dessa atividade tecnológica e pedagógica.

Outro sonho realizado foi a cerimônia de premiação no estilo “Oscar” com todo o *glamour* para os nossos pequenos e grandes astros estudantis. A Sociedade Orpheu ganhou uma *performance* de sala de espetáculo. O salão foi decorado com os *banners* dos filmes produzidos para o festival e com iluminação cênica em vários pontos do mesmo. Havia duas réplicas da estátua do Oscar, uma no palco e outra no *hall* de entrada junto ao *backdrop* do São Léo em Cine e Prefeitura de São Leopoldo. Vários fotógrafos esperavam a chegada das limusines que transportavam os atores até a sociedade. Subiam pelo tapete vermelho até o *hall* onde outros fotógrafos os aguardavam para a fotografia clássica junto à estátua do Oscar, diante do *backdrop* do festival. Depois seguiam o caminho das estrelas (estrelas douradas fixadas no corredor principal do salão) que os levava às acomodações e ao palco.

Após a abertura artística do evento, o Secretário de Educação dá início ao festival. Num telão passávamos trechos de quinze segundos de cada um dos cinco curtas-metragens mais votados em cada categoria. A cerimônia seguia nessa ordem: no telão anunciávamos o terceiro lugar e depois o segundo lugar. Cada grupo declarado vinha ao palco, ao som da plateia e de uma trilha sonora empolgante, para receber o Certificado correspondente à categoria avaliada pelo júri popular (alunos e comunidade em geral) e pelo júri técnico (profissionais da área audiovisual e pedagógica).

Antes de mostrar o primeiro lugar, chamávamos ao palco uma das autoridades, jurados ou apoiadores para abrir o envelope dourado e anunciar o vencedor para receber o Troféu Imigrante 2015.

Impossível descrever a alegria, vibração e euforia do público presente quando visualizavam os cinco filmes indicados e quando anunciados para receber o prêmio. Um momento ímpar aos alunos que ficará para sempre em suas lembranças, tanto por terem vivenciado e participado do filme quanto por sentirem seus esforços reconhecidos e valorizados através dos eventos de exibição no cinema e de premiação do festival. Destaco uma frase dos Irmãos Lumière⁴ que elucida esse acontecimento, bem como todas as etapas da produção audiovisual: *"Se a teoria é rapidamente esquecida, o gesto e a experiência artística ficam no corpo, na memória, no olhar"*.

Sobre a questão da competição no âmbito escolar, ratifico o que expressei verbalmente quando questionada sobre a premiação do festival: *o ser humano compete o tempo todo, seja na família, na escola, no trabalho, em pequenos ou grandes grupos, enfim, vivemos numa sociedade capitalista que é intensamente competitiva* e que está o tempo todo cobrando do indivíduo melhor preparação, conhecimento e dedicação na busca de suas conquistas.

Corroborar Pepe (2012, p. 01) ao mencionar que *"em toda situação em que há relações humanas há competitividade"* e Brun (2016, p. 01) ao destacar que *"desde os tempos mais primitivos, o homem traz consigo a necessidade de competir. O próprio instinto de sobrevivência fez com que ele se habituasse a enfrentar desafios"*.

Levando em consideração que estamos nos referindo a crianças, diferentes autores sugerem preparar os alunos para o espírito competitivo, porém conduzindo-os a darem mais importância ao espírito colaborativo. Brotto (1997, p. 03) assegura que *"se o importante é competir, o fundamental é cooperar"*. Sugere que a vivência de situações cooperativas contribui para que os alunos aprendam a se relacionar de forma construtiva.

⁴ Auguste e Luis Lumière são, por vezes, considerados os pais do cinema, por terem sido os pioneiros na exibição de imagens em movimento. Fonte: InfoEscola. Disponível em <http://goo.gl/NiAtsj>.

Portanto, devemos incentivar os nossos alunos a trabalharem em equipe ressaltando a cooperação ante qualquer outra condição. Estimulá-los a participarem com boas ideias, sugestões, palavras positivas, respeito a opiniões e diferenças, prazer e alegria pelo que estão fazendo, incentivar a serem críticos, a avaliarem suas ações e as do grupo, a observar onde podem melhorar, enfim, a construírem hábitos e costumes mais solidários e cooperativos. Dessa forma, segundo Brun (2016, p. 01) *“a competição assume um enfoque mais lúdico e educativo, eles aprendem a lidar com diversas situações”*.

Do início ao final do festival nosso intuito foi valorizar todos os esforços e energias que os participantes doaram para a realização das suas produções de vídeos, levando em consideração o trabalho pedagógico construído nas inter-relações e nas temáticas. Nenhum curta-metragem deixou de ser exibido no cinema. Na noite de premiação, todos foram recebidos como verdadeiros astros. O prêmio não se restringiu ao Troféu Imigrante dado aos primeiros colocados, pois outras curtas receberam o Troféu de Menção Honrosa e certificados diferenciados correspondentes às categorias. Posteriormente, professores e alunos envolvidos na produção dos vídeos receberiam uma certificação padrão da SMED pela participação no festival.

Por ser nossa primeira experiência na organização de um festival de tamanha grandeza, era de se esperar que muitas atividades desenvolvidas fossem positivas e outras nem tanto. Mais uma vez contamos com a participação dos envolvidos para avaliarmos cada ação do São Léo em Cine com o intuito de alinhar o programa às necessidades e expectativas de todos. Por último, deixamos o seguinte questionamento aos professores: O que a produção audiovisual acrescentou para a vida do aluno e na sua vida pessoal e profissional?

Cabe destacar alguns relatos dos nossos coautores: *“Seria necessário um livro (risos). Poderíamos tecer redes infinitas de pensamento tentando imaginar o que cada um de nós participantes, deixou de fazer, de escrever, de sugerir, de gravar”*, descreveu o Professor A (2015). *“Podemos levar as crianças a lugares que elas nem imaginavam. Aparecer na tela do cinema, andar de limusine, ter uma noite de fama, tudo isso foi incrível para*

meus pequenos. Vê-los felizes é a maior recompensa para um professor”, disse o Professor B (2015).

Ele complementa:

“O São Léo em Cine nos proporcionou desenvolver novas competências, ressaltou habilidades, formação do pensamento crítico e amadurecimento. Os alunos puderam perceber que podem potencializar outras habilidades e competências que muitas vezes não são exploradas. Para a nossa vida profissional acrescentou muito no fazer e pensar pedagógico e que é possível inovar e aplicar novas metodologias em sua sala de aula”. (PROFESSOR B, 2015).

Sobre os quesitos de participação e envolvimento dos educandos protagonistas, os professores destacam: *“Temos hoje na escola, cada vez mais alunos querendo participar dos curtas e esse trabalho em grupo é maravilhoso” (PROFESSOR C, 2015); “Eles adoraram e querem participar novamente” (PROFESSOR D, 2015); “Foi importante por se tratar de uma linguagem diferente e significativa na área de Artes”. (PROFESSOR E, 2015); “Oportunizou aos alunos mostrarem para os demais colegas da rede municipal sua rotina no projeto, inclusive relatando seus crescimentos e evoluções” (PROFESSOR F, 2015).*

“Ter participado do curta-metragem, visto sua atuação na telona e saber que outros estavam prestigiando, foi muito enriquecedor para os alunos enquanto pessoas comuns (não atores e atrizes). Percebi um grande crescimento, especialmente na sua autoestima”. (PROFESSOR G, 2015).

Ao mencionarem sobre sua prática pedagógica e suas aprendizagens relatam: *“A cada filme produzido com meus alunos eu aprendo junto, vejo o mundo de forma diferente e de um jeito novo. Produzir vídeos é uma forma de conhecer e de se conhecer, e essa caminhada ao lado de crianças e jovens é revigorante!” (PROFESSOR H, 2015).* Já o Professor K (2015) enfoca: *“Pra minha vida profissional acrescentou tempero, olhar o*

meu fazer docente sob uma nova perspectiva, contemplar as aprendizagens possíveis a partir do audiovisual e compreender mais ainda o “cinema” como uma linguagem presente”.

O professor conclui:

“A partir desse momento, ver os estudantes como produtores, atores e criadores dessa linguagem foi ver a educação sob um novo prisma, colorido, agradável e prazeroso. Aprendi que trabalhar com audiovisual é educar o olhar para os detalhes, para a precisão dos roteiros, detalhes dos cenários, clareza das narrativas. Possibilitou novas reflexões sobre os estudantes e sobre os espaços da escola. Houve maior aproximação entre professores, estudantes e funcionários na apreciação da arte”. (PROFESSOR K, 2015).

A prática de produzir vídeos proporciona a interatividade entre seus pares, tanto para iniciantes quanto para aqueles que já trabalham com esse recurso há mais tempo. Sendo assim, afirmam: *“Permitiu-nos descobrir a importância da escola em realizar projetos que envolvem o coletivo [...] aprendiam em grupos, harmonizavam as relações interpessoais e proporcionavam um clima de bem-estar e alegria no dia a dia da escola”* (PROFESSOR L, 2015). Os Professores M e P (2015) relatam: *“A produção audiovisual já faz parte da vida dos nossos alunos e da nossa escola há alguns anos. Com o tempo fomos construindo com os alunos uma relação de parceria e de trabalho em conjunto”.*

Eles destacam:

“O cinema já não é mais visto como uma perda de tempo, um “Tapa buraco” na aula ou algo só pra curtir. O cinema já faz adeptos e colhe frutos muito positivos na nossa escola. Ser reconhecido, valorizado e estimado – principalmente para alunos de periferia – é algo que faz toda diferença. Percebemos que muitos encaram a Oficina de Cinema da nossa escola como algo bastante sério, com organização, disciplina, ordem, postura. [...] Assim sendo, o trabalho do professor fica mais tranquilo, pois somos organizadores e orientadores. Eles são

corresponsáveis por toda produção. Para nós professores, é um prazer fazer parte de um projeto tão gratificante como este, onde sabemos que estamos tirando alunos das ruas para inserirem neles a arte e a paixão pelo cinema”. (PROFESSORES M e P, 2015).

Através desses relatos podemos perceber diversas manifestações positivas ao fazerem uso do recurso tecnológico na educação. Mesmo destacando a importância dessa ferramenta na vida do aluno e para seu crescimento pessoal e profissional, também compartilharam os contentamentos, as dúvidas e angústias a cerca das produções audiovisuais. Já dizia Moran (2000, p. 17) que *“aprender é passar da incerteza a uma certeza provisória que dá lugar a novas descobertas e a novas sínteses”*.

Foi uma longa caminhada até chegarmos a finalização do festival e aos escritos desse livro. Nem tão longa assim, pois tivemos que aprender muitas coisas juntos em um tempo *record*. Como disse o professor Dr. Josias Pereira, foi um *“festival expresso”*. Em poucos meses, de outubro a dezembro, corremos contra o tempo para alcançarmos os objetivos propostos inicialmente e irmos além deles. Foram momentos de aprendizagens, curiosidades e ansiedades mesclados com satisfações e realizações.

Quanto ao título desse livro, cabe ressaltar que a escola sozinha não constrói sonhos, tampouco o programa São Léo em Cine. Quando penso na escola construindo sonhos, imagino os protagonistas desse espaço fazendo algo inovador e atingindo seus objetivos na busca de novas formas de aprender e ensinar.

Para Cury (2004), ninguém precisará de sonhos para ser um simples trabalhador, rotineiro, que anos após anos faz a mesma coisa no automático, que não tem ideais e que a única coisa que espera é o salário no final do mês. *“Mas precisará de muitos sonhos para ser um profissional de excelência, que fica atento às mudanças, tem coragem pra corrigir rotas, tem ousadia pra fazer das suas falhas e dos seus desafios um canteiro de oportunidades”*. (CURY, 2004, p. 148).

Nesse sentido, a escola construiu sonhos, porque tivemos profissionais que levaram a proposta do São Léo em Cine para o ambiente escolar e conquistaram adeptos; que depois de uma jornada de quarenta horas de trabalho vinham buscar conhecimento e/ou aperfeiçoamento nas formações que ocorreram à noite; que orientaram os vídeos mesmo com muitas dúvidas os rondando; que incentivaram seus alunos e plantaram sementes de esperança e superação.

A escola construiu sonhos, porque tivemos alunos abarrotados de ideias e comprometidos durante todo o processo, que motivados foram adquirindo autonomia, confiança e criticidade em suas produções, que se sentiram valorizados ante seus próprios colegas, escola, pais e comunidade, que foram incluídos nessa proposta pedagógica, que puderam trabalhar prazerosamente na construção de diversas aprendizagens e que deslumbrados colheram os frutos dos seus méritos.

Assim sendo, todos os atores do processo educacional foram encantados, foram estimulados a sonhar, a pensar grande, a criar coletivamente, a aprender mutuamente, a vivenciar cada cena gravada na ficção e, finalmente, no acender das luzes desse espetáculo viram seus sonhos se tornarem realidade...

E a plateia os aplaudiu!



Figura 4 - Banners dos vídeos produzidos pelos alunos e professores, decorando o Cinesystem Cinemas, em uma das manhãs de exibição dos curtas à comunidade escolar.

CURTAS-METRAGENS ENRIQUECENDO AS PROPOSTAS PEDAGÓGICAS

Ana Patrícia Amorim

No presente ano a Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Álvaro Luis Nunes participou do programa educacional São Léo em Cine, cujo objetivo era produzir um ou mais curta-metragem associado a alguma proposta pedagógica. É de conhecimento dos profissionais da educação que para oferecer um ensino adequado às necessidades do aluno, a escola precisa saber o que pretende, envolvendo a equipe e a comunidade na concretização dos seus projetos. A forma como os conteúdos são abordados certamente influencia no resultado final, sendo uma das responsáveis pela aquisição do conhecimento pelo aluno ou não.

Enquanto profissional da educação, afirmo que a variação das práticas requer muito mais do que simples mudanças na execução das aulas, visto que temos a nossa frente uma geração de crianças e jovens que já não se enquadram mais naquele perfil um tanto estático dos estudantes das décadas de oitenta e noventa. A criança e o jovem de hoje, desde muito pequeno, já mantém uma relação muito íntima com *tablets* e *smartphones*, fato que desencadeia no aluno a necessidade de também associar o uso de tais recursos ao ambiente escolar frequentado por ele. Porém, para que a tecnologia seja adequada à aprendizagem, faz-se necessário pensar nas práticas pedagógicas e desenvolvê-las de acordo com os avanços tecnológicos.

A proposta do projeto desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação de São Leopoldo oportunizou aos professores criarem, junto aos alunos, roteiros de curtas para então alinhar o conhecimento dos temas abordados ao uso da tecnologia.

Alguns estudos apontam o uso da tecnologia como o responsável por crianças apresentarem um raciocínio muito rápido; porém, em contrapartida, afirmam que essa mesma tecnologia traz uma geração mais retraída e menos criativa, pois brincam sozinhas em suas casas, apenas com o *tablet* e/ou o *smartphone* sem um contato com outras crianças.

Ao desenvolver a produção de curta-metragem como prática pedagógica tal fator já não é preocupante, pois permite aos alunos realizar a prática do projeto coletivamente.

Após nossa instituição ser convidada a participar do São Léo em Cine, as professoras engajadas no desenvolvimento do projeto dialogaram a fim de delimitar um tema para a gravação. Como temos um número grande de alunos envolvidos no projeto extracurricular “Canoagem”, optou-se então em retratar através do curta a rotina dos nossos alunos neste projeto.

A construção do roteiro deu-se também com a participação dos alunos envolvidos, já que apresentaram sugestões de como poderíamos mostrar aos demais alunos o que ocorre nos dias de aula de canoagem.

Após o desenvolvimento do roteiro de forma coletiva, foi agendada junto aos responsáveis do Projeto Canoagem, a data para a gravação das cenas.

A gravação de um curta-metragem no ambiente escolar requer muitos cuidados, pois se faz necessário que as famílias autorizem o uso da imagem da criança, prática costumeira em nossa escola sempre que utilizamos fotos ou vídeos dos alunos em blogs ou redes sociais.

Na sequência do desenvolvimento do projeto foram agendados horários junto à coordenadora do projeto Canoagem e aos instrutores para que então realizássemos as gravações.

O uso da tecnologia num trabalho pedagógico não requer grandes habilidades, pois nosso curta-metragem foi gravado com câmera filmadora comum e aparelho celular, o que nos estimula ainda mais, pois cada desafio enfrentado seja durante as gravações

ou durante a edição de um curta-metragem, nos leva à superação das próprias habilidades, já que as profissionais envolvidas e os alunos não apresentam formação específica voltada à área tecnológica. As gravações de curta como prática pedagógica oferecem muito mais oportunidades de aprendizagem do que se imagina ao iniciar o trabalho. Ao pensar em um roteiro o aluno necessita analisar de que forma o assunto escolhido levará o público à compreensão de que por trás há uma proposta pedagógica, que há um tema relevante à sociedade e que, por isso, está sendo abordado como um trabalho escolar.

Seguindo o cronograma determinado pelas professoras envolvidas no projeto, a gravação iniciou desde a saída da escola, seguindo no trajeto realizado pelos membros do projeto Canoagem, até a chegada à sede do projeto. Lá, mostrou-se que os alunos se preparam para a prática do esporte através de aquecimentos, alongamentos e exercícios físicos mais intensos. O curta também retratou que os instrutores orientam os integrantes do projeto a como praticar a atividade de forma correta, zelosa e competitiva. As gravações ainda oportunizaram mostrar que mesmo os alunos com limitações físicas são capazes de desenvolver o esporte apresentado no projeto.

Ao decidir por utilizar a gravação de curta-metragem como proposta pedagógica é também fundamental que o aluno perceba que a proposta escolhida se enquadrará melhor num determinado gênero, o que também lhe auxiliará a expandir seus conhecimentos. Levar o aluno a acompanhar cada etapa da execução da gravação de um curta-metragem torna o trabalho muito mais significativo, visto que, antes de vermos o filme rodando, existe todo um processo de organização de ideias e de escolhas. O desenvolvimento nessa sequência do trabalho levará o aluno a ter maior convicção de que quando existe um planejamento, o trabalho tem maior probabilidade de atingir seu objetivo inicial.

Outro fato que se faz interessante citar neste relato de experiência é o engajamento de outros profissionais, visto que dependendo do roteiro, os alunos adquirem a oportunidade de conhecer outras áreas profissionais também. Durante as gravações

do curta Canoagem em São Léo, os alunos tiveram também a oportunidade de acompanhar o trabalho da Guarda Municipal do município de São Leopoldo, pois esses profissionais conduziram as professoras pelo rio, através de lancha, para que filmassem em melhor ângulo os alunos praticando a canoagem. Segue alguns registros dos momentos de gravação do curta-metragem:



Figura 5: Alunos na sede do Projeto Canoagem se preparando para a prática do esporte.



Figura 6: Momento em que os alunos ingressam no Rio dos Sinos.

Além de todo o conhecimento tecnológico adquirido ao utilizar o curta-metragem como ferramenta de trabalho escolar, o aluno também se torna beneficiado pelo fato de estar trabalhando a sua desenvoltura e desinibição.

Por fim, através desse relato, reafirmo que a tecnologia associada às práticas pedagógicas, quando bem empregada, é um grande aliado do professor e dos alunos, os oportunizando ganhos de conhecimento e crescimento, tanto intelectual quanto cultural.



Figura 7 - Chegada dos alunos ao cinema do Bourbon Shopping de São Leopoldo.

OFICINA DE CINEMA NA ESCOLA - UMA NOVA PROPOSTA PEDAGÓGICA

**Andréa Rodrigues¹
Diego Comerlato Walter**

A fascinação do homem pelo cinema vem de longa data. Assistir a filmes, muitas vezes é um evento social. O cheirinho da pipoca, a tela escura, o som, tudo faz parte de uma experiência mágica.

Na escola, a sessão de cinema também é vista como um evento. Muitos alunos nem percebem que a exibição dos filmes pode ser algo pedagógico. O professor que se utiliza do recurso cinematográfico para ensinar em suas aulas de história, geografia, português, é um profissional que sabe usar essa ferramenta a seu favor.

Mas, quando deixamos de ser simplesmente um mero espectador para ser um agente de cinema? É possível fazer cinema na escola?

Desde 2012, a EMEF João Belchior Marques Goulart vem desenvolvendo a experiência do cinema na prática de sala de aula. A Oficina de Cinema JG envolve alunos de várias turmas num grupo interessado em produzir o cinema para os próprios colegas.

Entendemos que é possível vivenciar o cinema além de simplesmente assisti-lo. Segundo Alain Bergala, “a arte não poderia ser concebida pelo aluno sem a experiência do fazer”. Sendo assim, além de pintar, desenhar, esculpir, o aluno pode conceber arte através do audiovisual.

Até a presente data, já realizamos mais de 30 produções entre vídeos cliques, vídeos curtíssimos e curta metragens. Comédia,

¹ Professores de Artes e Cinema.

suspense, romance, documentário, ação, terror, são gêneros que fazem parte das produções dos alunos da escola.

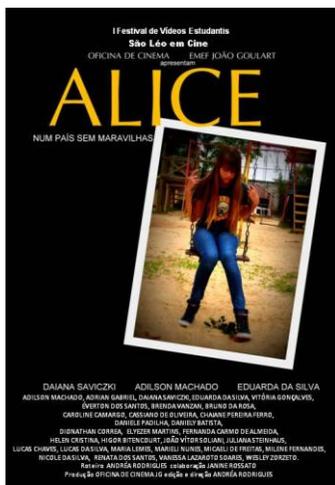
Sabemos que o aluno que estuda cinema consegue compreender melhor seu papel na sociedade e, muitas vezes, tem sua autoestima elevada por causa dele.

Bergala também afirma que "Se o encontro com o cinema como arte não ocorrer na escola, há muitas crianças para as quais ele corre o risco de não ocorrer em lugar nenhum".

Sendo assim, estamos comprometidos em promover encontros com o cinema na nossa escola. Nossos alunos vivenciam isso há mais de três anos e sabemos que eles têm crescido muito com isso e nós também.

No Festival de vídeo estudantil promovido pelo programa São Léo em Cine da Secretaria Municipal de Educação, apresentamos cinco produções.

Dentre elas, duas foram realizadas no ano de 2014 e as outras três no ano de 2015. Foram elas: Alice num país sem maravilhas, Adalgamir e Adgesto, A Mochila dos Pecados, Atorment[ar] e Venha Ver o Pôr do Sol.



ALICE NUM PAÍS SEM MARAVILHAS (2014 - 12 min.)

Sinopse: Alice vive num País sem maravilhas, fruto de uma família destruída pela violência e o alcoolismo, vê sua vida passar sem muitas perspectivas otimistas. Ao conhecer JF, um aluno novo acredita ter encontrado um presente. Mas as circunstâncias mostrarão quem são realmente os presentes que ela tem.

O filme Alice nasceu de uma conversa com a professora de sociologia, Janine Rossato. A turma havia recém terminado um projeto em que falavam sobre violência doméstica, abuso sexual e, em como era preciso romper o ciclo da violência, antes que ele continuasse a fazer mais vítimas. Alguns alunos relataram durante este projeto, casos de violência dentro das suas próprias famílias e de famílias de amigos e vizinhos.

A partir destes debates, fomos conversando sobre o possível roteiro do curta-metragem. A ideia era trabalhar com a turma inteira. As primeiras ideias eram de uma menina que conhecia um colega na escola, se apaixonaria e ele, a princípio muito querido, mais tarde se mostraria um abusador, violento e machista. No decorrer do curta ele a estupraria, o pai faria justiça com as próprias mãos, os dois acabariam na prisão e a menina acabaria muito triste e abalada.

Conversamos com os alunos sobre este primeiro roteiro. As professoras Janine e Andréa então fizeram alguns questionamentos e intervenções:

- ✓ Se usássemos este roteiro da forma como está, não estaríamos reforçando a ideia de que a violência se paga com violência?
- ✓ Que diferença e que reflexões desejamos mostrar com a produção deste curta?
- ✓ Será possível provocar o espectador a ver uma nova possibilidade de final de uma história de abuso?
- ✓ É possível quebrar o ciclo da violência? De que maneira?

Este e outros questionamentos foram feitos e apresentados pelas professoras e pelos alunos. Perguntamos também sobre os valores mais importantes para cada um dos alunos. A maioria declarou que as amizades criadas dentro e fora da escola são a coisa mais importante para eles. Que os amigos, muitas vezes são o que eles têm de melhor. Quando dentro da própria casa o carinho e o amor faltam, são nos amigos que encontram colo, afeto e compaixão.

Então o roteiro foi reformulado. O ciclo de violência iniciava na família: Alice tinha uma mãe sofrida, que trabalhava demais, e um pai alcoólatra que não queria saber nada da mãe e muito menos dela. Carente, a menina se apegou ao primeiro menino bonito que lhe deu alguma atenção e lhe disse lindas palavras.

Quando o mesmo apresentou suas reais intenções ela disse não. Essa decisão lhe custou um isolamento e uma queda ainda maior na sua autoestima. Rejeitada pelas colegas, Alice só viu solidariedade numa menina, Duda, que se mostrou ser o melhor presente que Alice poderia ter recebido naquele momento.

Alice num país sem maravilhas foi uma produção realizada em um espaço muito curto de tempo, mas com uma intensidade tremenda.

Percebe-se que quando o aluno se envolve no projeto ele mergulha de cabeça. Trabalhar com uma turma inteira de sétimo ano não é fácil. Quando, porém, a turma é comprometida com seus professores e colegas, o resultado é maravilhoso.

Alice pode iniciar num país sem maravilhas, mas certamente seu final é uma aventura maravilhosa no país da amizade e do amor.



**ADALGAMIR E
ADGESTO em
DOS MALES O MENOR
(2014 - 13min.)**

Sinopse: Acontecimentos estranhos numa escola obrigam a diretora a chamar uma dupla de detetives particulares bem atrapalhados. O desfecho desta história é surpreendente.

Em outubro de 2014, um grupo de alunos da faculdade de

Jornalismo da Unisinos procurou a escola a fim de fazer uma parceria com a Oficina de Cinema JG. Na época, as professoras Andréa Rodrigues e Eliane Candido, coordenavam a mesma.

Os alunos do curso de Jornalismo souberam da Oficina através do Jornal Enfoque Vila Brás, realizado pelo curso e que consistia em produzir um periódico com assuntos de relevância para a comunidade em que a escola está localizada.

A ideia deles era conhecer a escola, a oficina e ministrar uma aula básica de produção de um curta-metragem. Os alunos da Unisinos vieram até a escola e conversaram com os alunos, mostraram vídeos, falaram sobre produção, direção de arte, de fotografia, som, edição, entre outros.

Após esta aula, a Oficina de Cinema deveria produzir um curta- metragem, exclusivo, para ser apresentado no encerramento da disciplina.

Como o espaço de tempo que tínhamos era curtíssimo, aproximadamente um mês, juntamos todas as ideias possíveis para a produção do filme em questão.

Os alunos queriam fazer o filme na própria escola e retratar o dia a dia dela, mas com algum toque de humor. Pensaram em falar sobre mistérios, cenas com um toque sobrenatural, etc.

Por fim, decidiram sobre uma história que retratasse a escola e também dois detetives atrapalhados que seriam contratados para desvendar os acontecimentos sinistros da escola.

Iniciamos as filmagens e tínhamos algumas cenas noturnas. A proposta era fazer com que os alunos da fictícia escola Afonso Onofre encontrassem todas as manhãs coisas estranhas e diferentes das do dia anterior.

Iniciamos as filmagens à noite, respeitando um horário restrito e tarde, já que o horário de verão havia iniciado na semana anterior e precisávamos de cenas realmente noturnas. Gravamos durante uma noite, até perto das 22 horas.

Durante o final de semana, porém, a violência no entorno da escola fez algumas vítimas, dentre eles amigos dos alunos que estavam fazendo o curta. Os pais, com medo de que seus filhos pudessem sofrer algum dano, não permitiram mais que eles filmassem à noite. Sendo assim, modificamos algumas cenas do roteiro original para que pudéssemos manter a integridade dos nossos alunos e respeitar o desejo das famílias.

Nosso roteiro ainda foi alterado mais algumas vezes e foi crescendo conforme íamos trabalhando. Uma cena que não estava prevista no roteiro é a parte em que a diretora encontra os detetives amarrados com uma corda e alguns bambolês. Inicialmente a cena deveria acabar no momento em que ela flagra os dois dormindo amarrados. No entanto, quando são surpreendidos por ela, os dois se assustam e caem no chão. Ao tentar se soltar um acaba puxando e arrastando o outro. Continuamos com a câmera ligada. A cena ficou tão engraçada que resolvemos aproveitá-la na produção final.

Outro detalhe interessante desta produção é que os dois detetives não têm uma identidade muito definida. Se observarmos no decorrer do filme, ora Adalgamir é Adalgamir e ora é Adgesto. Isto não foi intencional, mas algo que na produção final acabou dando um toque a mais de comédia.

O curta foi apresentado na Unisinos, na noite do dia 28 de novembro de 2014, quando alguns dos atores puderam mostrar seu trabalho e falar sobre ele para a plateia do curso de jornalismo.

Quando resolvemos criar uma dupla de detetives atrapalhados, nossa intenção era que eles pudessem se transformar numa série. Portanto, o primeiro filme chamou-se Adalgamir e Adgesto em “Dos Males o Menor”. Atualmente, Matheus e Josué, alunos que fazem os papéis dos detetives não estudam mais na escola, mas sempre que possível vêm visitar a oficina de cinema. Ambos estão dispostos a encarar mais uma produção dos detetives atrapalhados assim que um novo mistério acontecer por aí.



A MOCHILA DOS PECADOS (2015 – 9 min.)

Sinopse: Um grupo de amigos, curiosos com a atitude de uma colega que nunca deixava sua mochila sozinha, resolve desvendar qual mistério que ela carrega. O que eles não esperavam é que participariam de uma aventura surreal revelando não somente o conteúdo da mochila, como também o interior de cada um.

O processo de construção do vídeo "A Mochila dos Pecados" iniciou a partir de uma conversa com os alunos integrantes daquele filme sobre uma curiosidade que se tinha com a aluna portadora da mochila no filme.

Ela, durante todas as aulas e recreios, jamais tirava a mochila das costas gerando muitos questionamentos por parte dos colegas e professores sobre sua atitude. Com base nisso, surgiu a ideia central do roteiro para o filme e, em um dos encontros, o grupo participante da oficina foi orientado pelos professores Andréa Rodrigues e Diego Comerlato a seguirem esse enredo. Os alunos, então, foram dando várias sugestões e, aos poucos, foi se estabelecendo a estrutura do filme. Havia por parte deles bastante interesse em abordar uma história que tivesse características "fantásticas" com a participação de personagens como bruxos, fantasmas, mortos-vivos. Já outra parte do grupo, preferiria personagens mais próximos da característica humana, mais próximos do cotidiano como bandidos e *rappers*.

A conciliação entre as duas propostas de personagens foi trabalhar, então, um filme com características mais oníricas, mais próximas do surrealismo. O interior da mochila seria uma espécie de portal de acesso para uma dimensão paralela onde cada pessoa era vista de acordo com seus defeitos, sem conseguir enxergar-se daquele modo grotesco. Dentro dessa ideia abordamos os pecados capitais.

Os personagens foram divididos em Gula e Preguiça (Mortos-Vivos), Luxúria (DJ), Orgulho (Mafioso) e Inveja (Bruxa). Assim, a Mochila seria uma espécie de mundo de regeneração, no qual as pessoas lá dentro deveriam aprender a enxergar seus defeitos e não julgar os defeitos das demais. A portadora da Mochila, além de obter controle sobre seu interior, seria a única que saberia de seu conteúdo, sendo responsável por auxiliar na recuperação das pessoas.

Para darmos a noção de mundo paralelo, inserimos bastantes efeitos visuais nas cenas que se passavam no interior da Mochila, com exceção do salão dos espelhos, no qual eles faziam a descoberta de toda a trama e de si mesmos. O grupo achou interessante iniciar a história através do mundo normal, onde os alunos, em um momento de descuido da portadora da mochila e movidos pela curiosidade, acabam sendo "sugados", acordando já transformados dentro dela. Para essa ideia de sucção da Mochila, utilizamos filmagens com foco na sombra da mesma junto com a sombra dos alunos "pulando" e "mergulhando" dentro dela.

Durante as filmagens da cena em que os alunos eram sugados, fizemos uso da rampa da escola. Colocamos alguns colchonetes no chão do primeiro andar e os alunos foram pulando um a um da rampa. Uma das alunas, porém, caiu sentada, de mau jeito e nos deu um enorme susto. Na queda, ela sentiu muita dor na região lombar, ficamos muito preocupados que ela tivesse fraturado alguma vértebra. Felizmente, após massagem e gelo ela estava novamente bem e pronta para continuar as filmagens.

O final da história, além de mostrar o fracasso da portadora da mochila em regenerar seus colegas, deixando eles presos dentro

deste mundo, seria de que tudo não passasse de um sonho de um deles, deixando ainda em aberto se foi verdade ou não o que ele sonhou. Esse final já havia sido sugerido no início do processo e foi ainda mais reforçado, pois a Mochila que foi utilizada nas primeiras filmagens acabou sendo avariada, necessitando ser substituída no meio das filmagens e trocada propositalmente no final do filme.



ATORMENT[AR] (2015 – 13 min.)

Síntese: Anne é uma típica adolescente insegura que se vê enfrentando a troca de escola. O que deveria ser uma fase de descobertas e alegrias torna-se uma tortura. Tímida, ela se vê sozinha e sem saída diante do que para muitos era apenas uma brincadeira. Cansada, ela decide colocar um fim nesta situação atormentadora.

A construção do filme “Atorment[ar]” foi também semelhante ao processo do filme a “Mochila dos Pecados”. O outro grupo integrante da Oficina montou o roteiro a partir de sugestões de ideias, orientado pelo professor Diego Comerlato.

O norte do filme foi trabalhar com o *bullying* dentro da escola, tendo como protagonista da história alunos que são novos no ambiente escolar e que são estudiosos. Uma das alunas foi selecionada para ser a vítima de *bullying* e as demais seriam as autoras da violência contra a mesma. Foram criadas várias situações para mostrar uma crescente perseguição e humilhação à aluna nova, bem como a indignação de alguns colegas com a prática de *bullying* para com ela.

A proposta dada pelos alunos foi a de que a protagonista fosse extremamente atormentada até o ponto de cometer suicídio. Houve a necessidade de levantar a questão punitiva para com os personagens que praticaram *bullying* dentro da história do filme. Destaco aqui a necessidade desta abordagem por parte dos alunos, pois não aceitariam o desfecho do filme sem que os culpados sofressem as consequências dos seus atos. Logo, abordamos a culpa de consciência através das cenas em que a figura da aluna morta aparecia na presença de "espírito" para aqueles que mais a atormentaram.

No final do enredo, além da confissão dos culpados, pois já não aguentavam a presença constante da aluna e nem da pressão dos colegas, levantou-se a proposta de inserir imagens da protagonista do filme em momentos de alegria, acompanhado com uma mensagem de alerta para com os crescentes casos de *bullying* nas escolas e a importância em combatê-lo.



VENHA VER O PÔR DO SOL (2015 – 12 min.)

Sinopse: Até aonde se vai por um grande amor? Ricardo seguiu seu coração e tentou mais uma vez trazer Raquel de volta para ele. Mas ela já estava vivendo uma história na qual ele não faz mais parte. Mesmo assim, pelos bons e velhos tempos, ela aceita o convite para um último encontro. O que Raquel não sabia é que Ricardo prepararia uma surpresa inesquecível.

Diferente dos dois processos anteriores de gravação e de construção de enredo, o filme "Venha ver o Pôr do Sol" partiu desta

vez, com a proposta de rompimento com o espaço escolar. A intenção foi explorar mais os espaços além da escola, dos quais já estavam todos saturados devido aos outros filmes, e mostrar para os alunos como é o processo de gravação em ambientes abertos, fora de estúdio.

Os professores Andréa Rodrigues e Diego Comerlato escolheram, então, o conto da escritora paulista Lygia Fagundes Telles que narra um último encontro de ex-namorados dentro de um cemitério abandonado. Para a realização deste filme foi necessário adquirir uma autorização especial de filmagem com a Prefeitura de São Leopoldo, bem como a autorização dos responsáveis legais dos alunos que iriam atuar no filme. Após isso, depois de algumas visitas, foi escolhido como local das gravações o cemitério Cristo Rei. O número de alunos participantes neste filme foi reduzido não só por causa da história, mas também por uma questão de logística, pois ficaria muito custoso e difícil transportar uma quantidade grande de alunos até as locações. Contudo, mantivemos um aluno dos filmes anteriores na edição e outro na revisão e direção de arte. Após a leitura do conto com os alunos e a divisão dos personagens, iniciamos um trabalho de atuação com os protagonistas da história por algumas semanas. Um dos alunos participantes ficou encarregado das filmagens e da direção do filme junto com os professores. As filmagens foram realizadas durante a tarde devido ao pôr do sol, necessário ao enredo da história. Foi consenso geral entre o grupo a necessidade de se explorar tomadas de vários ângulos e planos no decorrer da história. A abertura, por exemplo, foi filmada em primeiro plano nos pés, seguidos de *plongées* e *contra-plongées* no entorno e entrada do cemitério, sendo usado juntamente com outros planos e ângulos no decorrer do filme.

Também foi levantada a necessidade de aproveitar os elementos do cemitério, como cruzeiros, estátuas, árvores, sepulturas, para complementar as ações e falas do enredo principal, deixando que o espectador construísse leituras simbólicas e de duplo sentido durante as cenas. Acrescentando essa ideia, colocamos entre transições de algumas cenas imagens de algumas estátuas no cemitério como se estivessem reagindo aos acontecimentos da

história. Utilizamos algumas tomadas em “*flash-back*” para dinamizar algumas cenas que seriam somente de diálogos.

Conseguiu-se uma cripta abandonada para as filmagens das cenas finais, quando a personagem “Raquel” é presa. Porém, não havia grades para fazer uma tomada como se ela estivesse realmente trancada dentro da cripta. Filmamos, então, com enquadramento em plano fechado e sobreposemos uma foto de grade sobre a cena, intercalando cortes com imagens em primeiro plano das mãos, atrás das grades, de outro local, sacudindo-as. Após o desfecho da história comentamos a necessidade de realizarmos uma tomada aérea do cemitério, acompanhado do grito da protagonista. Tentamos utilizar um *drone*, mas, infelizmente, não conseguimos construí-lo em tempo hábil, nem comprá-lo. Pesquisamos por imagens na internet e conseguimos encontrar uma imagem aérea de um cemitério que se enquadrava no final do filme.

Durante as filmagens vivenciamos algumas situações muito curiosas. Como estávamos em um cemitério, muitas vezes tivemos que regravar uma ou outra cena por conta de pessoas caminhando ao longe, coveiros trabalhando e até cachorros circulando. O clima deveria ser de cemitério abandonado e, portanto, não poderia aparecer ninguém além dos atores. Numa das tardes de filmagens notamos que uma senhora nos observava com uma expressão de “poucos amigos”. Ela ficava a uma certa distância, mas sempre observando. Quando já estávamos quase acabando as filmagens um dos coveiros se aproximou e nos perguntou o que estávamos fazendo. Mostramos a autorização da prefeitura, explicamos o que estava acontecendo e que já havíamos conversado com o chefe dos coveiros. Ele agradeceu continuamos nosso trabalho. Acreditamos que o moço somente veio conversar conosco por conta da insistência e desconfiança da tal senhora.

A experiência de sair da escola para filmar em outro local motivou os alunos a outras vezes romper com as barreiras dos muros da escola.

Levamos dois meses para finalizar este trabalho juntando filmagem, edição, dublagem e trilha sonora. Destacamos o

crescimento dos alunos como atores, cameraman e diretores neste processo, pois iniciaram bem trancados em cena e terminaram bem à vontade e seguros em seus papéis e funções. Tanto que nos filmes seguintes que produzimos neste ano, estão com mais autonomia no processo de filmagem.

Produzir cinema dentro da escola além de ser uma nova proposta pedagógica, é uma forma atraente de ensinar e aprender. Os alunos se mostram muito envolvidos, comprometidos e curiosos com tudo o que diz respeito a esse assunto. Descobrimos por exemplo, muitos talentos além dos atores. Figurinistas, editores, câmeras, fotógrafos e, principalmente, simpatizantes. Muitos alunos nos procuram dizendo que não querem atuar, mas querem estar junto, ajudar nos bastidores, colaborar no que for necessário. O processo de ensino aprendizagem se faz assim, estreitando laços, trabalhando juntos e convivendo. Nossos alunos aprendem e ensinam. Todos são desafiados a fazer mais.

Importante ressaltar também que nossas produções, muitas vezes são utilizadas pelos professores para trabalhar e debater determinados assuntos em sala de aula. *Bullying*, abuso sexual, assédio e violência são apenas alguns dos assuntos tratados a partir das produções realizadas na Oficina de Cinema JG. As temáticas sociais sempre estiveram presentes nos nossos curtas. No ano de 2014 filmamos Madalena, uma história de vida. Essa produção foi premiada no Festival Internacional de Cinema Estudantil de Santa Maria – Cinest com o troféu de Temática Social, o que para os alunos foi uma conquista muito importante. Ser premiado em um festival internacional nos fez ver que nossa prática pedagógica é valorizada e reconhecida. Nossos alunos sentiram-se muito orgulhosos de fazer parte deste projeto. Além do filme Madalena, também enviamos para este festival outros curtas da escola.

Esperamos poder continuar esse processo novo de ensino e aprendizagem. E preparamos para lançar em 2016 nossos primeiros filmes de média metragem.



Figura 8 - Coordenadora do festival dando as boas-vindas ao público presente no cinema.

EDUCAÇÃO ATRAVÉS DA IMAGEM

Candace Luciana Albrecht Lassig

A formação

Sou professora de Ensino Fundamental há vinte e três anos. Quando tomei conhecimento da formação São Léo em Cine me interessei pelo convite: “Educação através da imagem”. Depois de tanto tempo de magistério, com o foco voltado para a alfabetização, estava com desejo de pensar em coisas novas e também dar sentido ao desejo que eu vinha sentindo de lecionar sob outras perspectivas, desafiadoras e prazerosas, pois já vinha fazendo meus registros com o *Windows Movie Maker* para apresentar trabalhos dos estudantes na escola.

E ao mesmo tempo, cansada, já vislumbrando o encerramento do ano letivo, imaginava uma formação em que seria abastecida de ânimo e ideias diferentes para sala de aula, encontraria e conheceria colegas, circularia por um espaço diferente da sala de aula e da escola. Mas, a surpresa: além de participar da formação, deveríamos produzir um vídeo, com os estudantes, na escola e mais, participar do São Léo em Cine – I Festival de Vídeo Estudantil, com prazos curtíssimos.

Pensei: “Os estudantes lá da escola precisam viver isso! Vou dar um jeito!”

A partir de então a cabeça começou a funcionar sem parar. Que tema trabalhar, com que turmas, afinal sou professora bibliotecária com um período semanal em cada turma da escola, no turno da manhã. E os prazos são curtos. Começar. Aproveitar algum trabalho já encaminhado? Determinar um tema (os prazos são curtos). Quais estudantes quererão se engajar? Como conquistá-los

para a ideia? Os prazos são curtos! Fiz alguns rabiscos durante as palestras e oficinas tentando criar um caminho.

Três orientações, durante a formação, determinaram meu engajamento, deram *start* para o trabalho: dedicar boa parte do tempo ao roteiro, filmar em dois dias e editar no *Windows Movie Maker*. Então, não era tudo tão novidade, eu sabia usar o editor de vídeo! No meu bloco de anotações do curso, o registro de por onde minhas ideias giravam e eu concluí: fazer um documentário será o mais viável.

Parcerias

Ao chegar à escola, procurei parcerias: um colega, professor do terceiro ano do Ensino Fundamental, que já demonstrara disponibilidade para o uso deste tipo de recurso numa apresentação e a colega responsável pelo EVAM¹ da escola. Conteí sobre o assunto do curso e sobre a produção de um vídeo para o I Festival de Vídeo Estudantil. Ela me disse que estava trabalhando com os 6º anos sobre a adolescência – assunto do PSE² e, em pequenos grupos, deveriam produzir vídeos apresentando os resultados dos estudos e pesquisas realizadas. Então propus aproveitar esse trabalho e, a partir dessas pesquisas, produzir um vídeo documentário – sobre adolescência; ela se colocou à disposição para o trabalho em parceria. Passou-me o texto base que estava usando com eles e me enviou o link com material diversificado, que os estudantes também estavam tendo acesso.

Experiências paralelas

Com as turmas de sexto ano (6A1 e 6A2) eu trabalhava um período semanal nas quintas feiras. Direcionei o assunto para algo que já vinham estudando, pois devido ao tempo, eu queria algo que

¹Espaço Virtual de Aprendizagem e Multimídia

² Programa Saúde na Escola

já constasse do campo de estudos deles naquele momento para que pudessem fazer elaborações, inserções, links com assuntos para os quais já estavam voltados.

Para a turma do terceiro ano eu tinha imaginado um documentário sobre a bica que há perto da escola e que há mais de vinte e cinco anos é famosa pela romaria das pessoas em busca de água; porém o assunto não fluiu. Poucos conheciam a bica, a maioria já não mora mais tão perto da escola, vêm de outros bairros e vilas.

De uma forma inesperada apareceu uma oportunidade com a turma do quarto ano um (4A1): o assunto surgiu porque nossa aula era na quinta-feira e tivemos uma sequência de três quintas-feiras que amanheceram com temporal e, como uma das consequências, falta de energia na residência de muitos alunos por mais de um dia até. Aí pude constatar o que diz Surrel (2009, p. 23), “As ideias vêm de qualquer lugar e você tem que estar pronto para receber e ter como anotar.”

Desenvolvimento com o 6º Ano – *Princesas na internet*

Comecei o assunto com os estudantes do sexto ano, turma dois (6A2), explicando que era um trabalho integrado com outros componentes curriculares, a partir das pesquisas que eles já vinham fazendo com a professora do EVAM, e que nós poderíamos definir quais temas abordaríamos. Informei que o vídeo seria apresentado no cinema para nós e as famílias assistirem. Risos tímidos e descrentes.

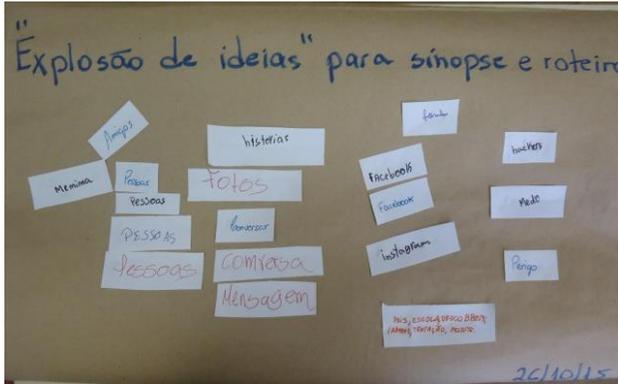
Para estimular o assunto e iniciar a conversa, levei dois textos, um que falava sobre a importância, como e por que de gostar de si mesmo e o segundo era um conto sobre o primeiro beijo de um casal de adolescentes, que lemos e comentamos. Cada estudante ficou com sua cópia. Do primeiro para o segundo encontro fiz um cartaz e coloquei na sala de aula para visualizarem o assunto e registrarem ideias que lhes ocorressem. No final do segundo encontro, uma aluna sugeriu falar dos perigos das redes sociais porque muitas meninas se expõem no *Instagram*, *Facebook*, *Whatsapp*,

marcam encontros com amigos virtuais, sem pensar nos perigos que correm. Ela e outras meninas relataram filmes que já haviam visto sobre esse assunto. Tema definido: Perigos nas redes sociais. Elaboração do roteiro: o que vamos abordar e como vamos focar?

E daí, conversando com a organizadora do festival e coordenadora da formação, Eliane Candido, soube de que a preferência era por ficção, animação e acessibilidade. E agora? Faltava uma semana para a entrega da inscrição! Na aula seguinte falei na mudança de foco. Algumas ideias, poucos participando, só as meninas falando, o tempo passando. Então combinei uma tarde (turno inverso ao que os alunos estão na escola) para quem quisesse participar, vir até a escola e teríamos um encontro para trabalhar nisso. Pensei comigo: se não sair nada, terminou!

Na tarde marcada estavam lá: cinco meninas dos sextos anos e o irmão de uma delas, ex-aluno da escola. Reunimo-nos na biblioteca, liguei o computador para registrar; todas se olhando sem falar nada. Ficaram paradas, envergonhadas. Eu tentando estimular: por onde começamos? Qual vai ser nosso assunto? Uma ficção é uma história. Nada.

Decidi fazer a técnica *Explosão de ideia* para criar um mapa conceitual com o objetivo de motivar e quebrar o gelo: distribuí fichinhas de papel e canetinhas, onde em um minuto deveriam escrever todas as palavras que lembravam quando pensavam em redes sociais. Após o tempo, todas colocaram suas fichinhas sobre a mesa, lemos e orientei para que, juntas, organizassem as fichas de modo que fizessem algum sentido.



Depois de elaborado o mapa conceitual e quebrado o gelo, tornaram-se mais falantes, tomaram coragem para expor as ideias, os personagens foram criados e um roteiro tomou forma.

CENA 1	DESENVOLVIMENTO
<p>Luana Silva Oliveira, 13 anos, conta para as amigas:</p> <p>Tô conversando com um guri no Face, e o nome dele é Gustavo Rocha, procura lá, ele é muito lindo, tem dezesseis anos, Ele é tri massa, gosta de jogar bola, é simpático, bonito.</p> <p>Júlia: Uau! Tudo isso?!</p> <p>Luana: Ele quer sair comigo e quer me encontrar pracinha ali da Nove.</p> <p>Beatriz: Lá é muito escuro, quase não passa ninguém.</p> <p>Natália: Marque num lugar que tenha mais gente passando ou no shopping.</p> <p>William “Ó Luana, se liga nisso, tá cheio de <i>fake</i> no <i>face</i>, <i>twitter</i>, no <i>Instagram</i>... Cuidado!”</p> <p>Luana diz: Sai daqui guri!</p>	<p>NA ESCOLA, AS PESSOAS ESTÃO SENTADAS NO BANCO, FORMANDO UMA MEIA LUA.</p> <p>LUANA. Cada uma está com seu celular na mão.</p> <ul style="list-style-type: none"> - alguns com fone de ouvido - pode ter barulho de msg <p>Ao final da última fala corta!!</p> <p>Figurino:</p> <ul style="list-style-type: none"> - camiseta (passando a ideia de que estão de uniforme, já que estão dentro da escola) e calça comprida.

Depois de as seis cenas estarem prontas, revisamos e reescrevemos as falas das personagens que estavam muito formais. Isso eu fui apontando e elas foram percebendo também, pois não retratavam a fala de adolescentes em seu dia a dia. Ao definirmos as cenas e o roteiro, já íamos imaginando o que seria viável filmar na

escola, os recursos que dispúnhamos e do quanto nós podíamos dar conta, já que seria nossa primeira experiência com curta-metragem.

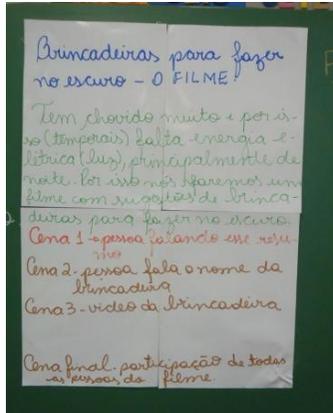
Realizamos as filmagens na escola com um desafio: filmar sempre no primeiro período da manhã quando a escola está mais silenciosa. Testamos câmeras para definir qual a melhor captação de imagem e de som.

Desenvolvimento com o 4º Ano – *Brincadeiras para fazer no escuro*

Na Biblioteca, depois da roda de conversa na qual relataram os estragos da falta de energia, perguntei o que faziam quando ficavam sem celular, TV e *tablet*. Alguns relataram algumas brincadeiras que faziam com irmãos e pais; outros disseram que não tinham pensado nisso. Pedi que, para a aula seguinte, trouxessem por escrito, a descrição de uma das brincadeiras relatadas ou outra, que podia ser feita quando acabasse a energia elétrica e tudo ficasse escuro.

Na aula seguinte, algumas meninas trouxeram a brincadeira explicada por escrito e apresentaram para os colegas. Então coloquei um cartaz no quadro e fomos registrando as ideias, criando o roteiro.

Depois, dei a câmera fotográfica para as meninas que haviam apresentado sua brincadeira por escrito e elas escolheram cenários externos da escola para gravar. Num horário de planejamento, olhei os vídeos, constatei que haviam ficado com o som muito baixo.



Então fiz uma edição no *Windows Movie Maker* e convidei-as para olharem e avaliarem. Depois dessa avaliação, tudo foi filmado de novo, substituindo a câmera fotográfica pelo meu telefone celular, com melhor captação de som.

Não falei no festival São Léo em Cine e nem na exibição no cinema; fiquei com receio de criar expectativas que não se concretizassem.

As aprendizagens

Minha orientação para desenvolver o trabalho foi o que aprendi na formação como momentos de articulação do curta-metragem: roteiro, filmagem, montagem. Discutir bastante o roteiro, investir muitas horas nisso, filmar em dois dias e reservar de dez a quinze dias para a montagem. Um esquema de roteiro deveria apresentar: problema, o conflito e a solução, sendo o clímax, o momento da resolução do conflito, muito importante. Era por aí que eu precisava organizar o trabalho com os estudantes.

Ao dirigir a preparação do roteiro, depois do assunto definido, colocava em prática orientações aprendidas na formação: organizar uma ideia que seja possível fazer, já imaginando como vai ser feito, o que é possível e viável fazer na escola, deixar que os estudantes façam o roteiro, que precisa ser muito completo e muito detalhado. Tudo tem que fazer sentido. Lembrava, também, dos três atos narrativos fundamentais propostos na oficina sobre roteiro: apresentação, desenvolvimento e solução, escrito com definição de temporalidade, de localização, de percurso da ação e desfecho.

Nossa construção, quando decidimos por ficção foi assim: explosão de ideias, criação das personagens, elaboração da sinopse, escrevemos o roteiro e definimos as cenas, detalhamos o roteiro – com preocupação com o clímax e o desfecho adequado – com as falas, definimos o figurino para cada cena, as locações e os gestos.

A proposta de roteiro do sexto ano para o filme *Princesas na internet* demandou outras orientações aprendidas no curso: ao invés de censurar o roteiro, discutir com os estudantes o que vocês querem passar para os outros? O que vocês querem que eles entendam?

Percebi que a preparação do roteiro é uma forma importante de trabalhar a produção escrita, tanto individual quanto coletivamente. Escrever de forma clara e objetiva de maneira que aquele que lê, sem ter participado da construção, compreenda a intenção do texto.

A linguagem a ser utilizada também é outro ponto fundamental. Enquanto criavam as falas, as estudantes do sexto ano utilizavam estrutura de frase e palavras que não são do hábito dos adolescentes – acho que falavam o que pensavam que eu queria ouvir. Então, depois de todo o roteiro pronto, perguntei para quem seria o nosso filme; responderam que para adolescentes, aí questionei se os adolescentes falam da maneira como nós escrevemos; disseram-me que não. Voltamos ao início para escrever as falas do jeito que elas falavam em seu dia a dia, pois nossas personagens eram da idade delas. Inicialmente ficaram inibidas, mas

depois gostaram da ideia e foram, inclusive, ensaiando os tons de voz que queriam dar às personagens.

Depois de prontos os roteiros, perguntei em ambas as turmas quem sabia filmar e ou era acostumado a filmar em casa. No quarto ano uma menina, muita animada, disse que filmava todos em casa e no sexto ano ninguém se prontificou.

Ainda na fase de construção do roteiro, sugeri que fizessem filmagens em casa com as brincadeiras e falas sugeridas. Pedi à atriz principal do sexto ano que fizesse cenas em casa, no seu quarto, para aproveitarmos no filme, para torná-lo mais real. Orientei que a filmagem deveria ser feita devagar, sem movimentos bruscos e que usassem telefone celular ou câmera sempre na horizontal e que tivesse cabo para que pudéssemos copiar as imagens. Se alguém fez, não me contou nem trouxe para a escola.

Com as atrizes do *Brincadeiras para fazer no escuro*, tivemos a oportunidade de avaliar uma primeira filmagem. Fiz uma montagem no *Windows Movie Maker* e convidei as meninas atrizes para virem até a biblioteca da escola para assistir. Fui delicada na maneira de expor o assunto “avaliar a filmagem que vocês fizeram”, para não melindrar e desanimá-las, afinal foi um trabalho feito por meninas de 10 anos!

Quando o vídeo terminou elas começaram um bombardeio: é preciso decorar a fala, falar mais alto, filmar em lugar mais claro, que tenha menos barulho, melhorar os olhos quando está lendo o cartaz, escolher outros cenários, e cuidar como e o que aparece no fundo, escolher um figurino, colocar legenda nas brincadeiras, criar um cenário com flores, sofá, etc., arrumar o cabelo, trazer materiais para filmar as brincadeiras. Eu fiquei boquiaberta com tantas observações e a intensidade com que foram ditas! Decidiram que o texto da introdução não estava bom e precisava ser melhorado e também deveria haver um fim.

Elas demonstraram uma capacidade incrível e despojada de avaliação. Ficou nítido que avaliavam o trabalho e não as pessoas. Isso foi um aprendizado importante para a vida, tanto para trabalhos em grupo na escola quanto fora dela. Demonstraram conhecimentos

empíricos de que a imagem envolve enquadramento, duração, movimento e efeitos internos (luz, cenário, personagens e objetos) e dos elementos da linguagem audiovisual (imagem, som e escrita) revelando clareza de que a produção estava sendo feita para outros e, também, conhecimentos adquiridos com a televisão e o cinema.

Depois disso, outras alunas se agregaram ao grupo de atrizes para a produção e para atuar no vídeo. Pela primeira vez entreguei meu telefone celular na mão de crianças e disse: “Filmem!”. Enquanto eu desenvolvia a atividade de leitura na biblioteca a equipe circulava pela escola escolhendo as locações e realizando as filmagens. Quando passei os vídeos para o computador, vi o quanto elas haviam trabalhado, filmaram várias vezes a mesma cena até atingirem o que consideravam o ideal. Todos estavam muito à vontade com suas escolhas, tanto quem quis estar diante da câmera como quem quis atuar atrás delas, e felizes com a ideia de se verem no *Youtube*.

As meninas do sexto ano, com o filme *Princesas na internet*, escolheram seus papéis, mas não pareciam tão à vontade – não sei se era pela ideia de ir para o cinema ou por não acreditarem que iriam mesmo. Elas tiveram momentos para ensaiarem sozinhas – enquanto eu desenvolvia a atividade de biblioteca com o restante da turma - utilizando a câmera fotográfica e o telefone celular para testarem tomadas para a filmagem.

Nós não conseguimos filmar na sequência das cenas do roteiro; a primeira cena foi a última a ser filmada. Senti que faltou preparação do elenco, conversas para descontrair, trabalho de expressão corporal e facial, marcação das cenas e postura. A estudante que escolheu fazer o papel de atriz principal estava muito inibida, tensa, falando com pouca entonação de voz; outros conseguiram ser surpreendentemente naturais. Muitos não tiveram um compromisso com o grupo, faltando às aulas em dias que havíamos marcado para filmar ou não trazendo o figurino estipulado.

Numa manhã, um aluno do sexto ano, da turma dois me perguntou: “O filme da nossa turma está ficando legal?” Eu pensei

que haviam esquecido, que devido ao fato de não terem sido ativos na preparação do roteiro não estavam participando. Fiquei muito animada com esse sentimento de pertencimento, por isso convidei estudantes que não estavam atuando no filme, inclusive o que me abordou, para gravarem as orientações para adolescentes no final, que o roteiro do *Princesas na internet* previa; a ideia inicial era as próprias atrizes gravarem.

Algumas cenas precisariam ter sido refeitas, em ambos os filmes, mas não tivemos tempo. Depois de prontas, olhando no computador percebemos que faltou marcar o enquadramento, som com pouca qualidade ou muito baixo, ensaiar as falas e as *deixas*.

Para a montagem e a edição não tivemos tempo de trabalhar em conjunto e acabei fazendo a montagem dos dois filmes sozinha, contando com uma participação e dois dos atores na edição do *Princesas na internet*. Para definição da música, contei com meu filho, Eduardo, que cantou e tocou a música de sua autoria *Stay with me* – que atrizes e atores do filme aprovaram - e fez um arranjo especial e executou ao piano *Atirei um pau no gato*, para *Brincadeiras para fazer no escuro*.

Quando falei em irmos ao cinema assistir, os estudantes do quarto ano vibraram; os dos sextos anos receberam o bilhete-convite e vi e ouvi manifestações de vergonha por parte de alguns; a maioria parecia ainda não acreditar no que iriam viver! No retorno, todos estavam muito animados. Creio que com um sentimento parecido com o meu: cinema também é pra nós!

Conclusão

Constater que autonomia do telefone celular ainda não é uma realidade para a maioria dos estudantes de nossa escola. Quem não via a filmagem como uma forma de aprendizagem passou a ver. Há trabalho e envolvimento para as mais diferentes habilidades e interesses, na frente da câmera e atrás dela; há a valorização das múltiplas inteligências; ocorre aproximação de professora e estudantes, pois os conhecimentos são apresentados no mesmo

nível: professora e estudantes têm saberes que se complementam, um sempre tem algo para acrescentar ao conhecimento do outro. Ocorreu aproximação entre professora, estudantes e funcionários, mediada pela arte.

Esse trabalho possibilitou, na prática, o aprendizado sobre a necessidade, a importância e o prazer de educar para os detalhes da arte!



Figura 9 – Exibição dos vídeos (curtas) na telona do cinema.

CURTAS NA ESCOLA: UMA FORMA DE DIZER O QUE SE QUER DO MUNDO E DA VIDA

Cristina Domingues Lemos¹

Embora não tenhamos um passado muito longo, este curta, que faz parte de nós, já é o suficiente. Somos feitos de memórias, felicidades, angústias e saudades. Isso é o que nos motiva a buscar cada vez mais, a sonhar cada vez mais. Isso é o que nos motiva a viver!

9 em 5

O trabalho com vídeos escolares vem inspirando alunos e professores da EMEF Prof. João Carlos Von Hohendorff. A produção audiovisual foi se constituindo, ao longo de alguns anos, em um meio de construção do conhecimento, de reinvenção, de divulgação e expressão de ideias e sentimentos.

O cinema como forma de comunicação promove experiências intensas tanto para quem o assiste, quanto para quem o realiza. A satisfação de ver os primeiros filmes produzidos na escola Hohendorff começou há uma década, mas apenas em 2011 a escola criou um canal em uma rede de compartilhamento de vídeos (Escola Hohendorff²), com o objetivo inicial de divulgar as produções e dar visibilidade aos vídeos que, naquele ano, haviam sido premiados na Campanha do Agasalho. Projetos voltados ao Meio Ambiente e a

¹ Prof. Cristina Domingues Lemos, professora da rede municipal e formadora do Núcleo de Tecnologia Educacional Municipal de São Leopoldo. Integrante da Indústria Criativa (UNISINOS). Licenciada em Letras/Português (UNISINOS), Especialista em Mídias na Educação e Tutoria em EAD (UFRGS). E-mail: cristinadlemos@gmail.com.

² Canal da escola: <<https://www.youtube.com/user/escolahohendorff>>.

problemas socioambientais como o ruído, o lixo e a poluição do Rio dos Sinos e preocupações com a escola e com o futuro profissional conduziram os alunos em seus primeiros passos para a criação de filmes de ficção e documentários.

A fim de criar uma identidade para a produção de vídeos na escola, foi criada, também em 2011, a EH! Produções (Escola Hohendorff Produções), motivada por esse grupo de estudantes que, durante sua trajetória escolar, vivenciou a realização audiovisual intensamente. Como parte dessa caminhada e alinhada às propostas da Secretaria Municipal de Educação, em 2015, a escola integrou-se ao programa São Léo em Cine, a fim de aprofundar as discussões sobre a relação entre as produções audiovisuais e a aprendizagem, através de práticas escolares voltadas para a construção do conhecimento de forma significativa e multidisciplinar.

Este artigo pretende apresentar a experiência de produção do curta 9 em 5, da turma do componente extracurricular de Dança da EMEF Professor João Carlos Von Hohendorff, como parte de uma prática escolar inovadora e estimulante, capaz de promover aprendizagens e de constituir sujeitos responsáveis por contar a sua própria história.

Por que fazer vídeos na escola?

A significação da vida e da aprendizagem promove a compreensão de diferentes dimensões e complexidades envolvidas nas relações pessoais e sociais de forma transversal e convergente (MORAN, 2013). Trabalhar com histórias e projetos de vida dos alunos permite rever o passado e projetar o futuro, de acordo com roteiros de estudos abertos e adaptados dinamicamente ao contexto e às expectativas, pois como afirma Moran (2013), um caminho interessante é:

[...] a construção de narrativas, em que cada aluno conte sua história utilizando as diversas tecnologias disponíveis. Construimos nossas histórias pessoais, nossos projetos de vida num rico fluir de passagens e linguagens entre os diversos espaços físicos e digitais, que se entrecruzam, superpõem e integram incessantemente. Nossa vida é uma narrativa dinâmica com enredo fluído, costurado com fragmentos das múltiplas histórias que vivenciamos e compartilhamos de diversas formas com alguns mais próximos, física e digitalmente. Nesta narrativa em construção, nossa vida adquire mais sentido, quando conseguimos perceber alguma coerência, alguns padrões importantes, junto com algumas descobertas iluminadoras. Construimos a vida como uma narrativa, com enredos múltiplos, com diversos atores internos e externos, que se explicitam nessa troca incessante de mensagens, vivências e saberes. Aprendemos mais e melhor quando encontramos significado para o que percebemos, somos e desejamos, quando há alguma lógica nesse caminhar - no meio de inúmeras contradições e incertezas - que ilumina nosso passado e presente e orienta nosso futuro. (MORAN, 2003, p. 1).

Segundo Goodson (2007 *apud* MORAN, 2013), histórias de vida podem servir com o catalisador de processos de aprendizagem:

Ver a aprendizagem como algo ligado à história de vida é entender que ela está situada em um contexto, e que também tem história – tanto em termos de histórias de vida dos indivíduos e histórias e trajetórias das instituições que oferecem oportunidades formais de aprendizagem, como de histórias de comunidades e situações em que a aprendizagem informal se desenvolve. (GOODSON, 2007 *apud* MORAN, 2013, p. 2).

O documentário 9 em 5³, ou 9 anos em 5 minutos, surgiu da necessidade de reviver as maiores emoções dos alunos dos nove anos de escola e da vontade de contar como foi a vida nestes nove

³ Documentário: <https://www.youtube.com/watch?v=YB9_87rcL4E>.

anos. Ao revisitar sua história, esse grupo de alunos encontrou, na produção do documentário 9 em 5, a possibilidade de relemburar, ressignificar e compartilhar uma trajetória rica de valores como amizade, reconhecimento, gratidão, generosidade e dedicação.

Resgatando histórias

O componente curricular Dança é oferecido na escola para os alunos das séries finais do Ensino Fundamental e parte de escolhas. No início do ano letivo, de acordo com seus interesses e aptidões, cada aluno opta por um dos componentes oferecidos como atividade multidisciplinar e integrada aos temas atuais e impactantes no contexto escolar: Cinema e História, Dança, Meio ambiente, Inglês, Fotografia e História. Tais projetos multidisciplinares promovem a convergência entre os interesses de cada aluno, seus talentos e sua história.

Durante o ano de 2015, os alunos da Dança decidiram contar sua história, em uma produção documental, registrando os nove anos em que estudaram e se desenvolveram como sujeitos e atores em sua comunidade. A partir dessa decisão, o grupo iniciou uma grande viagem no tempo, em busca de suas histórias, de seu passado e encontraram respostas para o presente e para o futuro.

Segundo Moran (2013, p. 03), com a mediação necessária, histórias pessoais podem “ampliar a visão de mundo, diminuir seus principais medos e obstáculos e construir um futuro mais livre e realizador”. É neste contexto que a tecnologia se apresenta como ferramenta que potencializa as aprendizagens, permite aos envolvidos o desenvolvimento de projetos de pesquisa e de produção de conteúdos, bem como a divulgação e a interatividade inerente ao aprendizado compartilhado e em rede. A partir disso, o Espaço Virtual de Aprendizagem e Multimídia (EVAM) articula-se aos projetos de aprendizagem e às propostas de produção multimídia, sempre que é acionado, e apresenta, de forma inovadora,

a promoção do autoconhecimento e do desenvolvimento de potencial de orientação e mobilização dos alunos em direção aos seus projetos de vida.

Eh! Produções – uma produtora na escola

O primeiro projeto desenvolvido pela Eh! Produções foi João Carlos - sonhar para acordar, livremente inspirado no livro Leonardo, de Nelson Cruz. O curta dava vida à estátua mais famosa do Rio Grande do Sul, o Laçador, e abordava o cotidiano do gaúcho, personalizado na figura de João Carlos D'Ávila Paixão Cortes. João Carlos - sonhar para acordar, participou do Concurso Literário Editora Ática/Scipione, em 2011.

Desde 2011, merecem destaque também outras realizações da escola, sempre articuladas a projetos desenvolvidos em sala de aula:

- ✓ Curtas de ficção inspirados nos livros do projeto Leituração;
- ✓ Concurso de curtas da Campanha do Agasalho municipal;
- ✓ Curta A escola mais bonita da cidade (aniversário da Escola) - versão do clip A banda mais bonita da cidade.
- ✓ Entrevistas com Garoto e Garota Hohendorff;
- ✓ Documentários, peças publicitárias e animações para o Projeto O Rio dos Sinos é nosso;
- ✓ Cobertura do Vestibular da Universidade do Vale do Rio dos Sinos exibidos na TV Unisinos;
- ✓ Animações em Pencil 2D com a temática 180 anos da Imigração Alemã em São Leopoldo, articuladas ao Projeto Alan Touring – UFRGS – exibidos no Teatro Municipal;

- ✓ Curtas de ficção com temáticas sociais: entendimento do mundo e comportamento humano, com o suporte da audiodescrição para o Projeto Curta Capilé, com exibição no Cinesystem e na TV Unisinos;
- ✓ E finalmente, o Programa São Léo em Cine, com a participação de cinco curtas produzidos pela escola, dentre eles os curtas Ser bom é tudo de bom, A vingança na parede, Entrelaços, Será? e 9 em 5, com exibição no Cinesystem Cinemas e premiações, por categoria, em júri técnico e popular.

Neste contexto, como professor mediador da aprendizagem, é preciso promover dois importantes debates em sala de aula antes de iniciar um projeto de produção audiovisual: O que os estudantes têm a dizer? A quem pretendem se dirigir?

9 em 5 – O documentário

Segundo Nicholls (2005, p.26): “Todo filme é um documentário. (...) Existem dois tipos de documentário: (1) documentários de satisfação de desejos e (2) documentários de representação social.” Nicholls afirma que o documentário “não é uma reprodução da realidade, é uma representação do mundo em que vivemos.” Ainda que outros defendam o documentário “verdade”, que busca objetividade e aproximação do real, existem exigências e expectativas do espectador, e o discurso construído remete a saberes e crenças fundamentais, realidades, sons e imagens que despertam a criticidade e a visão sobre escolhas e ambiguidades, aproximações e distanciamentos, pois o documentário pressupõe a busca documental e a captura do real, ainda que subjetivado e relativizado pelo distanciamento de quem recupera a memória histórica e pessoal.



Figura 1: Grupo apresenta o documentário 9 em 5
Fonte: arquivo pessoal da autora.

Para o documentário 9 em 5, os alunos iniciaram o trabalho de pesquisa com um levantamento sobre situações marcantes vivenciadas na escola pelos integrantes do próprio grupo. Passeios, provas, professores e situações extraordinárias serviram como ponto de partida para a realização do roteiro. A criação do roteiro foi coletiva e o levantamento de registros fotográficos e fílmicos guiou algumas discussões e escolhas para a narrativa.

A turma escolheu um modo participativo para contar sua história: argumentos, encontros e perspectivas. Dessa forma, a voz do documentário⁴ demonstra a perspectiva dos alunos como protagonistas, e sua voz se dirige aos interlocutores, expondo de forma explícita seu ponto de vista.

O tempo é o tema e permeia a estrutura do roteiro. O tempo que passa, inexoravelmente, e que não pode ser parado. Tempo quantificado, calculado, representado pelo relógio que parte de cinco minutos e que conduz o interlocutor a acompanhar a narrativa, que é propositalmente cronometrada. Nove cenas estruturam a narrativa fílmica e, como transição, um relógio marca o tempo que vai sendo subtraído:

⁴Os modos principais de fazer documentários podem ser, de acordo com o modo e a forma estilística: expositivo, observativo, participativo, reflexivo, performático, poético (Nicholls, 2005).

1. A turma apresenta o documentário;
2. A primeira sala de aula e as primeiras lembranças;
3. A surpresa para a primeira professora;
4. Iniciação científica - *Green band*;
5. Primeiro curta - O ruído;
6. A cápsula do tempo;
7. Roda de violão;
8. A árvore e a frase;
9. Fotos que mostram o passar do tempo.

Cada uma destas cenas representa momentos únicos e decisivos para este grupo de alunos, que resolveu aproveitar a produção do curta para encerrar um ciclo e marcar o início de um novo.

Ao escolher como contar a história, o grupo decidiu dar voz também aos professores. Em dois momentos distintos, os professores se tornaram protagonistas ao lado dos estudantes: na homenagem à primeira professora e na abertura da cápsula do tempo.

Não esqueça que eu sou aprendiz

9 em 5 não objetivou espelhar a realidade. As situações escolhidas, os eventos evocados e a realidade rememorada recriaram sua história, evidenciaram uma transformação. As imagens escolhidas põem a história em cena e fabrica novos circuitos de sentido, apresentando uma nova história, carregada de reconhecimento do outro, de dedicação, de amor e de afeto. A surpresa ao rememorar alimenta o discurso que movimenta a narrativa e que compõe a experiência estética de documentar. É a capacidade de reinvenção do tempo, independentemente do real ou do possível.

Para representar um destes momentos, a primeira professora foi homenageada. Uma surpresa foi planejada e, enquanto a professora foi afastada da sala de aula, seus alunos de primeiro ano foram ‘substituídos’ pelos documentaristas. A homenagem foi inspirada pela música *Cuida de mim*, de Michael Sullivan e Carlos Colla, e consistiu em uma *performance* musical, com direito a choro e discurso de agradecimento.



Figura 2: Foto com os alunos envolvidos na homenagem à professora
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

“Cuida de mim, pois no futuro, eu serei aquilo que você me diz.
Te querendo exatamente, da maneira que me quis.
Não se esqueça que eu sou seu aprendiz.”
Os meus. De ontem e de hoje! Como, como, como não amar??

Quadro 1: Depoimento da professora homenageada

Fonte: Trecho retirado da página da professora na rede social *Facebook*.

Pra cada um desses encontros foi feito uma previsão de roteiro de gravação e todos foram devidamente gravados. Outros professores são citados durante o documentário e seus exemplos são referência e inspiração para o grupo. Além de fotos, vídeos e depoimentos, o passado foi revisitado através de uma cápsula do tempo. Idealizada por um dos professores homenageados, a cápsula

do tempo foi desenterrada em uma ação coletiva, com a presença do professor e dos alunos envolvidos e revelou imagens, objetos e mensagens. Registros fotográficos e mensagens endereçadas aos colegas ou aos próprios emissores, no futuro, foram lidas e, mais uma vez, o tempo conduziu a narrativa e sua passagem foi revelada através das imagens e das palavras que estavam guardadas sob a terra. Dois professores relataram os objetivos da experiência e comentaram os resultados.

Um recurso imagético utilizado pelo documentário foi a réplica atual de fotografias antigas. Pessoas, cenários, roupas e penteados foram reproduzidos e fotografados. Antes dos créditos, as fotos foram apresentadas com transição de sobreposição e o resultado foi bastante surpreendente.



Quadro 2: Registro fotográfico – réplicas.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A produção de curtas transforma. Fazer vídeos na escola é uma possibilidade de aprendizagem e de exploração dos recursos comunicacionais disponíveis. Segundo Silva (2009), a democratização das mídias nas escolas públicas permite que a comunicação se encontre com a educação (educomunicação) de forma crítica e inclusiva, e a cultura digital do compartilhamento potencializa cada um destes encontros.

O documentário 9 em 5 permitiu aos alunos recontarem sua história, ao mesmo tempo em que recriaram uma nova realidade. A elocução da memória situada no tempo e no espaço traçou um novo percurso e permitiu aos interlocutores o encontro de sentidos e sentimentos.

Considerações finais

O curta 9 em 5, produzido por 36 alunos dos sétimos e nonos anos da EMEF Prof. João Carlos Von Hohendorff em 2015, com a participação da professora do componente extracurricular Dança, em parceria com a professora do EVAM, foi premiado com a segunda colocação no São Léo em Cine – I Festival de Vídeo Estudantil, promovido pela Secretaria Municipal de São Leopoldo. A escola recebeu, das quinze categorias, treze indicações, nove prêmios, incluindo cinco troféus, quatro premiações em segundo e um terceiro lugar, entre júri técnico e popular.

Ao relatar a experiência de produção do curta escolar 9 em 5 é preciso destacar que o reconhecimento dos pares e do público em geral é essencial para os alunos que vivenciam a realização audiovisual. Por isso, a exibição na sala de cinema da cidade (com toda a qualidade do padrão Cinesystem) e o evento com o reconhecimento dos destaques foram valiosos e coroaram as etapas finais do ciclo de produção do curta.

Desde o surgimento da ideia até a premiação, muitas horas e dias se passaram, muitas histórias foram rememoradas e muitos afetos foram estreitados. O tempo foi a linha que conduziu a narrativa e que costurou amizades, encontros e desejos de futuro. A narrativa fílmica foi o pretexto para a construção de identidades e de possibilidades, para a conclusão de um ciclo que não se fecha, pois é apenas mais uma volta de uma espiral, cujo dínamo é o tempo e a vida.

É preciso fazer curtas na escola, com alunos e professores autores e protagonistas. É preciso dar voz aos alunos, para que contem o que querem do mundo e da vida, para que surpreendam o público, façam rir ou pensar, façam calar ou emocionem, pois o cinema é vida, é emoção em movimento.



Figura 10 - Limusines em frente à Sociedade Orpheu.
Tudo pronto para a grande noite de premiação!

LEITURA E AÇÃO: PRODUÇÃO AUDIOVISUAL NA EJA

Eden Madelon Bittencourt¹
Luciana Domingues Ramos²

Introdução

Existe um trabalho significativo com produção de vídeos na E.M.E.F. Professor João Carlos Von Hohendorff, localizada na Zona Norte do município de São Leopoldo, no estado do Rio Grande do Sul. A escola conta com professores voltados para a mobilização e realização de vídeos escolares.

Esta relação estreita tendo no recurso audiovisual como abordagem pedagógica não só no sentido de promover momentos de exibição de filmes e reflexão acerca dos mesmos, mas também de produção efetiva de conteúdo audiovisual se deu com a instalação do Espaço Virtual de Aprendizagem e Multimídia (EVAM) na escola e com a convicção construída coletivamente de que esse espaço seria uma peça chave no desenvolvimento de projetos e no estabelecimento de recursos tecnológicos para a realização de atividades atreladas ao que ocorre em sala de aula.

Nesse sentido, a produção de vídeos tem sido um dos grandes destaques no trabalho compartilhado entre EVAM e sala de aula. Tanto que a escola já possui um canal para veiculação de suas

¹ Prof^a Eden Madelon Bittencourt, professora da rede municipal de São Leopoldo, atuando na Educação de Jovens e Adultos e no setor da biblioteca escolar. Licenciada em Letras – Português (UNISINOS). Especialização em Educação de Jovens e Adultos e Privados de Liberdade (UFRGS).

² Prof^a Luciana Domingues Ramos, alfabetizadora, professora da rede municipal de São Leopoldo e estadual do RS. Licenciada em Ciências Biológicas (UNISINOS), Especialista em Mídias na Educação (UFRGS).

produções e criou uma produtora (a EH! Produções) que serve como identificador do trabalho que é realizado na escola em parceria com os tutores do EVAM.

Essa proposta de promover um trabalho integrador e integrado por várias disciplinas abrange as diversas etapas de ensino, contemplando tanto a Educação Infantil, quanto as modalidades Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA), sendo a última destas, a protagonista deste relato.

Mesmo entendendo o desafio que se estabelece com a utilização dos recursos tecnológicos junto aos alunos da EJA, sabe-se que a proposta de atrelar o uso das mídias ao processo de aprendizagem desses alunos pode e deve ser encarada como um suporte importantíssimo.

Este artigo pretende apresentar o desafio da experiência de aliar a literatura e a linguagem do cinema para produção do curta A VINGANÇA NA PAREDE, como parte integrante do Projeto Leituração, desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação de São Leopoldo (SMED).

Produção de curtas na EJA: literatura e tecnologia.

O Projeto Leituração.

O trabalho foi desenvolvido no segundo trimestre de 2015, com o objetivo de participar do Leituração, um projeto promovido anualmente pela SMED, com o intuito de difundir obras de autores contemporâneos e promover a leitura dos alunos da Educação Infantil ao Nono Ano do Ensino Fundamental, incluindo a modalidade EJA, Educação de Jovens e Adultos.

Os “astros” do trabalho foram os alunos da EJA, Etapas I, II, III, IV e V, da E.M.E.F. Professor João Carlos Von Hohendorff e a professora de Língua Portuguesa da EJA em parceria com a

professora do Espaço Virtual de Aprendizagem Multimídia (EVAM) do turno da tarde, contando com a colaboração de professores de outras disciplinas e espaços da escola.

A partir da leitura do livro “7 histórias de gelar o sangue”, escolhido para o trabalho em razão de apresentar histórias curtas, o que beneficia os alunos da EJA, por questões obviamente cronológicas, foi planejado o seguinte roteiro de trabalho, no qual os alunos deveriam:

1. Conceituar os elementos da narrativa e o gênero Conto;
2. Realizar leituras, silenciosas e orais, de diversos contos na biblioteca da escola e conversar sobre os contos lidos;
3. Ler o conto “As formigas”, de Lygia Fagundes Telles;
4. Pesquisar sobre o autor Antônio Schimeneck a fim de conhecer sua vida e obras;
5. Realizar a leitura do livro “7 histórias de gelar o sangue”;
6. Relatar suas percepções acerca dos contos lidos, trocando ideias e conhecimentos prévios sobre histórias de terror e lendas urbanas;
7. Selecionar um conto do livro de Schimeneck para realizar um trabalho e apresentá-lo no dia do encontro com o autor.

Com a chegada dos livros e o nome do autor, os alunos tomaram conhecimento do Projeto Leituração e sua sistemática. É importante dizer que foi muito agradável a receptividade dos alunos a essa “aventura”. Tanto que os três primeiros itens acima citados foram cumpridos sem qualquer problema. Os alunos conheceram o conceito de narrativa e seus elementos, realizaram a leitura de diversos contos (inclusive extraclasse), em especial, a leitura de “As formigas”, de Lygia Fagundes Telles, que rendeu coletivos arrepios e calafrios. Vale lembrar que o objetivo maior do trabalho é a leitura em si, suas consequências, tais como o crescimento intelectual dos alunos e, de lambuja, o friozinho na barriga que os contos de terror podem proporcionar.

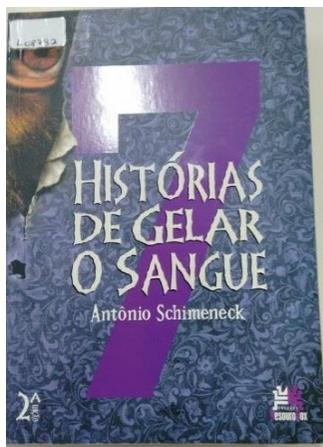


Figura 1: Imagem da capa da obra de Antônio Schimeneck
Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

O trabalho partiu da proposta do Projeto anual de leitura, o Leituração. A escola recebeu o material de leitura, composto de oito volumes do livro “7 histórias de gelar o sangue”, obra que apresenta sete contos de terror e o mesmo número de volumes da obra “Por trás das cortinas” de Antônio Schimeneck. O projeto Leituração, na escola, tem início com a divulgação do nome do autor e a chegada dos livros que são destinados (até o final da edição do projeto) exclusivamente para a realização de leituras e trabalhos; após, são disponibilizados para retiradas na biblioteca da escola. O encontro dos alunos da EJA com o autor ocorre no Teatro José Pedro Boéssio, da Biblioteca Municipal Viana Moog.

O papel da mediação do professor e do trabalho integrado na EJA

Para Álvaro Pinto (2000, p.29), “o compromisso da escola é, sobretudo, o de assegurar a seus estudantes os instrumentos necessários para a participação ativa e cidadã no contexto em que

estão inseridos”. Com o Projeto Leituração, aproveitou-se a possibilidade de vários espaços e ações atravessarem o processo como a elaboração e edição do curta no EVAM, a produção de ilustrações nas aulas de Educação Artística e a leitura dos contos e elaboração do roteiro nas aulas de Língua Portuguesa.

Para a leitura da obra, como os alunos são em grande maioria trabalhadores que não dispõem de tempo para leitura, foi organizado um chá literário, onde um ambiente acolhedor proporcionou a leitura dos contos de maneira prazerosa.



Figura 2: Chá literário: com leitura, bolo, salgadinhos, refrigerante e chá.

Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

Em diversos momentos e com propostas diversificadas, as obras do Projeto Leituração foram abordadas nas diversas disciplinas. A disciplina de Educação Artística, por exemplo, propôs aos alunos que escolhessem retratar palavras que tivessem alguma ligação com o medo e terror através de um desenho.



Figura 3: Gravuras produzidas nas aulas de educação Artística
Fonte: arquivo pessoal das autoras.

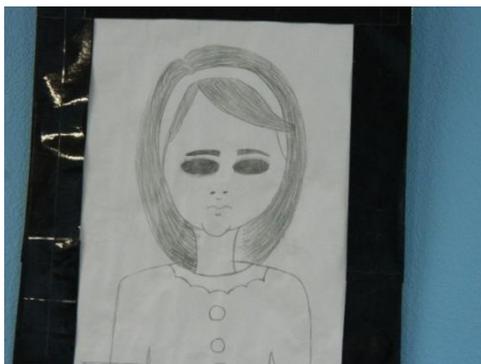


Figura 4: O desenho do aluno na aula de artes serviu de elemento fundamental no curta: o quadro que surgia misteriosamente na sala de aula.
Fonte: arquivo pessoal das autoras.

A lágrima vira vingança: inspiração na literatura para a produção do roteiro.

O grupo decidiu que chegar “de mãos abanando” para conhecer pessoalmente o autor seria ruim. Então a opção foi que cada aluno opinasse sobre o que fazer, visto que existe uma

democracia escolar. Foram várias as sugestões: cartazes, músicas, encenações ao vivo e filmadas entre outras. A escolha foi produzir um curta que apresentasse uma releitura do conto “Uma lágrima na parede”, texto que retrata a presença de um quadro, com a imagem de uma criança chorando, no sótão da nova casa de uma família recém-chegada. O quadro é estranho e assustador e proporciona momentos de tensão, pânico e terror à família.



Figura 5: Reprodução do quadro apresentado no conto
Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

Para a produção do roteiro, os alunos retomaram o texto e destacaram os pontos que poderiam nortear a nova história inspirada no conto original. Foi consenso que a história deveria se passar no ambiente da sala de aula, visto que no conto original os eventos principais se dão na sala de estar.



Figura 6: Os alunos leram o conto em diversos momentos
Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

Esse processo vem ao encontro da ideia de aliar a leitura a ações pedagógicas que envolvam o uso das diversas mídias disponíveis na escola, proporcionando um trabalho envolvente, lúdico e diferenciado, como afirma SNYDER (2009).

Uma sala de aula de letramento para o futuro deve envolver a integração efetiva do letramento impresso e o letramento digital. Não deveria ser uma escolha entre o mundo da página e o mundo da tela – a educação necessita de dar atenção a ambos. A realização dessa importante meta requer um conceito de letramento mais amplo. (SNYDER, 2009, p. 39).

Gravação e Edição

Houve a parceria do EVAM na utilização dos recursos tecnológicos disponíveis para realização do curta. No espaço foram realizadas as atividades relacionadas à gravação e edição, preparo e configuração do equipamento, escolha e edição da trilha sonora, entre outras questões. Essa parceria confirma a afirmação de SILVA (2009) sobre a necessidade de existir um educador familiarizado com a tecnologia, que domine suas ferramentas:

No planejamento e execução de qualquer ação que abranja os meios de comunicação, e imprescindível que o educador seja o primeiro a estar integrado com o tipo de mídia que pretende trabalhar com seus alunos, suas características, componentes e implicações, essa é uma das obrigações de seu papel de mediador. (SILVA, 2009).

Os trabalhos elaborados nas aulas de Artes, que os alunos produziram após a leitura do conto, fizeram parte do início do vídeo que, aliado à trilha sonora, ajudou a compor um clima de mistério, enquanto nomeava os envolvidos na produção servindo como abertura do filme.

A edição teve o cuidado de aliar as imagens a uma trilha sonora envolvente e assustadora, dando o tom do terror proposto pelo roteiro. Na escolha da trilha foi observada a questão do direito autoral, tomando-se o cuidado de fazer uso de músicas que não possuíssem ônus para sua utilização, visto que se trata de um trabalho realizado em uma instituição pública, sem recursos destinados a uma produção cinematográfica.

As cenas foram totalmente geradas pelo projeto, sendo assim nenhuma cena de produções de terceiros foi utilizada.

O Produto Final

O curta finalizado foi apresentado inicialmente em uma sessão fechada para os integrantes da EJA. Posteriormente, sua exibição integrou o conjunto de ações da escola para o projeto Leituração, na presença do autor do conto que inspirou o roteiro do vídeo. Finalmente, a produção foi inscrita no Festival São Léo em Cine, sendo um dos grandes premiados.



Figura 7: Apresentação do curta para o Projeto Leituração
Fonte: arquivo pessoal das autoras.

Considerações finais

A produção *A VINGANÇA NA PAREDE* contou com a participação dos alunos de todas as etapas de ensino da EJA da EMEF Prof. João Carlos Von Hohendorff em 2015, juntamente com seus professores, onde o processo ocorreu em parceria com o EVAM.





Figura 8: Alguns integrantes do grupo envolvido na produção
Fonte: arquivo pessoal das autoras.

O vídeo recebeu cinco indicações e cinco premiações no São Léo em Cine – I Festival de Vídeo Estudantil, promovido pela Secretaria Municipal de São Leopoldo, sendo três troféus (melhor produção, melhor trilha sonora e melhor roteiro) e duas certificações (segundo lugar para melhor direção e melhor som). Ao todo, a escola recebeu nove premiações em quinze categorias disputadas, sendo cinco troféus e quatro colocações em segundo/terceiro lugar.



Figura 9: Noite de premiação
Fonte: *Fanpage* da Prefeitura Municipal de São Leopoldo.

Relatar essa experiência se faz importante à medida que se revisita o projeto e se faz possível refletir sobre as ações determinantes para o sucesso deste filme no Festival São Léo em Cine: a caminhada da escola com a realização audiovisual, a preocupação com a elaboração do roteiro, os desdobramentos com os cuidados em relação à escolha da trilha sonora e os direitos de uso das obras. Serve também para qualificar e solidificar algumas convicções que temos enquanto escola, como a importância de um trabalho integrado entre os professores e o uso das mídias como suporte para a realização deste trabalho.

A VINGANÇA NA PAREDE foi o resultado do trabalho de alunos leitores que mostraram que, independentemente de idade ou tempo disponível, realizam leitura, releitura e trabalhos baseados nas obras que leem. Empenho e dedicação são características desses alunos que, despreziosamente, foram grandes vitoriosos buscando recuperar o tempo perdido.

Os prêmios recebidos pela participação no festival, não só destacam o trabalho de realização audiovisual da escola, como mobilizam mais esforços e, sem dúvida alguma, servirão de motivação para que se valorize ainda mais o uso das mídias na escola.



Figura 11 - Comunidade escolar chegando de limusine na sociedade.

CANOAGEM EM SÃO LÉO: UMA EXPERIÊNCIA SURPREENDENTE

Gerusa Cristina de Souza



E lá estava eu em mais uma reunião, quando a supervisora pedagógica lançou o desafio. Naquela hora foi plantada a semente.

O tema do documentário não poderia ser outro, porque era o que estava transbordando na comunidade, pelos corredores da escola e nas páginas do jornal local. São notícias de conquistas de títulos e convocação para seleção brasileira de canoagem. A ideia de fazer um curta-metragem sobre o Projeto Canoagem partiu do desejo de valorizar alunos participantes, em especial os que fazem parte da equipe e atualmente são campeões e atleta da seleção brasileira. Mas o mais importante era que os alunos fossem os protagonistas desse trabalho, para tanto era necessário aceitarem

participar do curta e aprovarem o tema, caso contrário mudaria tudo. Ali estava lançado outro desafio.

Os alunos lançaram-se nesta proposta pedagógica diferente e tão rica. Então, começaram os vários encontros regados a trocas de conhecimento, risos, divertimentos, foco e muita cumplicidade. Os alunos que participam do Projeto e Equipe de Canoagem estudam do quarto ao nono ano, nos turnos da manhã e tarde, têm idades entre nove e quatorze anos. Por esse motivo, exigiu vários encontros. Pela manhã era realizada uma reunião com os alunos deste turno, na mesma era discutido sobre o que eles queriam que fosse retratado no curta e eu os informava o que era exposto na formação com a UFPEL. A mesma reunião era realizada com os alunos do turno da tarde. Tentava desenvolver suas ideias em forma de roteiro e, no dia seguinte, realizava reuniões com os dois turnos, momento que apresentava a proposta de roteiro e os alunos avaliavam. Algumas alterações aconteciam e uma nova proposta era escrita. Assim foi até ficar a contento de todos os alunos. Meus parceiros criativos!

Roteiro pronto! Concomitantemente ocorria a formação da UFPEL sobre curta-metragem, era muita informação chegando.

A proposta foi levada à coordenadora do Projeto Canoagem e encontramos mais uma parceira. Agora já tínhamos condições de dar mais alguns passos. A inscrição, as autorizações de imagem e voz para cada pessoa que estava no roteiro (isso incluía dos alunos até o motorista do ônibus) e o nome do curta.

Estava lançado mais um desafio: pensar um nome para o curta, a decisão viria por votação. Enquanto isso, apelidamos o documentário de “Alvinho na Canoagem”. A cada dia o quadro da Sala da Diversidade era composto por mais uma sugestão de nome para o nosso documentário. O dia chegou e, surpreendentemente, os alunos da manhã não estavam felizes com aqueles nomes, diziam que não retratavam o que eles queriam. Então começamos a brincar com as palavras, buscando um novo nome. Assim chegamos ao *Canoagem em São Léo*. Seguiu a votação à tarde e, após, se definiu que este nome traduz o que o Projeto significa para eles.

A chuva não cessava, a enchente começou, o Rio dos Sinos encheu de uma forma pouco vista, a sede do Projeto que fica à beira do rio por motivos óbvios estava embaixo d'água. São Pedro não foi nosso parceiro! Mas seguimos firmes, decididos a concretizar este sonho. E que dia filmar? Dias de chuva e enchente. Socorro! Já estávamos querendo um dia nublado, a luz não seria boa, mas o prazo estava esgotando. Marcar filmagem, desmarcar filmagem. Sim, vai dar tudo certo! Parceiros esperançosos. Parou a chuva, o rio baixou, então podíamos pensar em filmar. Contatar com a coordenadora do Projeto, autorização dos pais para sair da escola, busca de parceiros para auxiliar na filmagem. Tudo certo. Chegou o dia! Estava nublado, mas alunos felizes. Eles é que importavam realmente. Houve chuvisco, risos, sorrisos, poses e *selfies*, muitas *selfies*. A máquina fotográfica e o celular, esses eram nossos recursos de áudio e imagem. Tivemos oportunidade de filmar os alunos de vários ângulos, com a ajuda dos colegas da Guarda Municipal do município, que ofereceu a lancha. Contudo, o que imperava era vontade de fazer o melhor. Alunos, professores, funcionários, todos em prol do mesmo objetivo. E assim foram as filmagens: regadas pelo otimismo e divertimento de todos. Meus parceiros incansáveis!



Em meio a tantas fotos e filmagem, foi difícil para mim e minha parceira Ana selecionar material para edição do curta. Nesse momento, assim como na filmagem, tivemos que nos dividir, pois

além da edição tínhamos que dar conta do banner e da sinopse. E tudo isso com prazos. Com a adversidade da natureza, tivemos pouco tempo para muito trabalho, realizado com muito amor e carinho. Ainda minha preocupação estava com a avaliação dos alunos. Gostaria muito de tê-los participando de tudo, mas devido à composição do grupo era inviável. Assim nos cabia deixá-los os mais satisfeitos possíveis. Com base nisso, fomos construindo o documentário. E foram muitos dias, incluindo sábados e domingos. Enfim ficou tudo pronto dentro do prazo.

No dia agendado fomos ao cinema assistir nossa criação na “telona”. Os alunos estavam ansiosos para ver o resultado. E lá estavam ele e mais trinta curtas, um mais criativo que o outro, prontos para serem assistidos. Quando iniciou a exibição houve muita emoção, os alunos gritavam e batiam palmas. Parceiros alegres!

O banner do Canoagem em São Léo, exposto na entrada das salas do cinema, me fez pensar sobre a construção do curta, veio a autocrítica. Acabei referindo somente a mim e à colega professora no banner e créditos. E os alunos? Foram eles os idealizadores do curta, fui apenas uma tradutora de suas ideias. Partindo do princípio de que o São Léo em Cine é um Festival Estudantil, acreditei que esse detalhe poderia prejudicar a avaliação pelo júri técnico. Com isso também surgiu a curiosidade de saber se conseguimos passar a mensagem que tanto os alunos queriam. Será que as pessoas perceberam a diversidade, ilustrada na faixa-etária, gênero, deficiências, transtornos, dentre outros? E ainda mais, perceberam que todos se sentem incluídos, mostrando seu potencial a cada remada? Perguntas que buscavam respostas nas pessoas que já haviam assistido. Para minha tranquilidade, o retorno sempre foi positivo.

Próximo passo foi mobilizar as pessoas para a votação popular. Novas reuniões aconteceram e, mais uma vez, alunos, professores e pais mobilizados em prol do documentário. Foram muitos votos. Parecia a corrente do bem. De fato os recursos tecnológicos fazem a diferença, além de serem muito úteis. Foi da

tecnologia (*whatsapp, facebook*, dentre outros) que nos munimos para atingir a meta.

Chegado o grande dia da premiação. Foi uma festa. Limusine, tapete vermelho, muitas fotos, jogos de luzes e uma energia mágica no ar. Tudo lindo! Mas com o início da cerimônia o nervosismo tomou conta. Passou a votação popular e não ganhamos nenhum prêmio. Conversei com os alunos que estavam sentados próximo, que já tínhamos sido premiados e que nosso troféu foi a vontade de fazer diferente, de aproveitar a oportunidade que nos levou a participar daquela noite que estava sendo tão especial. Blá, blá, blá! Nos tempos atuais a competição é mais forte e percebi que não consegui sensibilizá-los, eles queriam troféu. A cada categoria premiada eles se entristeciam mais ainda, pois no raciocínio deles era um troféu a menos. Enfim chega a categoria melhor direção, pelo júri técnico, estávamos entre os cinco melhores, mas não foi daquela vez. E volto ao discurso que os alunos não queriam ouvir: “Gente, o importante é participar.” Então foi anunciado os curtas concorrendo à categoria Melhor Documentário. O aluno ao meu lado segura minha mão muito forte. E sim, sim, sim! Fomos premiados. “Canoagem em São Léo” é o Melhor Documentário do São Léo em Cine – I Festival de Vídeo Estudantil. Nossa! Não cabíamos em tanta felicidade! Naquele momento sentia a compensação de todo trabalho. Não só pelo troféu, mas também pela alegria dos alunos.



O reconhecimento do trabalho na escola também foi muito positivo. Os alunos eram as celebridades da escola, além do mais estimularam aos demais a pensar em temas para realizar um curta no próximo ano. Muitas sementinhas foram plantadas pelos nossos astros e estrelas em seus colegas.

Ao final deste desafio, percebo que aprendemos muito uns com os outros através do uso desse recurso didático tão rico. Conseguimos mostrar que é possível fazer maravilhas para serem utilizadas em sala de aula, pelos professores. Além do protagonismo estudantil, os alunos viram nesses curtas a comunidade estudantil de São Leopoldo. A participação neste curta-metragem do início ao fim foi de extrema importância para todos os alunos do Projeto e da Equipe Canoagem, pois conseguiram mostrar a sua rotina, suas dificuldades, potencialidades, superações, parcerias e desejos da forma infantil e adolescente de ver o mundo. O objetivo era homenagear nossos campeões e nossa atleta da seleção brasileira e também valorizar nossos alunos do Projeto que mudaram seu comportamento para melhor. O desafio foi aceito e cumprido da melhor forma e colheremos muitos frutos dessa sementinha plantada.



Figura 12 - Familiares, alunos, professores, autoridades, jurados, equipe da Smed, do Decom, parceiros e apoiadores lotaram a Sociedade Orpheu.

CINEMA: UMA EXPERIÊNCIA BEM-SUCEDIDA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Gisele Garcia Lopes¹
Michelle Nóbrega Rodrigues²

O presente texto relata uma experiência desenvolvida em uma escola da região metropolitana de Porto Alegre/RS em que se utiliza como principal ferramenta para o ensino de História a Sétima Arte. O cinema aqui é entendido como toda a produção de vídeos e sua exibição em diferentes plataformas de interação de *websites* a salas de cinemas.

A escola municipal de ensino fundamental Professor João Carlos Von Hohendorff, da cidade gaúcha de São Leopoldo proporciona aos seus estudantes das séries finais a matrícula em uma disciplina de livre escolha para ser cursada durante o ano letivo. Esta disciplina recebe o nome de Componente Extracurricular.

Os alunos e as alunas podem escolher neste ano de 2015 os seguintes componentes extracurriculares: Jogos Matemáticos, Dança, Cinema e História, Inglês, Meio ambiente e saúde e História e Fotografia. Conforme a proposta para a adoção na grade curricular destas disciplinas no mesmo horário das disciplinas tradicionais, “revisitamos nossas práticas em relação aos componentes curriculares e refletimos acerca delas, readequando-as às nossas necessidades e aos anseios do que se apresenta por parte dos educandos, visto que a escolha dos componentes curriculares acontece por afinidade do aluno, e, assim, a escola precisa resgatar o

¹ Professora de História do Ensino Fundamental e de Cinema e História na rede municipal de São Leopoldo/RS.

² Professora de Geografia do Ensino Fundamental e Supervisora na rede municipal de São Leopoldo/RS.

que desperta o desejo do aprender, para vislumbrar o objetivo maior deste projeto” (Equipe diretiva: 2014).

O componente extracurricular Cinema e História propõe como ementa o estudo da história, ciência dos homens e das mulheres nos diferentes tempos a partir do uso da linguagem audiovisual, a qual também possui sua própria história. A proposta em si, de forma inicial, pretendia possibilitar aos estudantes uma visão ou uma compreensão da história não factual e de memorização, mas uma história dinâmica da qual somos sujeitos produtores de histórias que compõem esta ciência.

A intenção era proporcionar a partir da análise da produção fílmica atual uma aprendizagem de conceitos e categorias caras para a História, como ciência, para assim apresentar a historicidade de fenômenos entendidos como existentes apenas na atualidade, tais como os conflitos geracionais, o racismo, o machismo, a LGBTfobia ou os problemas ambientais e as desigualdades existentes entre exploradores e explorados. Nesta perspectiva nos orientamos pelo pensamento de Meinerz:

Aprendi muitas coisas na vivência do cotidiano escolar. Uma delas é que a prática se redimensiona quando a gente atua com os jovens e começa a compreendê-los não apenas como alunos. Esse aprendizado é difícil, pois sugere transpor a nossa função e formação original, que é, embora precariamente, lidar com o conhecimento abstrato, essência de um modelo ainda predominante de escola e de currículo. (MEINERZ, 2010, p. 205).

Aprendemos que as aulas baseadas apenas nos livros didáticos e textos produzidos pelo professor e recursos pedagógicos ilustrativos sobre o conteúdo não atingem os adolescentes como o almejado, pois se distanciam em linguagem e forma da cultura juvenil. Partindo da compreensão de que esses jovens possuem saberes sobre a história, propusemos uma revisão dos meios didáticos para o ensino e aprendizagem da História. Revendo a concepção de ensino, assim posicionando-se sobre o que se ensina

em relação para quem e o porquê (FONSECA, 2010; BITTENCOURT, 2007; XAVIER, 2000).

Objetivava-se proporcionar uma nova relação com o estudo do passado e seus sujeitos históricos, para assim quebrar com a concepção a respeito desta disciplina sobre sua funcionalidade ou importância na formação do aluno. Todo professor de História em algum momento ouviu questionamentos ou comentários deste tipo: para que serve saber isto? Por que eu vou estudar essas coisas do passado se não existem mais? O que isto tem a ver com o hoje se nem a minha vó lembra isso? História é fácil, basta decorar os textos!

Em primeiro momento, pode parecer um debate vencido que a História ensinada não é mais mera memorização ou decoreba, mas não podemos ignorar que toda prática possui uma historicidade e, dessa forma, os estudantes trazem suas “verdades” sobre o que se deve aprender e se valorizar como conhecimento no espaço escolar. Pela nossa experiência, a História perde feio para outras disciplinas que apresentam “utilidade” para vida.

Ao refletir sobre a nossa experiência e ao se questionar a organização conteudista desta disciplina que valorizava a periodização histórica, o eurocentrismo e a subordinação dos processos históricos aos fatos ignorando os anseios dos alunos como algo histórico, pensou-se em criar uma disciplina extracurricular e que as atividades propostas tivessem como ponto de partida o interesse dos alunos e o cinema como elemento mediador desta nova relação que se estabeleceria com o saber histórico. Recorremos novamente a Meinerz para justificar esta escolha didática: “o ensino de História deve ser compreendido no contexto dos desafios que as práticas pedagógicas contemporâneas revelam.” (MEINERZ, 2010, p. 210).

O componente extracurricular Cinema e História corresponde a uma proposta da escola em possibilitar uma interface pedagógica atraente e complementadora dos conteúdos das disciplinas tradicionais que são obrigatórias pelas legislações específicas presentes no currículo da instituição. Esta aposta

apresentou resultados fortuitos com a maior participação de alunos nos projetos desenvolvidos pelos componentes extracurriculares e, neste caso, na produção de materiais audiovisuais em Cinema e História.

Cinema e História como atividade extracurricular iniciou no ano de 2014 sendo bastante procurado pelos alunos das séries finais que alegavam diferentes razões pela escolha, balizados na crença de esta ser uma disciplina mais acessível na qual poderiam assistir a muitos filmes nas aulas. Desmistificar este pensamento foi o primeiro grande desafio para implementar esta proposta.

Os alunos foram questionados sobre as razões da escolha e o que esperavam aprender neste CE. As respostas foram diversas, porém norteadoras para o planejamento. Muitos afirmaram ter gostado do nome, outros imaginavam passar a tarde assistindo a diferentes filmes, havia aqueles que desejavam fazer filmes e poucos acreditavam aprender história através do cinema e da história do cinema.

Optou-se em se trabalhar a linguagem cinematográfica historicamente, do seu surgimento como uma experiência artística inovadora até a consolidação de uma indústria cultural que prescreve comportamentos e atitudes na contemporaneidade, através de filmes clássicos e atuais. Analisaram-se as produções através das imagens fílmicas com seus personagens, cenários e escolhas temáticas. Leram sinopses e roteiros para se produzir vídeos pela turma, e estes se ocupavam de temáticas do seu interesse.

Nesse ano de 2014, a turma do Cinema e História produziu curtas para participarem do projeto Curta Capilé da Diretoria de Gestão e Educação Básica da Secretaria Municipal de Educação de São Leopoldo, em parceria com a Fundação Liberato Salzano, de Novo Hamburgo. Estas deveriam abordar o tema da Inclusão. Os roteiros dos curtas revelavam situações do cotidiano destes adolescentes e apontavam soluções para estes conflitos. Estreamos no cinema com duas produções: *Eu me chamo* e *Mais brilhante até que a lua*.

Esta iniciativa resultou em experiências bastante positivas, revelou talentos e criou expectativas para trabalhos futuros. Em nossa prática reacendeu a vontade de utilizar como recurso didático para as demais aulas a análise fílmica e a produção de vídeos, em repetir com outros jovens a experiência.

Então, no ano de 2015, manteve-se o Cinema e História como alternativa para os alunos se inscreverem como componente extracurricular. Foi surpreendente, havendo grande interesse pela produção fílmica.

Diferentemente do ano anterior, nosso primeiro contato com a proposta, em que as turmas eram formadas por trimestre, atualmente as escolhas compunham turmas a serem trabalhadas durante todo o ano letivo. Isso exigia uma reorganização do planejamento de atividades a serem realizadas, como sistematização de textos, assuntos abordados, produções cinematográficas e criação audiovisual. Contava-se com uma produção a ser exposta em moldes do ano anterior, a qual gerava grande expectativa e ansiedade nos alunos participantes.

Seguindo por esse caminho, organizamos o trabalho da seguinte forma: I trimestre – história do cinema e produção de filmes mudos; II trimestre: o encontro de duas linguagens: história em quadrinhos e cinema e produção de vídeo-fotos; III trimestre: produção de curtas participantes para o São Léo em Cine – I Festival de Vídeo Estudantil de São Leopoldo.

O III trimestre foi intenso. Tínhamos mil ideias, pouco tempo e muita vontade para mostrar o que havíamos debatido durante o ano. Participamos com duas produções: *#Será?!* e *Entrelaços*. Em ambas as produções houve o total envolvimento de forma direta e indireta de todos na turma com a escolha do tema e criação do roteiro, escolha de cinegrafistas, atores e revisores de cena. Optaram em deixar a função de direção para os professores envolvidos no projeto. Esta escolha em relação à função de diretor do filme devia-se à importância, segundo os adolescentes, para se realizar a produção e concluir os curtas-metragens no prazo devido.

Os alunos decidiram após intenso debate a realização de um curta por turma (o CE é ministrado nos turnos manhã e tarde, com carga horária de 2 horas semanais), devido à necessidade de figurantes para as cenas e a presença de pessoas de ambos os sexos para a caracterização dos personagens. Estes elementos da montagem e o cuidado necessário para tornar a história verossímil foram orientados nas formações promovidas pela Secretaria Municipal de Educação com a colaboração da Universidade Federal de Pelotas.

Outro fator que contribuiu por optarem na produção de um curta-metragem por turma em detrimento de vários que poderiam ser realizados foi pela intensidade do trabalho, a qual impossibilitaria a mesma atenção acurada com os detalhes por parte das professoras-diretoras. Da mesma forma, muitos suspeitavam que esta fórmula não resultasse em uma história bem produzida, em acreditar que a heterogeneidade de idades, a multiplicidade de opiniões, as diferentes personalidades e temperamentos dos alunos e alunas que formavam a turma poderiam dificultar a execução deste projeto.

Alguns temiam que parte da turma não se empenhasse para a conclusão dos vídeos e acarretasse a não participação no festival. Entre medos, receios e expectativas ansiosas, professoras e alunos concluíram que se deve apostar em um trabalho coletivo, enfrentar o desafio da tarefa de praticar a tolerância e a paciência perante opiniões diversas e ritmos diferentes. Concluímos o quão exitoso é se lançar à tarefa de refletir a prática pedagógica e se permitir novas possibilidades didáticas, as quais transpareciam na felicidade estampada nos rostos de todos na manhã de exibição.

A escola optou em levar os alunos das séries finais para apreciar o trabalho realizado pelos colegas. Esta atividade possibilitou inúmeras avaliações positivas, comentários produtivos e interesse em realizar atividades com produção de vídeos no ano seguinte. Para celebrar o encerramento do ano letivo, organizou-se uma sessão de cinema com os vídeos produzidos pelos alunos da escola para todos, inclusive à comunidade com uma exibição noturna.

Esta experiência repercute nas práticas pedagógicas de todos na escola ao proporcionar o manuseio de ferramentas didáticas do universo juvenil. Visibiliza talentos e provoca a criatividade. Promove a realização coletiva de trabalhos. Cria o espaço para o debate e mediação de conflitos, inclusive os geracionais. Torna concreta a aprendizagem dos jovens e permite o protagonismo histórico.



Figura 13 – Os premiados em 1º Lugar, de cada categoria, recebiam o Troféu Imigrante.

AUDIOVISUAL: UMA JANELA NA SALA DA DIVERSIDADE

Indiara Tainan Passos dos Santos

Introdução

Este trabalho aborda a relação entre a Diversidade Cultural, a Sala da Diversidade e o uso das mídias diversas aplicadas à educação, tendo como foco principal o programa São Léo em Cine, em que cinema e produção de vídeo estiveram diretamente ligados aos atendimentos da Sala da Diversidade e, portanto, auxiliando no processo de recuperação da autoestima, reintegração à escola e reinserção na sociedade de alunos do Ensino Fundamental de São Leopoldo, a EMEF Padre Orestes João Stragliotto, sendo um relato de experiência vivida pelos alunos dos turnos da manhã e da tarde, atendidos por mim neste espaço.

Ser humano, identidade, autoestima e comunidade local.

A constituição de um ser humano de forma a considerá-lo parte integrante da sociedade como conhecemos é um processo bastante longo e complexo, pois depende de muitos fatores para que se dê de maneira a contemplar toda a complexidade do ser, desde seu âmago mais profundo, suas características físicas, psíquicas e detalhes de sua personalidade e sentimentos.

Para tanto, cada episódio de sua vida, oportunidade e aprendizagem terá fundamental importância, tendo em vista que poderá contribuir para que esteja mais longe ou perto de ser um indivíduo em constante evolução e desenvolvimento, pleno de compreensão de si mesmo e do mundo que o cerca, solidário e, ao mesmo tempo, cheio de si frente às adversidades, empoderado pelo autoconhecimento.

Mas a realidade é que se conhecer e ser dono de seu próprio destino não é uma realidade para muitas crianças e jovens das regiões de periferia de todo o Brasil.

O histórico de desigualdades sociais, preconceito racial, étnico, religioso e sexual que permeiam nosso país, acrescentou à nossa história como nação, as sombras nebulosas dos abismos entre realidades e oportunidades disponíveis para crianças, jovens e adultos de comunidades miseráveis e pobres das grandes metrópoles e regiões metropolitanas.

Por consequência, a cristalização de crenças a cerca da incapacidade, da impunidade política, desinteresse e descaso das autoridades com a qualidade de vida da população de um modo geral, por conseguinte, mais com as classes menos favorecidas, ainda mantém viva no inconsciente coletivo que não há maneiras de vencer a desigualdade e nem motivos para lutar e modificar a realidade local.

Este sentimento de “menos valia” parece contagiar algumas comunidades que passam por um processo de construção de sua identidade.

Nada diferente do que ainda é sentido na Chácara dos Leões, do Bairro Santos Dumont, região nordeste de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul.

Esta comunidade que nasce de um loteamento iniciado na década de 90, hoje conta com uma escola de Ensino Fundamental, a EMEF Padre Orestes João Stragliotto, um conjunto habitacional, a COOHAP, e está situada na região de maior crescimento demográfico no município nos últimos três anos, tendo recebido em

assentamento paralelamente à sua avenida principal, mais de 400 famílias, no que hoje é conhecido Loteamento Padre Orestes, duas grandes áreas invadidas e uma Cooperativa Habitacional que conta oficialmente com 222 famílias assentadas desde 2013.

E a constituição de uma região ou comunidade local, atravessa as mesmas necessidades e construções nos mais diferentes seguimentos sociais, não se abstendo da escola.

A escola como reflexo micro de uma sociedade macro, acaba por repetir alguns dos estigmas apreendidos ao longo das vidas de todos que fazem parte deste contexto: estudantes, professores, educadores sociais, funcionários e familiares.

Sala da diversidade, um olhar terapêutico-educativo para as necessidades especiais de todos.

Há algumas décadas, o entendimento sobre uma educação de qualidade se limitava a um professor que simplesmente aplicava seu conteúdo, com a única preocupação de satisfazer a um currículo homogeneizador e que, em momento algum, se preocupava com as particularidades de cada aluno. Sendo assim, todos eram avaliados sob a luz dos mesmos critérios, sem que qualquer variável fosse levada em consideração: fosse a melhor maneira que este estudante aprende, o seu estado emocional, ou mesmo sua história de vida, suas capacidades ou habilidades cognitivas.

Ainda é muito comum desconsiderar toda pessoa com necessidades especiais. Ou mesmo pensar nestes como indivíduos de segunda classe (em muito, nem considerados sujeitos detentores de direitos e potencialidades, pelos seus pares e por si mesmos), incapazes de aprender, de se expressar e, conseqüentemente, improdutivos e desnecessários à sociedade.

Percebendo-se então efervescente necessidade de construção de identidade local de maneira a fortalecer pontos

positivos, respeito às diferenças, aumento da autoestima dos estudantes como pontos impulsionadores de uma mudança na qualidade de vida da comunidade local, fortalecimento e reconhecimento de lideranças, resultando possivelmente em maior organização social e política comunitária e na cidade, pensou no ano de 2013, no momento do nascimento de uma nova escola, EMEF Francisco Cândido Xavier, vizinha à EMEF Padre Orestes, separadas por apenas duas quadras.

Surge então a Sala da Diversidade como sendo um espaço de acolhida na escola. Local onde o olhar para a integralidade do ser será o primeiro ponto de vista, a fim de servir de base impulsionadora para estudantes e professores, oferecendo atendimento educacional especializado para estudantes com as mais diversas Necessidades Educativas Especiais (NEE's), sendo estas diagnosticadas por um CID que deflagre uma doença ou síndrome, ou mesmo alguma disfunção, trauma, adversidade, ou diversidade cultural, étnica, sexual ou religiosa que esteja causando ou que cause diretamente uma dificuldade de aprendizagem momentânea, temporária ou permanente que mereça atenção, quanto maior seja sua gravidade e quanto mais incapacitante esta seja para o estudante, sua turma ou grupo escolar e seus pares na escola.

Fui escolhida pela Diretoria de Gestão da Educação Básica – DGEB e equipe Diretiva da escola para estar à frente deste lugar novo na escola: terapêutico e educativo ao mesmo tempo, onde pude, através de um ano repleto de desafios, dificuldades, alegrias e conquistas deixar minha marca como devido ao perfil profissional, assim como minha caminhada como educadora popular, professora, mulher negra vinda da periferia.

Espaço garantido pela Resolução CNE/CEB nº 2/2001, que define a oferta de Educação Especial na Educação Básica, que aponta a necessidade de assegurar:

I - a dignidade humana e a observância do direito de cada aluno de realizar seus projetos de estudo, de trabalho e de inserção na vida social;

II - a busca da identidade própria de cada educando, o reconhecimento e a valorização das suas diferenças e potencialidades, bem como de suas necessidades educacionais especiais no processo de ensino e aprendizagem, como base para a constituição e ampliação de valores, atitudes, conhecimentos, habilidades e competências;

III - o desenvolvimento para o exercício da cidadania, da capacidade de participação social, política e econômica e sua ampliação, mediante o cumprimento de seus deveres e o usufruto de seus direitos.

Partindo deste entendimento e do olhar humano necessário ao profissional que atua neste lugar na escola, dentro e fora de sala de aula, se evidencia um grande desejo de que se solidifique e construa uma história de parceria, respeito mútuo na e pela comunidade local onde a escola está inserida e pela qual é constituída, assim como um enorme desejo de que os indivíduos que por esta escola perpassam possam crescer e evoluir cognitivamente e socialmente.

O que acaba acontecendo no momento que a Sala da Diversidade é regulamentada pelo Conselho Municipal de Educação de São Leopoldo, Parecer CME/CEINC nº 047/2014, aprovado em 03/12/2014, passando a existir então em outras 36 escolas do município.

Mas para que este desejo se torne realidade, se evidencia a necessidade da compreensão e aprofundamento dos termos Inclusão (e Integração), de forma mais ampla, global e explícita para todos os participantes do processo, levando-se em consideração que cada indivíduo é único em seus saberes, conhecimentos e experiências, justificando também a devida importância do entendimento destes termos pelos profissionais diretamente responsáveis pelo fazer pedagógico, o jogo de ensinar-aprender, pela orientação, durante o

processo educacional e a constituição deste sujeito na e para a sociedade.

Entendimento esse que, ensinado historicamente, tende ainda a ser reproduzido na sociedade e na escola, como refere Guebert (2007):

As crianças ditas normais costumam excluir dos jogos e das brincadeiras aquelas que não respondem adequadamente às situações propostas pelo grupo. Essa dificuldade em serem aceitas e em interagir com o grupo faz com que elas deixem de vivenciar a escola no que se refere ao exercício da atividade cooperativa, da representação de papéis e do ensaio dos valores éticos e morais que a sociedade no apresenta enquanto grupo. (GUEBERT, 2007).

Porém, o crescente movimento pelos direitos humanos conseguiu mobilizar as pessoas em torno do planeta, voltando o foco para a atenção às pessoas com necessidades especiais e pessoas excluídas da sociedade de um modo geral, pensando políticas que garantam seu espaço na sociedade e de certa forma democratizando um mundo que até este momento não era para o diferente, deixando de ser excludente ao menos nas legislações criadas desde então.

E a superação dos limites para o que entendemos para a educação e o currículo formal na escola, pode ser um dos caminhos para que se consiga ultrapassar os limites do fracasso escolar vivido em sua grande maioria nas escolas de periferia.

Educação na atualidade: desafios, conquistas e as mídias.

A atualidade então apresenta, a partir dos avanços tecnológicos, uso massivo de redes sociais, exploração midiática para os mais variados temas, uma vasta gama de possibilidades e usos

pedagógicos ainda não explorados para educadores, professores e estudantes: a própria Internet, e-mail e aplicativos midiáticos mais conhecidos como *Facebook*, *Whatsapp* e o *Twitter*; a música e o vídeo.

Segundo MORAN (1995), “Precisamos aproveitar essa expectativa positiva para atrair o aluno para os assuntos do nosso planejamento pedagógico. Mas ao mesmo tempo, saber que precisamos prestar atenção para estabelecer novas pontes entre o vídeo e as outras dinâmicas da aula”.

Esta pode ser uma estratégia para que se estimulem as múltiplas inteligências, as diferentes formas de apreender sobre o mundo e sobre si mesmo.

E contradizendo a grande preocupação social com o uso das mídias, de certa forma, a abertura de mercado, políticas públicas de acesso ao consumo e custo mais acessível para uso de celulares, computadores e assemelhados, abriu grande janela de possibilidade para todos: e-mail, redes sociais e as notícias agora não são exclusividade de um público seletivo, pois estão ao alcance de todos em um clique.

As distâncias entre mundos tão antagônicos, ao menos virtualmente, se estreitou e notícias, pontos de vista, interesses, imagens e informações são *compartilhadas* com extrema rapidez.

Sala da diversidade e uso das mídias.

Mesmo com todos estes avanços, o grande desafio é ultrapassar a barreira da intenção e possibilitar nas práticas diárias, em sala de aula e, conseqüentemente, no âmbito social, que as oportunidades e direitos não existam somente no papel, garantindo um real espaço para todos, onde, com suas limitações e potencialidades possam construir um mundo melhor. Isso se faz com um passo de cada vez, iniciando na escola, onde se formam os “sujeitos”.

O celular, o computador, *tablet* e demais veículos midiáticos são hoje ferramentas de trabalho, meio de comunicação, agenda e portal para comunicação universal, através dos quais se tem a possibilidade de vislumbrar novas experiências, viajar pelo mundo e se interligar com um “outro” não tão próximo.

Nada melhor do que aproveitá-los na escola, tendo em vista o enorme fascínio que exercem em crianças, desde a mais tenra idade, em adolescentes e adultos de todas as idades.

Para tanto, em 2014, a Sala da Diversidade aceita o desafio proposto pela Secretaria de Educação e se insere no projeto Curta Capilé, Mostra de Vídeos Estudantis Inclusivos, oportunidade em que realiza seu primeiro curta-metragem chamado 15 ANOS, em que crianças e adolescentes atendidos pelo setor participam.

Os desafios foram intensos: Como fazer um filme? Qual temática? Como abordá-la conseguindo abranger crianças e adolescentes em uma mesma ação educativa? Como efetivar a ação de maneira a contemplar as diferenças, deixando uma mensagem e tendo relevância para a comunidade local e a escola?

Aceita a proposta, pensou-se então em dar imagem e voz aos estudantes da escola, tendo em vista a grande evasão que acontece com os jovens em torno de 15 ANOS de idade que, pelos mais variados motivos, saem da escola.

Para análise, cito da Proposta Pedagógica da EMEF Francisco Cândido Xavier, de 2011, em que se verificam informações de alunos com Distorção Idade-Série, atendidos anteriormente pelo Projeto Seguindo em Frente (da EMEF João Goulart Marques Goulart, situada na Vila Brás, também bairro Santos Dumont, onde a realidade da comunidade local é muito parecida), coordenado por Jussara Dias Bueno, atual diretora da EMEF Francisco Cândido Xavier:

Tabela: Evasões - EMEF João Goulart, Projeto Seguindo em Frente. Alunos	Idade	Motivos principais
4	18	Trabalho (3) e casamento (1)
2	17	Mudança (1) e dependência química (1)
4	16	Trabalho (3) e casamento (1)
1	15	Trabalho

Há de se ressaltar que os motivos de evasão escolar diferem entre estudantes do sexo masculino e feminino, além disso, ainda surge como motivação para o abandono dos estudos a gravidez na adolescência.

Estavam postas as motivações para o filme, que pendeu para o gênero documentário. Dentre mais de 70 alunos atendidos foram diretamente escolhidos seis que puderam dar seus depoimentos e, outros sete, da turma 8A3 (turma que conseguiu participar através da intervenção da Sala da Diversidade no ano de 2014), que fizeram a abertura e o fechamento do vídeo, também contaram sua história, seus pontos de vista, seus sonhos e desilusões na escola e na vida.

Neste primeiro trabalho contou-se com apenas cinco minutos de tempo para que os relatos fossem distribuídos retratando parte da diversidade de adolescentes atendidos pela escola nesta comunidade.

A repercussão foi muito positiva na Mostra realizada no cinema da cidade, assim como dentro da escola: muitos estudantes participantes não conseguiam conceber a ideia de que eram eles próprios que estavam lá, estrelando uma produção na “telona”.

São Léo em Cine.

No ano de 2015, o trabalho continua na escola e a Sala da Diversidade se fortalece, à medida que vai ganhando a confiança da comunidade e das famílias de alunos atendidos ou não, professores e funcionários da escola compreendem seu papel terapêutico e pedagógico para importante parcela de seus estudantes.

Surge a proposta do projeto São Léo em Cine, coordenado pelos professores Eliane Beatriz Candido e Cleonir Carlos Duwe, sendo este o I Festival de Vídeo Estudantil ofertado pela SMED em parceria com a UFPel. Além de aporte para o festival, foi ofertado aos professores, formação para a construção dos curtas-metragens, que abrangeu temáticas desde a neurociência, linguagem, roteiro, produção e edição.

Formação encaminhada, os professores estavam munidos das informações necessárias para serem então multiplicadores com seus grupos de trabalho: seus estudantes.

Dada a largada para a produção, iniciaram-se na EMEF Padre Orestes, três grupos de trabalho: um da Sala da Diversidade, coordenado por mim e outros dois formados por estudantes atendidos pelo Projeto de Mediação de Conflitos e Cultura de Paz, coordenados pelos professores Nelson Peres Garcia Junior e Maira Ubatuba Machado.

Partiu-se então para a discussão do tema e escolha dos estudantes participantes do projeto, tendo em vista que esta ação que resultaria em um vídeo, também tivesse como objetivo trabalhar questões relevantes e pertinentes à escola e comunidade local, e que

pudesse em meio às discussões, dar espaço para que se elevasse a autoestima dos envolvidos, “compartilhando” aprendizagens das formações e descobrindo talentos desconhecidos até deles próprios.

Foi o que ocorreu durante todo o processo.

Selecionados os estudantes de 3º ao 8º ano da escola, pensou-se em uma temática como pano de fundo para as discussões e atendimentos a partir de então: a PAZ.

Em meio a um ano cheio de conflitos políticos, sociais, protestos violentos, este tema foi de imediato entendido por parte de todos, pequenos e grandes.

O EVAM (Espaço Virtual de Aprendizagem Multimídia), na escola e a professora responsável pelo local tornaram-se parceiros nesta parte do trabalho, onde a pesquisa sobre o assunto, a escrita da palavra, símbolos relacionados à paz foram o tema desenvolvido e, a partir dele, surgiram então outros questionamentos: como abordar o tema paz? Qual é o significado de paz para cada um?

Logo em seguida, foram realizadas as reuniões para organização da equipe final do curta e o início do roteiro e então as discussões se intensificaram.

Após as discussões e propostas sugeridas na formação sobre roteiro, produção e edição, foi muito proveitoso propor aos estudantes as reflexões sobre a Paz e fazer a revisão dos textos sugeridos para a história.

Todos os caminhos das histórias se encaminharam para um desfecho muito interessante. As sugestões dos estudantes convergiram para um roteiro em que a violência doméstica era um dos temas principais.

Além deste, a gravidez da adolescência aparece na trama como a causadora do conflito principal:

EM BUSCA DE PAZ

Roteiro:

Um casal de crianças inicia uma bela amizade e na adolescência, Daniele aparece grávida.

Tenta então tomar remédios para abortar o filho indesejado, tem um mal súbito, porém mesmo assim, tem seu filho, que na trama cresce e já aparece com em torno de 10 anos na escola.

Logo na escola, os problemas em família e a não aceitação por parte da mãe, ajudam que o menino se torne confuso e revoltado, entrando em conflitos na escola e agredindo colegas.

Em seguida, após intervenção da Sala da Diversidade o menino consegue refletir sobre o que fez e a mãe é igualmente atendida, o que permite a ela refletir sobre seu papel e responsabilidade sobre a agressividade do filho.

Encorajados a tornarem-se uma família, e fortalecerem-se no amor e respeito, Daniele e seu filho seguem para fora da escola, quando então a mãe reencontra seu amor da adolescência.

Contudo, antes de o curta tornar-se realidade, os estudos sobre o que é uma sinopse, exercícios sobre a capacidade de síntese, concentração, ortografia, elaboração de textos foram intensas ao longo do período que antecedeu o Festival.

Várias habilidades propostas pelo currículo perpassaram pelos encontros que se seguiram, além da capacidade de respeito mútuo, afinal a convivência entre crianças e adolescentes se intensificou. Adolescentes sentiram-se responsáveis pelos mais novos, tomaram responsabilidades de trabalho para si e auxiliaram paralelamente a professora para que tudo acontecesse de maneira satisfatória.

Compreender as diferenças, os tempos diversos para apreender, para compreender, as dificuldades de aprendizagem, as

NEE's, as Necessidades Emocionais de cada um, tudo passou a ser objeto de estudo.

Até os conflitos internos no grupo foram passíveis de serem revistos, buscando o diálogo e o entendimento, após houve muita conversa e intervenções de todos do grupo.

Superando desafios: contando com amigos.

A solidariedade também foi marca de toda a experiência vivida no São Léo em Cine – I Festival de Vídeo Estudantil, o que contagiou crianças, adolescentes, familiares e professores direta e indiretamente.

Os encontros para definição dos temas; dias, tardes e noites de trabalho; sucessos e fracassos fizeram parte constante na escola, pois os horários de aula não seriam suficientes para dar conta de tamanha responsabilidade.

As responsabilidades familiares com irmãos mais novos de pequenos e pequenas roteiristas, astros e estrelas das telas, deram lugar à acolhida e a escola e os colegas passaram a ajudar a cuidar dos irmãos caçulas na escola oferecendo-se um brinquedo, mostrando a escola, conversando. Tudo para colaborar com as filmagens, produção e edição.

Quando tudo parecia se encaminhando para a finalização, eis que mais um grande desafio se apresenta: um estudante, sendo dos atores mais importantes do filme, em tratamento para vencer a Leucemia, precisou em vários momentos ausentar-se para medicar-se ou mesmo permanecer no hospital.

Mas agora, depois de mais de um mês de convivência, não era um grupo de colegas de escola, mas sim um grupo de amigos, uma família que passou a se comunicar através das redes sociais para quebrar o muro de isolamento do colega com a saúde fragilizada e que conseguiu nos deixar uma grande lição.

Último dia marcado para as filmagens, exatamente uma semana para o final do prazo de entrega, após uma manhã inteira de cenas gravadas sem o nosso valente ator principal, todas, exatamente todas as imagens registradas são perdidas.

O que fazer? Não haveria tempo hábil para recomeçar, então foi encontrado como alternativa um estudante que aceitou ser dublê. Entretanto, na semana anterior ao final do prazo, a professora responsável estaria viajando, retornando após a data limite.

A resposta veio através do apoio, amizade e carinho dos colegas professores Nelson Júnior e Maira Machado, da EMEF Padre Orestes, que abraçaram a responsabilidade de monitorar os estudantes na finalização do curta-metragem, finalizando boa parte do filme.

Mas não parou por aí, porque do outro lado da cidade também havia mãos e corações dispostos a ajudar. A professora Luciane Domingues Ramos e seu esposo Rafael, sem cobrar nada em troca, conseguiram salvar as imagens perdidas quase que em sua totalidade.

Solidariedade esta que se estendeu ao grande dia da exibição dos filmes no Cinesystem Cinemas de São Leopoldo, onde um dos astros, participante de Mostra de Cinema pela segunda vez, sugere que ele gostaria de realizar um sonho: vir para a entrega das premiações, junto dos demais colegas estudantes da Rede Municipal, em Limusines!

E tamanha a força da solidariedade, que este sonho se realizou e no dia 14 de Dezembro de 2015, premiação do SÃO LÉO EM CINE – I FESTIVAL DE VÍDEO ESTUDANTIL, estudantes e professores realizaram o desejo de um adolescente que tornou verdade o sonho para todos.

Este sem dúvida é o espírito de todo trabalho realizado pela Sala da Diversidade e foi toda a tônica de trabalho deste lindo e emocionante projeto.



Figura 14 - Comunidade escolar vibrando a cada indicação e/ou premiação de seus filmes.

UM CURTA-METRAGEM QUE FICARÁ MARCADO NA HISTÓRIA DA ESCOLA

Joel de Almeida Nunes¹

Introdução

A presente realidade educacional tem exigido uma constante mudança, tanto nas práticas pedagógicas quanto na sua estrutura curricular como um todo, fazendo-se necessário com que os educadores busquem cada vez mais trabalhar com as principais habilidades e competências individuais e coletivas dos alunos. Conforme indicam os PCNs:

De que competência se está falando? Da capacidade de abstração, do desenvolvimento do pensamento sistêmico, ao contrário da compreensão parcial e fragmentada dos fenômenos, da criatividade, da curiosidade, da capacidade de pensar múltiplas alternativas para a solução de um problema, ou seja, do desenvolvimento do pensamento divergente, da capacidade de trabalhar em equipe, da disposição para procurar e aceitar críticas, da disposição para o risco, do desenvolvimento do pensamento crítico, do saber comunicar-se, da capacidade de buscar conhecimento. Estas são competências que devem estar presentes na esfera social, cultural, nas atividades políticas e sociais como um todo, e que são condições para o exercício da cidadania num contexto democrático. (PCN- EM, 1998, p. 24).

¹ Possui Graduação em Matemática e Pós-graduação em Tecnologias no Ensino. Email: joelnunesrs@ig.com.br

Diante dessas considerações, apontadas pelos PCNs, a de valorizar as diferentes aprendizagens e conhecimentos dos alunos, estimulando-os para o novo aprender, é que a rede municipal de ensino de São Leopoldo vem proporcionando aos seus servidores do magistério, cursos para que os mesmos possam aperfeiçoar as suas práticas de sala de aula, inovando as suas metodologias de ensino.

Nesta perspectiva de Inovação é que a Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor José Grimberg tem procurado diversificar as suas atividades docentes e, dentre alguns projetos realizados pelos diferentes professores da Escola, destacamos a importância do cinema, como por exemplo, a produção do curta-metragem produzido na Instituição, cuja temática foi referente ao *bullying* escolar. A proposta desta atividade foi de conscientizar os alunos das principais consequências que o *bullying* pode acarretar na vida estudantil e pessoal dos sujeitos. Além disso, se salientou alguns dos diferentes tipos de intimidações que caracterizam as variadas formas de *bullying* existentes.

Assim, neste relato de experiência, procuramos apresentar uma das práticas pedagógicas realizadas na EMEF Professor José Grimberg, cujo projeto foi impulsionado pelo professor Joel de Almeida Nunes, que realizou a formação do São Léo em Cine oferecido pela Secretaria de Educação do município de São Leopoldo. Esta atividade foi realizada em conjunto com o programa Mais Educação da Escola e do Projeto de Robótica Educacional. A atividade teve a participação das professoras Eloci Teresinha de Oliveira, Nathália Righi, Marta Regina, juntamente com os alunos inscritos nestes projetos.

Metodologia

A proposta de ensino em questão foi iniciada em meados de agosto de 2015 a novembro de 2015. Os sujeitos envolvidos foram

alunos inscritos no Projeto Mais Educação e no Projeto de Robótica da Escola, além dos quatro professores citados acima.

Durante a produção desse curta-metragem produzido, várias etapas ocorreram, entre elas: discussão da problemática que seria trabalhada e a relevância da mesma no contexto escolar, a elaboração de um roteiro, a divisão das tarefas, discussão e organização dos diferentes cenários onde se passariam as cenas, a edição das gravações, finalização e ajustes de todo o processo realizado.

A principal ideia foi a de tornar os alunos protagonistas da definição da palavra *bullying*. Para isso, algumas estratégias foram desenvolvidas.

A primeira estratégia foi a de construir um programa de TV no curta (“Te Vê no Grimberg), cujo anúncio foi realizado pelo professor Joel Nunes.

A segunda foi a de ter um programa ao vivo (diretamente do Arroio Bopp, próximo à escola), intitulado como “Diversidade Consciente”, dirigido pela aluna Beatriz. A pretensão deste programa é discutir os diferentes assuntos polêmicos enfrentados pela escola, juntamente com uma plateia e um especialista da área do assunto abordado em cada programa.

A terceira ideia foi a de simular uma sala de aula com uma proposta de ensino, coordenado pela professora Nathália Righi. A referida proposta foi trabalhada em sala de aula, no espaço da biblioteca, sobre a temática do *bullying*, compartilhando com os demais alunos, por meio de exposição dos materiais confeccionados no mural da escola.

Os principais recursos utilizados foram: cartazes, gravações de áudios e vídeos por meio de celulares, sala de aula, quadro branco e mural da escola.

Assim, dessa maneira e com esses recursos citados, é que o curta foi produzido. A descrição desse processo de produção é descrito a seguir.

Resultados

Ao realizar essa atividade o professor pôde se deparar com várias situações imprevisíveis. Destacaremos algumas que o nosso grupo de professores envolvidos na produção desse curta enfrentou.

Uma das questões iniciais foi a de divisão de tarefas e ensaios, pois raramente todo o grupo de alunos estava presente, visto que eram estudantes de diversos projetos com diferentes horários. Então, algumas adaptações foram necessárias para que o trabalho tivesse continuidade.

A segunda questão, dessa vez positiva, que podemos destacar com este grupo de alunos é a dedicação, o empenho e a responsabilidade com as tarefas que eram de sua competência. Tais como, filmagem, edição, as falas que tinham que ser decoradas, entre outras.

Além dessas considerações mencionadas, salientamos que a principal vantagem é que se o curta-metragem for utilizado como estratégia de ensino, o conteúdo é visto por diversas óticas ao longo do processo, tornando-o mais assimilável, principalmente por enfatizar o trabalho em equipe, o espírito investigativo e colaborativo nas realizações das tarefas. E, como desvantagem, apontamos a questão do tempo, pois é um longo percurso a ser alcançado até que tal resultado seja aceitável e coerente com a temática produzida.

Conclusão

A partir desse trabalho, podemos concluir que trabalhar com a produção de curtas aliados aos conteúdos da grade curricular pode trazer grandes avanços para o sistema educacional que vem exigindo cada vez mais por inovações, de modo que a aprendizagem ocorra de forma mais atrativa para os estudantes.

A produção de curta-metragem possibilita explorar e mergulhar em outras áreas do conhecimento, tornando uma aprendizagem transversal e de maior significância ao público envolvido, que é o principal protagonista do seu próprio saber, pois exige pesquisas, estudos, criatividade, debates e reflexões acerca da temática abordada.

Assim, recomendamos para os professores que estiverem dispostos a inovar as suas metodologias e didáticas, a produção de curtas-metragens nas suas temáticas de ensino.



FORMAÇÃO

A formação ocorrerá no **São Léo em Cine**, das 18h às 22h.

PROGRAMAÇÃO:

- 30/09/15 → Jaisa Pereira, Doutor em Educação da UFPEL – “Neurociência e a produção de vídeo no processo de ensino”.
- 01/10/15 → Milton do Prado, Mestre em Estudos Cinematográficos da UFPAZUC – “Linguagem e prática de Cinema no curtometragem”.
- 13/10/15 → Dr. Jaisa Pereira (UFPE) – Oficina de Roteiro e Produção.
- 14/10/15 → Kelly Derra Chifá (UFPE) – Oficina de Direção, Gravação e Encenações.
- 15/10/15 → Patricia Custódio (UFPE) – Oficina de Edição.

Público-alvo: Professores da rede municipal de São Leopoldo da Educação Infantil à Educação de Jovens e Adultos.

Carga horária: 20h com Certificação (máximo 75% de presença).

Inscrições gratuitas: Até dia **28/09/15** através do email inscricao@saoleoemcine.org.br, informando escola, nome completo, telefone e email pessoal.

JÁ PENSOU EM FAZER UM CURTA? TRAGAM SUAS IDEIAS!

OFICINAS:
Realizadas em São Léo em Cine.

- 20/04/15 (Segunda-feira)
 - 18:30h às 21:00h – **CONCEITOS E CATEGORIAS NO CINEMA** Prof. Paulo Espírito (EMEF São João Batista)
 - 20:00h às 21:30h – **CINEMA DE ROY LEBRON ESTABANIE** Prof. Mariana Dantas (EMEF Glória Dantas)
- 26/04/15 (Terça-feira)
 - 18:30h às 20:00h – **LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA** Prof. Lucas Campos (EMEF São João)
 - 20:00h às 21:30h – **ATUANDO E TECNOLOGIA APLICADA EM PRODUÇÃO MUSICAL** Prof. Alessandro Volante (EMEF Paulo Bock)
- 28/04/15 (Quarta-feira)
 - 18:30h às 20:00h – **MAQUIAGEM DE EFEITO ESPECIAL** Prof. Vilmar Pereira (EMEF Ipe Amador)
 - 20:00h às 21:30h – **ROUBARES E EFEITOS VISUAIS** Prof. Diego Cavalcanti (EMEF José Gaudart)
 - ANIMAÇÃO EM STOP MOTION** Prof. Andréia Rodrigues (EMEF José Gaudart)
- 05/05/15 (Quinta-feira)
 - Público-alvo: Dr. Jaisa Pereira (UFPEL)
 - 18:30h – “Público-alvo: Alunos”
 - COMO SÃO ROY LEBRON NA PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTABANIE**
 - 18:30h – “Público-alvo: Professores”
 - NEUROCIÊNCIA APLICADA À PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTABANIE**

A formação está aberta para todos os professores da rede municipal de São Leopoldo. Inscrições até 13 de abril de 2015. Inscrições gratuitas até 28 de setembro (inscrições). Contato: telefone: 2013-3699. Carga horária: 20 horas. *Para inscrever-se vá até o espaço de São Léo em Cine.

Figura 15 - Formações oferecidas aos professores.

REINO DE ACALO CHEGA À SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS

Leticia Daudt

A escola não pode tudo, mas pode mais. Pode a- colher as diferenças. É possível fazer uma pedagogia que não tenha medo de estranheza, do diferente, do outro. A aprendizagem é destoante e heterogênea. Aprendemos coisas diferentes daquelas que nos ensinam, em tempos distintos, [...] mas a aprendizagem ocorre, sempre. Precisamos de uma pedagogia que seja uma nova forma de se relacionar com o conhecimento, com os alunos, com seus pais, com a comunidade [...]. (OWICZ,1997, p.89).

O presente trabalho relata a experiência vivenciada na Sala de Recursos Multifuncionais (SRM) da EMEF Olímpio Vianna Albrecht na produção de um curta-metragem. Esta atividade fez parte do programa São Léo em Cine – I Festival de Vídeo Estudantil da Secretaria Municipal de Educação (SMED), do município de São Leopoldo, RS.

Contamos uma história que acontece no mundo da imaginação de uma menina. Ela cria o seu reino encantado e leva junto sua amiga para brincar. Habitam neste reino fadas, princesas, flores, gnomos, bruxa, mago, príncipe. É um local onde o amor hoje prevalece, mas nem sempre foi assim.



Figura 1: As meninas que criam um reino encantando em suas brincadeiras

O filme recebeu o título de: O REINO DE ACALO. A história foi inspirada no dia a dia da SRM, trazendo de uma forma figurada, o trabalho realizado na sala. O nome foi escolhido propositalmente, ACALO - ACALANTO: afeto, carinho, acolhimento, suavizar, confortar, adocicar.

O reino apresenta uma família nada tradicional, mesmo para os contos de fadas. Esta família é composta por uma “ex Bruxa Má”, que se tornou a “Rainha Boa”, pelo “ex Mago Ruim” que agora é pura bondade e carinho e por suas filhas, duas lindas e meigas princesinhas. A imagem dos pais com as filhas contrastam propositalmente nas cores, na delicadeza e na imponência para mostrar que as diferenças existem e que aprender a conviver com elas torna a vida mais simples, divertida e alegre. As diferenças se complementam. Aceitar o outro e romper barreiras é essencial para viver feliz em sociedade.

Encontramos contratempos ao longo do caminho, mas com sensibilidade, calma e carinho aos poucos as situações se ajustam, os conflitos (internos e externos) suavizam e compreende-se que o amor, a generosidade, a solidariedade e a gentileza são sempre o melhor caminho.



Figura 2: Família do Reino de Acalo

A SRM atende no contra turno escolar crianças com Necessidades Educacionais Especiais (NEE). As práticas são sempre voltadas às necessidades e interesses específicos de cada aluno. É um local onde se trabalham principalmente questões referentes à área interpessoal, intrapessoal, objetivando avanços nas dimensões cognitivas, ato motor (fino e amplo), sociais e afetivas. Busca desenvolver a autoimagem, autoestima, autonomia, auxiliando nas relações afetivas, socialização, compreensão de suas habilidades e potencialidades. Procura desenvolver o senso de responsabilidade, cuidado consigo e com o outro, propondo situações significativas e diversificadas no sistema motivacional cooperativo, emocional, afetivo e social frente às práticas do ensino aprendizagem.

O desenvolvimento do educando pressupõe o desenvolvimento das diversas facetas do ser humano: a cognição, a afetividade, a psicomotricidade e o modo de viver. Educação tem que ser não o que pensar, mas sim como pensar. Para que isso ocorra com nossas crianças devemos propiciar um ambiente alegre, feliz e que possui um espaço para dialogar, discutir, questionar e compartilhar saberes. Onde há espaço para a construção do conhecimento significativo. (LUCCKESI, 1984, p. 213).

O diversificado leque de objetivos, habilidades e potencialidades que a produção de um curta-metragem oportuniza foi a motivação inicial para participar deste projeto.

As tecnologias de informação e comunicação (TIC) apresentam-se como promissoras para a implementação e consolidação de um sistema educacional inclusivo, pelas suas possibilidades inesgotáveis de construção de recursos que facilitam o acesso às informações, conteúdos curriculares em conhecimentos em geral, por parte de toda a diversidade de pessoas dentre elas as que apresentam necessidades especiais. (GIROTO, 2012).

Em um primeiro momento os alunos foram chamados para um conversa na qual foi explicado o projeto e escutado suas ideias. Eles se sentiram felizes e motivados a participar.

Desde o início do ano letivo, as histórias e brincadeiras de vários alunos da sala envolviam princesas, fadas, bruxas, gnomos, entre outros seres que habitam os contos de fadas. Por este motivo escolheu-se um reino encantado para ser cenário e dar vida às brincadeiras, fazendo com que se sentissem parte ativa de todo este processo de aprendizagens.



Figura 3: Um dos momentos de brincadeiras envolvendo princesas durante o ano letivo.

Procuramos trabalhar com os alunos utilizando uma linguagem lúdica e dinâmica, promovendo a participação ativa de cada um em todas as etapas da construção deste projeto. Antes do roteiro ser escrito cada aluno escolheu qual personagem gostaria de ser. Foram estimulados a construírem efetivamente seus personagens, criando características, pensando em quais seriam vilões ou mocinhos, como seria seu figurino, além de opinarem e auxiliarem seus colegas.



Figura 4: Criação do figurino das princesas.



Figura 5: Desenho de aluno sugerindo parte da história.



Figura 6: Desenho da esquerda é uma sugestão do castelo para construção do cenário.
Desenho da direita é uma releitura do cenário já pronto.

Pronta a etapa da criação dos personagens, foi escrito o roteiro, contemplando as vontades dos alunos, além de pensar uma forma de retratar o trabalho realizado na sala de recursos, mesmo que de uma forma figurada.

Foram estabelecidas parcerias entre as professoras da sala de aula comum e a família dos alunos da SRM, buscando abranger o maior número possível de pessoas que gostam e queiram trabalhar coletivamente, aumentando a dimensão do projeto. Os atores foram os alunos que frequentam a sala de recursos e alguns convidados.

Familiares e professoras trabalharam em conjunto com os alunos. Auxiliaram na produção do cenário, na confecção dos figurinos, nas maquiagens nos dias de gravação e no atendimento aos alunos nos intervalos das cenas. Apesar da aparente bagunça na SRM durante as filmagens, todos sabiam o que fazer.



Figura 7: Professora de Artes auxiliando na maquiagem dos alunos.

Pensávamos em manter o ambiente e as relações saudáveis, pois são essenciais para uma atmosfera propícia à aprendizagem e para a formação do caráter nas crianças.



Figura 8: Alunas concentrando antes de entrarem em cena.



Figura 9: Momento de descontração no intervalo das gravações.

Foi bonito de ver a amizade e o cuidado de uns com os outros. A forma como torciam para que a cena do colega ficasse tão bonita quanto acharam a deles. Entre eles, percebe-se um elo de respeito, carinho e amor, demonstrando um vínculo forte de confiança, construído no dia a dia de convivência.

A afetividade denomina a atividade pessoal na esfera instintiva, nas percepções, na memória, no pensamento, na vontade, nas ações, na sensibilidade corporal, ela é componente de equilíbrio e da harmonia da personalidade. (ROSSINI, 2002, p. 21).



Figura 10: União dos alunos.

Os alunos, assim como seus pais, durante todo o processo sentiram-se muito felizes, animados, afinal, iriam assistir a sua atuação no “telão do cinema”. Sonharam muitas coisas e espalharam seus sonhos entre os colegas. O sonho de um foi se tornando o sonho de todos. Imaginaram sua chegada de limusine ao cinema, tapete vermelho, aplausos, mãos na calçada da fama. Pensavam em como seria quando os reconhecessem nas ruas, distribuindo autógrafos e muitas outras coisas que veem seus ídolos famosos fazendo. Tudo isso foi vivido e curtido com muita intensidade e alegria.

Quando chegou o dia tão esperado, de se verem na tela imensa do cinema, a alegria não cabia neles. Foram muitos sentimentos à flor da pele, lágrimas de emoção, sorrisos que rasgavam os rostinhos de orelha a orelha e o coração batendo na garganta, como eles mesmos descreveram. Cada “ator” conseguiu levar ao menos um familiar e estavam tão felizes quanto às crianças.

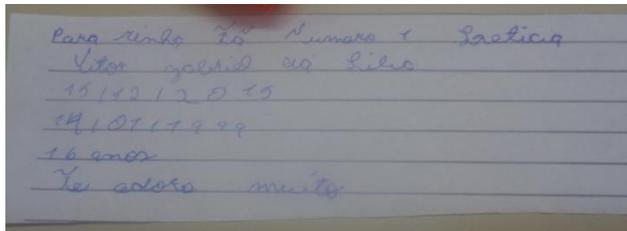


Figura 11: Autógrafo para a mãe número 1.

Depois de tudo isso que viveram ainda tinham mais emoções pela frente. Chegou a noite da premiação. Os alunos chegaram ao Ginásio Municipal de São Leopoldo e, para surpresa de todos, lá estava um sonho se realizando: duas lindas e enormes limusines para levá-los até a Sociedade Orpheu, local onde aconteceria a cerimônia de premiação.

O sonho do Vitor, que passou a ser de todos os “seres do Reino de Acalo” estava realizado: eles andariam de limusine! Isso aconteceu graças à sensibilidade do Secretário de Educação Luís

Arthur de Bitencourt, que ouviu o sonho do Vitor com muito carinho e quis torná-lo real, não somente para este aluno, mas também para os demais alunos que participaram do São Léo em Cine. Foi incrível para as crianças!



Figura 12: Alunos dentro da Limusine.

Chegando à Sociedade Orpheu, foram recebidos com muitas palmas ao saírem da limusine. Foram solicitados para fotos e tinha até estrelas da fama a sua espera no chão onde pisaram como eles mesmos perceberam.



Figura 13: Foto na chegada à cerimônia de premiação na entrada da Sociedade Orpheu.

E a noite terminou para eles em grande estilo. O curta-metragem teve quatro indicações nas categorias de premiações, ganhou um terceiro lugar na categoria “Melhor Direção” e uma super Menção Honrosa para o aluno Vitor Gabriel da Silva, que com seu sonho proporcionou momentos alegres e divertidos a todos que participaram do programa ao andarem de limusine. Foi realmente uma noite de “fama”, como tanto queriam.

Agradecemos à Eliane Candido e ao Cleonir Duwe, coordenadora e assessor pedagógico da SMED por proporcionar todos estes sentimentos a estes atores mirins tão especiais. Com certeza estas vivências e emoções ficarão para sempre em suas lembranças.



Figura 14: Vitor, recebendo das mãos do Secretário de Educação o Troféu Imigrante 2015 de Menção Honrosa.

Mas não acabou por aí. No dia posterior, as crianças tiveram uma super festa da premiação na Sala de Recursos Multifuncionais para consagrar ainda mais o esforço e a dedicação de todos os envolvidos. Talentos revelados, estima e confiança em alta, relações afetivas reforçadas, entre outros objetivos da Sala de Recursos (escritos no início deste relato), foram todos cumpridos com distinção. E assim, como no Reino de Acalo, aqui tem muito amor envolvido, basta olhar para estes sorrisos para perceber.



Figura 15: Festa em comemoração ao sucesso do Reino de Acalo.

Informações Técnica – Curta Metragem: O REINO DE ACALO

Roteiro: Leticia Daudt **Direção:** Leticia Daudt/ Lucas Campos **Edição de vídeo:** Lucas Campos **Produtora:** EMEF Olímpio Vianna Albrecht **Figurino:** Cristiane Silva/ Isabel Sebolt/ Kátia Beatriz B. Marques/ Leticia Daudt/ Rafaela Hansen **Cenário:** Cristiane Silva/ Isabel Sebolt/ Kátia Beatriz B. Marques/ Leticia Daudt/ Rafaela Hansen **Assistente de Cena:** Alef Rodrigues de Oliveira/ Cristiane Silva/ Isabel Sebolt/ Leticia Daudt/ Luana Comunel/ Rafaela Hansen **Maquiagem:** Cristiane Silva, Isabel Sebolt, Leticia Daudt Rafaela Hansen **Elenco:** Ana Carolina S. Leote de Oliveira/ Andrei Roger Vieira/ Bianca V. da Silva Miranda/ Brayan Martins/ Evelyn Nunes/ Gabrieli Brandão Severo/ Laís Vitória de Carvalho Silva/ Luciano D. Schulsen da Silva/ Luisa Daudt Lamberti/ Maria Teresa S. Leote de Oliveira/ Mariana Rafaela Prates/ Milena de Almeida Castro/ Nataly Oliveira da Luz/ Paola Bianca Santos Correa/ Pryscilla Marcos Chaves/ Vitor Gabriel da Silva/ Rafaela Hansen.



Figura 16 - Redes sociais do festival, além do Grupo no *Whatsapp*.

PRODUÇÃO DE NARRATIVA AUDIOVISUAL

Luciane Benites Hersing

Desde a infância adoro cinema, gosto da sensação de entrar na sala escura aguardando o início de uma nova história, a expectativa e a espera por algo novo. Como professora de Artes, todos os detalhes da produção me agradam, a escrita do roteiro, a escolha do tema e da trilha, logo unir os alunos e fazer parte do São Léo em Cine foi no mínimo intenso.

Nosso trabalho com o curta produzido na Emef Dr Jorge Germano Sperb começou durante os preparativos para a festa de *Halloween* da escola, projeto que integra as disciplinas de Artes e Língua Inglesa, contando com a participação dos alunos dos anos finais há três anos. Estávamos todos envolvidos com a pesquisa sobre a origem do *Halloween*, o sincretismo de culturas, os personagens de lendas e contos de terror, sendo cada aula de Artes uma verdadeira imersão na temática do terror. A cada aula conversávamos sobre o assunto enquanto produzíamos a decoração da festa que aconteceria dia 30 de outubro na escola, com brincadeiras, comidas “assustadoramente” decoradas e nosso tradicional concurso de Melhor Fantasia.

Durante uma aula do 8^a ano da manhã, surge outra questão: “Sora, mas a gente tem medo por quê?” Boa! Por que sentimos medo? E por que, mesmo sentindo medo, adoramos levar um susto no *Halloween* ou vendo filmes de terror? Por que gostamos tanto de dar e receber sustos?

A partir dessas questões, começamos a pesquisa sobre a origem do medo, chegando à origem primitiva do medo: nossos ancestrais já sentiam medo dos predadores pré-históricos, e isso se

manteve em nosso DNA. Nossos medos de hoje são diferentes, mas possuem a mesma origem orgânica no sistema nervoso. Nossa! Essa descoberta transformou a aula de Artes em uma aula de pesquisa científica. Foram momentos de busca no Google e em outras fontes para descobrir em qual parte do cérebro o medo é produzido.

Já havíamos conversado sobre o projeto de curta, e durante o ano produzimos cenas baseadas nas obras shakespearianas, porém faltava definir qual história conseguiríamos contar em dez minutos. Pensamos, pensamos e surgiu a ideia durante um debate, meio tumultuado, francamente relatando, de contarmos o que descobrimos sobre o medo. Cada umaalaria seu maior medo, o filme de terror que mais lhe assusta e faríamos um *docudrama*: documentário associado a cenas dramáticas. Existe? Não sabíamos se existia esta categoria no projeto, então resolvemos inscrever na categoria ficção e ver o que aconteceria.

A parte mais difícil foi, sem dúvida, a entrevista, muitos alunos falavam tranquilamente sobre seus medos em roda, mas na frente da câmera a história era outra, ficavam tensos, travavam e gaguejavam. Resolvemos mudar a técnica: colocamos a câmera sobre uma das mesas, sentávamos atrás da mesa da câmera e começávamos a conversar sobre o medo de cada um, alguns falavam para os colegas outros conseguiram olhar para a câmera e relatar seus medos. Nesse ponto enfrentamos dois grandes desafios, a falta de silêncio no ambiente escolar para captar somente o som da entrevista e aumentar o volume da voz dos entrevistados. Colocamos sobre a mesa um microfone, que não só ampliou a voz dos alunos como o som da escola em pleno funcionamento de um dia normal de aula com seus quase 400 alunos. Realizadas as entrevistas com os alunos, queríamos também entrevistar os professores, infelizmente somente três professores toparam fazer parte desta etapa do curta: a diretora da Escola, a professora do 2º ano dos anos iniciais e eu. Nesse ponto alguns alunos murcharam, queriam mais professores no projeto, mas devido à época, muitas coisas acontecendo na escola, eles perceberam que poderíamos sim seguir motivados com a ideia.

Entrevistas concluídas, agora o próximo passo era filmar as cenas dos filmes de terror; mais debates e discussões para definir quais os filmes, quem faria cada personagem e como colocaríamos isso no curta. Ao todo escolhemos cinco filmes: O chamado, O grito, Ouija, O Exorcista e A hora do pesadelo. Filmes que todos os alunos de ambas as turmas dos oitavos anos conheciam e já tinham assistido. Dividimos as turmas em grupos menores e cada grupo ficou responsável por um filme. Os grupos precisavam definir os personagens, figurino e cena que seria gravada.

As aulas seguintes foram de ensaios, gravações e regravações de cenas. O maior desafio foi conseguir filmar nas dependências da escola, no horário de aula com todo o barulho das quinze turmas. A turma demonstrou paciência, empenho e dedicação. Solicitamos às demais turmas colaboração e pedimos autorização para o uso de outros espaços da escola: quadra, mezanino, escadaria, pátio interno e externo. A câmera da escola gravou em um formato não compatível com os editores de vídeo. Foi necessário refilmar as cenas nos celulares dos alunos. Os vídeos foram passados para edição via Messenger *facebook*. Os alunos enviaram seus vídeos por mensagem privada no *facebook* para serem editados no computador.

Durante as filmagens dois alunos ficaram doentes e precisaram ser substituídos, ambos participaram das entrevistas, mas não das cenas dos filmes. Contratempos não faltaram na escola enquanto ocorria a produção, desde a falta de PC's compatíveis para edição do vídeo, a falta de luz na escola por causa dos temporais e computador estragando com todo o nosso curta dentro do HD. Em certo momento cheguei a pensar em desistir e deixar para o próximo ano, afinal tudo estava ocorrendo fora do planejado e, a cada dia, um novo desafio ou problema aparecia para ser resolvido; mas então eu chegava à escola e um aluno chegava com um acessório cênico ou uma música para colocar no filme e tudo voltava a fazer sentido e voltávamos ao trabalho.

Projetos assim são difíceis, pois precisam de envolvimento. Em nossa sociedade globalizada e conectada 24h por dia, cada vez menos nos envolvemos, tudo é para ontem: fazer, postar,

compartilhar e curtir com um polegar na vertical. Sentar, ouvir, dialogar e trocar ideia com os alunos, brigar por eles e, muitas vezes, com eles, nos uniu de uma maneira inexplicável, as duas turmas apesar de estudarem em turnos diferentes, a cada etapa do projeto, integraram-se mutuamente, não existia 8A1 e 8A2 era os alunos do oitavo ano, ponto.

Quando terminadas as gravações e regravações, precisávamos editar tudo e finalizar em dez minutos, olhamos para os arquivos tínhamos mais de trinta minutos de cenas sem contar as entrevistas. E agora? A parte mais difícil, decidir o que entrava no curta, o que saía e como ficaria a ligação entre uma cena e outra. Começamos a assistir as cenas, os áudios e votar no que ficaria no vídeo final. Escolhidas as cenas com exaltações, reclamações e acordos entre alunos, conseguimos chegar a nove minutos e cinquenta segundos sem os créditos. Agora precisávamos ligar nossas cenas, nossas entrevistas com o resultado da pesquisa sobre o medo.

A edição levou uma semana inteira para ser concretizada, revisada e aprovada por todos. Trocamos várias vezes a música, primeiro para fechar com o tempo, depois para combinar com as cenas e uma terceira troca, desta vez, por uma música com direitos autorais liberados para uso em projetos estudantis. As turmas, muitas vezes, não conseguiram horário para usar o laboratório de informática da escola; logo passaram a utilizar meu computador pessoal para editar o vídeo.

A edição de imagens, sons e finalização do projeto de vídeo foram realizadas na última semana. Nossa escola precisa de uma reforma no laboratório de informática, temos hoje dez computadores, sendo que dois estão estragados e outros dois são utilizados apenas para o atendimento de alfabetização. Então sobram apenas seis computadores com sistema Linux para serem utilizados por turmas com trinta alunos.

A educação nas escolas públicas tem avançado a passos lentos no que se refere à educação tecnológica. As mantenedoras municipais fornecem recursos audiovisuais, laboratório de

informática com reduzido número de computadores, internet *wireless*, mas muitas vezes não fornecem uma manutenção efetiva e rápida para o laboratório. Quando ocorre a necessidade de reparos esperamos semanas ou até um mês para receber a visita técnica.

Apenas fornecer equipamentos de televisão, aparelho de DVD, Internet e computadores não torna a escola um espaço de pesquisa e atuação multidisciplinar tecnológica.

Próximo e último passo: o banner! Esse dia ficará na história, precisávamos fazer o banner, aprovar, mandar para gráfica, pagar e levar na SMED, mas eis que neste dia faltam três professores na escola. Eu preciso ajudar nas substituições, ficar com duas turmas e, ainda, fazer com a outra o banner. Era uma turma tendo aula de Artes, outra de Geografia e a professora com o notebook pra lá e pra cá editando com eles nosso banner. Tudo certo, nosso banner representava bem a ideia de medo. Todos satisfeitos, agora era hora de ver o filme pronto. Claro que teríamos mais um imprevisto senão não seria a EMEF Germano! Nosso projetor estragou, vimos nosso curta no notebook, sem aquela sensação de tela grande. Mas tudo certo, assistiríamos no cinema!

Chega o dia de mandar o filme. Sem internet na escola. Leva o curta no *pendrive* pra casa da professora, carrega no *Google Drive* por apenas duas horas mais ou menos, cuidando o horário e observando para não cair à conexão via rádio da internet do bairro rural de Lomba Grande. Envio realizado, e-mail de confirmação recebido. Agora era esperar o grande dia.

A escola não conseguiu um ônibus para levar os alunos ao cinema, pois a empresa que usamos faz transporte escolar e não conseguiria nos buscar às 8h para levar os alunos ao centro da cidade. Resultado: fomos com os alunos de ônibus de linha. Consultamos os pais, recebemos as autorizações e fomos para o cinema lotando o ônibus Vila Born/Santo André. No cinema a tensão aumentou. Chegamos, escolhemos os lugares, sentamos todos juntos e começamos o nervosismo, quando seria o nosso? A cada nova introdução, ficávamos esperando nossa música. A música não foi a que queríamos, escolhemos a música do filme *Psicose*, mas

não conseguimos descobrir a tempo como fazer uso com autorização correta, então trocamos na última hora. Quando começou o curta foi uma tensão. Depois o suspiro de alívio, de felicidade e euforia.

Na escola durante a semana só falamos dos curtas dos demais, elogiando e comentando o que mais gostamos. E então veio a mensagem da reunião com o Secretário de Educação; quase não consegui representar a Escola. Germano e seus contratemplos! Acho que fomos a última escola a confirmar no aplicativo *Whats.App*. Reunião cheia de surpresas, com surpresas para guardar. Quase estragaram nossa surpresa, nosso professor de Educação Física soube sobre o transporte na sua outra escola e quase contou! Foi impedido no último segundo antes da Diretora entrar na sala.

Faltava organizar os alunos para o dia da premiação. Muitos pais não permitiram a ida ao centro à noite. Então não tivemos problemas na escolha, apenas dez alunos foram autorizados pelos pais, mas precisávamos trazê-los de volta até as 21h30 na frente da Escola. No dia todos chegaram na hora, arrumados, cheirosos e ansiosos. Quando viram a limusine, não acreditaram. Acharam que era brincadeira ou uma pegadinha. Entramos na limusine e tocava a música *Let Go*, tema do filme *Frozen*. As meninas foram à loucura, cantando junto. Coisas que só acontecem no Germano.

Chegando ao evento, os alunos socializaram com as demais escolas tirando *selfies* e trocando *whats* e *facebook*s. Quando anunciaram os indicados ao melhor ator coadjuvante, não acreditamos. João Victor, um dos alunos mais tímidos surge na tela! Que felicidade! Não acreditávamos que receberíamos uma indicação; fomos participar do projeto para conhecer e aprender com humildade, com a certeza de que estávamos só pela experiência. Quando vimos nosso filme no telão ficamos sem palavras por alguns segundos nos olhando totalmente cúmplices num completo “como assim?”

Como precisávamos sair até as 21h15 para chegar a tempo na escola, saímos discretamente. Na van muitas risadas e comentários felizes, qual foi nossa surpresa ao recebermos de uma

aluna e de uma professora de outras duas escolas, a notícia da premiação de 3º lugar na categoria Direção de Arte. Começamos a rir de nervosos, de surpresos e de chateados por não termos subido ao palco para pegar o certificado; mas valeu o prêmio e a mensagem. Abraçamo-nos no pátio da escola e choramos como crianças. Um choro que lavou o cansaço, a ansiedade, o que sentíamos não cabia em nós, precisávamos sair num chafariz de lágrimas, somos Germano aos trancos e barrancos, gafes e atrasos. Amo nossa escola, tenho um caso antigo com ela. Fui aluna na pré-escola, fiz meu estágio de Magistério no Germano e hoje sou professora da disciplina de Artes nesta Escola. É muito amor envolvido nessa trajetória.

O programa São Léo em Cine abriu uma porta para os alunos de toda a rede contarem suas histórias, narrarem suas experiências e verem suas vidas na tela grande do cinema imortalizando-as nesse momento. Tudo isso só foi possível graças à união de esforços, de lutar com garra por uma educação pública de qualidade onde todos independentemente da condição socioeconômica são incluídos e valorizados.

Desde os primórdios da humanidade buscamos contar nossa história pessoal através da narração, das imagens, da música e do cinema, pois quando essas muitas histórias se encontram há crescimento, há escuta, há conexão e cumplicidade. Gratidão por ser professora, por acreditar que um mundo melhor se faz mudando meu mundo interior, sendo alguém melhor em busca de uma educação e de um futuro melhor para os alunos que ainda virão. Eu me vejo nos meus alunos, eles se veem em mim e nossos mundos se completam fazendo nossa trajetória pessoal virar uma aventura épica, em que somos vilões, mocinhos e heróis, protagonistas da nossa própria existência em busca do nosso almejado final feliz.



Figura 17 - Grupo de professores e alunos em formação na SMED de São Leopoldo-RS. Palestra e oficina com Josias Pereira (UFPeL).

MÍDIA E PRODUÇÃO AUDIOVISUAL: SUPORTES PARA O CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

Luciana Domingues Ramos¹
Cristina Domingues Lemos²

Introdução

*Se alguém
já lhe deu a mão
e não pediu mais nada em troca
pense bom, pois é um dia especial*

Eduardo Tavares Leindecker

A produção audiovisual tem se desenvolvido intensamente na EMEF Professor João Carlos Von Hohendorff, localizada na Zona Norte do município de São Leopoldo, no estado do Rio Grande do Sul. A escola conta com um grupo de professores bastante envolvidos com essa questão, que valorizam esse processo como um suporte capaz de agregar qualidade ao trabalho desenvolvido em sala de aula e que fornece elementos importantes a serem considerados na aprendizagem, como interdisciplinaridade, transdisciplinaridade, estabelecimento de parcerias de trabalho e fortalecimento de ações entre os diversos segmentos escolares e ambientes escolares.

¹ Prof^a Luciana Domingues Ramos, alfabetizadora, professora da rede municipal de São Leopoldo e estadual do RS. Licenciada em Ciências Biológicas (UNISINOS), Especialista em Mídias na Educação (UFRGS)

² Prof^a Cristina Domingues Lemos, professora da rede municipal e formadora do Núcleo de Tecnologia Educacional Municipal de São Leopoldo. Integrante da Indústria Criativa (UNISINOS). Licenciada em Letras/Português (UNISINOS), Especialista em Mídias na Educação e Tutoria em EAD (UFRGS). E-mail: cristinadlemos@gmail.com.

Desde meados de 2005, a escola tem no Espaço Virtual de Aprendizagem e Multimídia (EVAM) uma peça fundamental no desenvolvimento de projetos e ações educativas na escola. Os professores de sala de aula estabelecem com os professores tutores do espaço parcerias de trabalho para, através da utilização das mídias, explorar outras possibilidades de experimentação, produção, compartilhamento e autoria buscando uma construção significativa de aprendizagens.

As ações ocorridas no EVAM trouxeram consigo a convicção de que a produção audiovisual pode promover não só a mera apresentação de algo que foi aprendido, mas também a possibilidade de refletir acerca de alguma questão e comunicar suas ideias através de um viés artístico. Este processo tem se intensificado na escola, que já possui um canal de vídeos (Escola Hohendorff³) para divulgar suas produções e concentrá-las em um único espaço numa espécie de portfólio online.

No mesmo ano de criação do canal da escola, um grupo de alunos que estava envolvido com a produção de um curta e que já havia participado de outras produções na escola, lança a EHI! Produções, que identifica desde então cada vídeo produzido pelos alunos e professores da instituição.

Com essa proposta vinculada a cada contexto em que a escola está inserida, o canal serve de registro das diversas questões que são trabalhadas com os alunos lançando mão do uso das mídias audiovisuais. A escola já produziu acerca de temáticas ambientais e sociais, na produção de animações e vídeos em *stop motion*, narrativas de acontecimentos históricos ou cotidianos, produção de documentários, entrevistas, reportagens e cobertura jornalística, clipes musicais, entre outros. Com o tempo, além da ampliação do domínio dos recursos e *softwares* de edição de vídeo, outras questões também foram implementadas, como a utilização de material produzido pelos alunos ou (se de terceiros), com autorização de uso, a concessão de direitos de uso de imagem e voz, a citação de fonte e a colaboração de pessoas com ou sem vínculo com a escola.

³ Canal da escola disponível em <<https://www.youtube.com/user/escolahohendorff>>.

Este artigo pretende apresentar a experiência de produção do curta “SER BOM É TUDO DE BOM”, da turma do Primeiro Ano 2 da EMEF Professor João Carlos Von Hohendorff, como parte do projeto de mesmo nome, visando promover um processo de aprendizagem dinâmico e interativo, em que os alunos puderam vivenciar todas as etapas de criação e produção de um curta que teve como proposta comunicar a importância de valores sociais positivos, como a bondade, a generosidade e a tolerância.

Mídia e produção audiovisual na escola: qual é a relevância?

Existe consenso no pensamento de que a escola deve buscar suportes que sejam bem-sucedidos em promover a aprendizagem. Atualmente, se faz necessário refletir acerca dos recursos disponíveis e em que medida cada um pode contribuir para incrementar as ações realizadas em sala de aula. Considerando a mídia como um mecanismo que potencializa a transmissão de informação (e aí estariam incluídos os meios de comunicação social: TV, rádio, cinema, mídia impressa, entre outros) é inconcebível que não se considere seu uso na escola. Ao mesmo tempo, é preciso considerar que esses recursos necessitam de mediação e de orientação para que não sejam simplesmente apresentados como algo a ser visto/ouvido/lido sem que se leve em conta suas possibilidades na promoção do protagonismo dos sujeitos.

PACTO: o ciclo de alfabetização e os direitos de aprendizagem

Em 2012 a portaria 867, de 4 de julho de 2012, instituiu o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) e definiu suas diretrizes gerais.

O PNAIC consiste no comprometimento das diversas esferas de poder para garantir que todas as crianças estejam

alfabetizadas aos oito anos de idade. A intenção do Ministério da Educação (MEC) é a de que essa garantia se dê pelo apoio do projeto em quatro pilares: formação continuada, materiais didáticos, (obras literárias, obras de apoio pedagógico, jogos e tecnologias educacionais), avaliações sistemáticas e gestão.

O PNAIC estabeleceu uma série de direitos de aprendizagem relacionados ao domínio do sistema de escrita, da leitura, da oralidade, entre outras possibilidades elencadas. Em um dos cadernos de formação disponibilizado aos professores, o texto é categórico em afirmar que a alfabetização passa pelo letramento, o reconhecimento de que a leitura e a escrita têm uma função social:

Não se lê e se escreve “no vazio”. É preciso entender as práticas culturais, ser capaz de construir conhecimentos e participar de modo ativo nos diferentes espaços de interlocução, defendendo princípios e valores. Desde cedo, o acesso aos diferentes gêneros discursivos contribui para que os estudantes possam se perceber como sujeitos políticos possuidores de cultura, e, como tais, sejam agentes de intervenção social, responsáveis pelas suas ações e dos que compõem seus grupos de referência. (MEC/SEB, 2012, p. 26 e 27).

Também, segundo o material, a dinâmica desse trabalho pode e deve atravessar temática e questões pertinentes ao interesse e à realidade dos alunos, permitindo uma formação integral do sujeito objetivando que:

[...] O aluno participe de situações de leitura/escuta e produção oral e escrita de textos destinados à reflexão e discussão acerca de temas sociais relevantes e voltadas para a reflexão sobre valores e comportamentos sociais, planejando e participando de situações de combate aos preconceitos e atitudes discriminatórias. (MEC/SEB, 2012, p. 33).

A formação que iniciou em 2013 com os professores alfabetizadores da Rede Municipal de São Leopoldo, oxigenou algumas práticas docentes e trouxe consigo diversos elementos a serem explorados e incorporados à rotina das classes de alfabetização. Um desses elementos foi apresentado na formação do PNAIC como “leitura deleite”, ação que deve ser promovida diariamente e que consiste na inserção de um momento de leitura na rotina da turma. Ler por prazer, sem um objetivo pedagógico previamente planejado e estabelecido. É esse momento serviria para contribuir com a formação da cultura de que uma leitura não necessariamente de refere à finalidade de aprender algo ou obter alguma informação, mas de que existe uma leitura de entretenimento. Esse tipo de prática contribuiria para um dos objetivos centrais do ciclo de alfabetização: a formação de leitores. Para isso, o MEC disponibilizou diversas obras de literatura infantil para a formação de um acervo literário em cada sala de aula no ciclo de alfabetização.

Esta leitura, apesar de despreziosa, pode ser o ponto de partida de uma revolução na forma de abordar determinadas questões com os alunos. E foi num momento destes que surgiu o projeto SER BOM É TUDO DE BOM.

Durante o ano letivo de 2015, para o trabalho com a turma do Primeiro Ano 2 foram utilizados diversos tipos de mídia impressa para a realização da leitura deleite. Além dos livros de literatura disponibilizados pelo MEC, também foram apresentados outros gêneros textuais como cartas, letras de músicas, bulas, manuais de instruções e receitas.

Em um dos momentos de leitura deleite o livro A ÁRVORE GENEROSA de Shel Silverstein foi apresentado à turma. E a palavra GENEROSIDADE soou estranha, porém provocativa ao grupo.

Com os questionamentos acerca do significado que a palavra carregava consigo, houve a necessidade de estabelecer com os alunos a definição de algumas estratégias para auxiliar os alunos a se apropriarem desse conceito.

EVAM – a aprendizagem multimídia

Além da reflexão sobre o que sabiam a respeito do termo e do uso do dicionário em sala de aula, no EVAM os alunos definiram que uma das estratégias a ser utilizada seria a pesquisa do termo “generosidade” na internet. Por se tratar de uma turma em fase de alfabetização, inicialmente solicitou-se que os alunos buscassem as imagens que surgiam ao pesquisar o termo para que, após o momento de pesquisa, houvesse um momento de socialização no qual deveriam apresentar aos colegas suas descobertas. Este seria um meio de trabalhar a oralidade, um dos aspectos presentes nos direitos de aprendizagem elencados pelo MEC.

A proposta foi, então, que cada um trouxesse dessa busca uma série de imagens que, segundo os alunos, seriam importantes para a construção do significado que está implícito nesta palavra.

No entanto, não é possível desconsiderar a questão do hipertexto e da dinâmica que este estabelece para o processo de aprendizagem:

Pesquisar na WWW é ao mesmo tempo se encontrar nas multiplicidades e se perder; é avançar e recuar o tempo todo; é não mais separar e ao mesmo tempo, com todas as forças tentar distinguir; é o ilimitado e o limitado que tentam se manifestar e se confundem. (LEÃO, 1999, p. 25).

Com isso, ao digitarem na Internet a palavra generosidade, não só imagens, mas também outras formas de expressão foram trazidas aos olhos dos alunos, como *podcasts*, músicas, poemas e filmes, sendo que este último elemento despertou nos alunos a atenção para a importância do conceito que estava sendo tratado.

Com as imagens pesquisadas, os alunos retornaram à sala de aula para realizar um “seminário” a fim de apresentarem suas descobertas. E houve unanimidade na fala “tinha um monte de

vídeos também”. Os alunos solicitaram que houvesse uma sessão de apresentação dos vídeos que encontraram durante a pesquisa.

A partir desse cenário, os alunos observaram a importância do conceito de generosidade e de outros valores que foram elencados durante a pesquisa. Houve também o interesse em compartilhar essa descoberta e garantir que isso se fizesse de maneira divertida e impactante. Entre as alternativas que foram apresentadas pelo grupo (entre elas: cartazes, desenhos, conversas, teatros, um livro) o grupo determinou com unanimidade que a ideia de produzir um vídeo poderia ser uma alternativa bem-sucedida. E, em parceria com a tutora do EVAM, esse projeto foi desenvolvido.

Nesse aspecto, a mediação do professor foi determinante, pois ao ouvir os alunos e suas solicitações houve a possibilidade de estabelecer o contexto e a ação dos sujeitos atendendo suas expectativas, como afirma Fantin (2006):

Embora a criança possa “espontaneamente”, fazer da vivência de assistir filmes uma experiência de fruição, participação estética e significação, por que não ampliar tais possibilidades no sentido da autoria e da produção? Assim, a mediação educativa estaria cumprindo os objetivos e pressupostos da mídia-educação, fazendo educação com os meios (usando o cinema e os filmes em contextos de fruição), sobre os meios (leitura crítica através da análise cinematográfica) e através dos meios (produzindo audiovisual, fotografia, roteiros). Para tal, é preciso pensar em um trabalho com cinema na escola que envolva tais momentos de saber, fazer e refletir, a partir de uma concepção integrada. Tal concepção de mídia-educação implica a relação do cinema com outras linguagens (como artes plásticas, teatro, música e literatura) e tecnologias. Ou seja, pensar uma possibilidade de intervenção pedagógica que envolva a fruição dos filmes, seu uso instrumental como forma de conhecimento, leituras e análises diversas, bem como a possibilidade de produção material. (FANTIN, 2006, p. 06).

Produção: e agora? Como se faz um filme?

Em busca dessa resposta, a parceria com a professora do EVAM possibilitou que se apresentassem aos alunos alguns elementos fundamentais para a produção de um material audiovisual. Conceitos como roteiro, enquadramento, cenas, contagem de tempo, estéticas, planos de filmagens foram abordados com os alunos que, apesar dos seis anos de idade, se mostraram interessados e muito atuantes.

O Roteiro

A elaboração do roteiro do vídeo foi encarada com preocupação, pois os alunos observaram que se tratava de um documento contendo o plano do que seria filmado, a sequência e o argumento do filme. Com esse grupo no início do ciclo de alfabetização, a produção do roteiro foi coletiva e ocorreu em etapas:

I – Explosão de ideias: a professora foi compilando no quadro as ideias apresentadas por todos os alunos da turma.

II – Definição dos detalhes de cada cena a ser gravada. O registro das cenas foi feito por meio de desenhos que os alunos apresentavam aos demais colegas e explicavam como cada cena deveria ser feita.

III – Seleção e organização da sequência de cenas que constariam no vídeo. A sequência de cenas foi assim estabelecida:

Cena 1 – Sequência de crianças falando palavras como bondade amizade, carinho, todas intercaladas com a palavra “generosidade”.

Cena 2 – A professora conta uma história para a turma. O aluno oferece ajuda para a professora que tem muitos cadernos para carregar.

Cena 3 – Uma menina abre o guarda-chuva e oferece carona para outra menina.

Cena 4 – No pátio da escola, uma menina amarra o cadarço de um menino.

Cena 5 – Duas meninas dividem um lanche

Cena 6 – Um menino empurra o balanço para uma menina que não sabe se embalar.

Cena 7 – Três meninas ajudam uma colega a levantar de um tombo e fazer um curativo.

Cena 8 – Ao chegar à escola, um menino dá um casaco a um colega que está com frio.

Cena 9 – Um pai que leva a filha à escola ajuda uma mulher que está com o carro estragado.

Cena 10 – Crianças brincando no pátio da escola convidam para brincar uma colega cadeirante, que está excluída das brincadeiras.

Cena 11 – Dois meninos fazem carinho em um cachorrinho que está abandonado.

Cena 12 – No supermercado, três meninos ajudam uma senhora a carregar as compras.

Cena 13 – Três meninas plantam flores na escola.

IV – Escolha do nome da produção: cada aluno teve a oportunidade de sugerir um nome e argumentar a respeito de sua sugestão. A ideia de que a generosidade é importante e traz consigo outros valores importantes para a sociedade, principalmente a bondade, fez com que o grupo escolhesse o título “SER BOM É TUDO DE BOM”.



Figura 1: As etapas de produção do roteiro
 a) Compilação de ideias registradas no quadro; b) ilustração das cenas; c) detalhe da cena ilustrada; d) apresentação do planejamento da cena para os colegas.

Fonte: arquivo pessoal das autoras.

Gravação, Edição e a escolha da Trilha Sonora

No roteiro, as cenas ilustradas traziam também um registro (feito com auxílio da professora) detalhando o que seria necessário para que ela fosse feita e, também, o lugar em que ela deveria ocorrer.

Cada cena gravada era apresentada no telão em sala de aula para que houvesse as deliberações sobre sua validade e a edição do filme, num processo que levou aproximadamente cinco semanas.

Em muitas cenas, era necessária a participação de algum adulto (como uma senhora idosa ou alguém que soubesse dirigir um carro), de um local diferente da escola (como um estabelecimento comercial) ou até mesmo de algum elemento que a turma não tinha disponível (como uma cadeira de rodas). Em todas essas situações, por se tratar de um projeto tão valioso, houve interesse de pessoas da comunidade em participar, disponibilizando seu tempo para ajudar na gravação, ou atuando em alguma cena, bem como cedendo

seu estabelecimento como local de filmagem. Cada membro da comunidade que participou do projeto foi convidado a gravar um depoimento sobre generosidade e sua importância, bem como explicar o porquê de ter aceitado participar da produção. Essas gravações também foram utilizadas pelos alunos tanto como fonte de pesquisa quanto como um projeto paralelo da turma, que era a realização de um vídeo contando como foi a produção do *SER BOM É TUDO DE BOM* ⁴.

O projeto ganhava uma projeção na comunidade e alcançava antes mesmo da apresentação de seu produto final, uma das suas expectativas que era a de compartilhar com os outros a importância de valores sociais positivos, visto que mobilizou a comunidade já para a produção do vídeo.

A escolha da Trilha Sonora e a questão do Direito Autoral

Após a definição da sequência de cenas, da gravação das mesmas e do início da edição, o grupo definiu que o filme deveria contar com uma música de fundo, e que houvesse uma correspondência entre o que era mostrado no vídeo e a mensagem da música.

A intervenção e a mediação das professoras foram no sentido de apresentar aos alunos a questão da propriedade intelectual e da existência de uma lei que regulamenta o direito autoral.

Inicialmente, os alunos buscaram definir uma música livre de ônus para sua utilização. No entanto, uma música comercial, cuja obra pertence a uma gravadora e o fonograma a outra, foi definida como a ideal para compor com as cenas que eram apresentadas. A música “DIA ESPECIAL” do músico gaúcho Eduardo Tavares Leindecker, de propriedade da *Universal Music Publishing Group* (UMP), gravada em 2000, pela banda gaúcha Cidadão Quem e cuja

⁴ Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=8-eGvbRtRKw&feature=youtu.be> >

gravação é de propriedade da *Warner Music Brasil* – WM, foi inserida no vídeo e, após alguns ajustes de tempo de cada cena, deixou o filme bastante impactante.

Houve, a partir de então, o estabelecimento de uma série de contatos. Primeiramente um convite em vídeo foi enviado ao músico, que respondeu aos alunos também com um vídeo e encaminhou para as professoras o contato na gravadora UMP que, após providenciar uma autorização para que a produção pudesse contar com a obra do músico, também orientou o projeto sobre a necessidade de solicitar à gravadora detentora dos direitos sobre a gravação, no caso a WM.



Figura 2: Imagem do vídeo enviado ao músico pelos alunos
Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

Essa experiência em buscar contato com o músico e as gravadoras colocou o grupo em contato com diversas modalidades de comunicação como correspondência eletrônica, contratos e cartas, bem como sistema de comunicação instantâneo como mensagens de texto, *tweets* e outras postagens em redes sociais. Isso ampliou a quantidade de gêneros textuais apresentados aos alunos (referência para o trabalho do ciclo de alfabetização, segundo as diretrizes do PNAIC), fugindo do lugar-comum dos textos narrativos, receitas e parlendas.

“Oi gurizada!
Adorei o livro e o filme de vocês. Claro, claro que eu quero participar.
Parabéns, está lindo! Quero ver o resultado final depois.
Beijão!”

Quadro 1 – Transcrição da fala do músico no vídeo enviado
em resposta ao convite das crianças.

Fonte: Trecho retirado do *making of* da produção

Produto final: o que a gente aprende não pode ficar só com a gente

Finalizado o processo de edição e produção do vídeo, os alunos avaliaram que o trabalho tinha atingido seu objetivo, que era tratar a respeito de valores sociais positivos de maneira lúdica e impactante. Durante a avaliação realizada nessa etapa do projeto, a professora da turma realizava a gravação de depoimentos dos alunos para a produção do *making of*⁵, quando um dos alunos declarou que o vídeo deveria ser mostrado para todos, pois “o que a gente aprende não pode ficar só com a gente” (MAKING OF, 2015). Sendo assim, algumas estratégias para compartilhar esse conhecimento foram definidas pelo grupo. A primeira ação consistiu em elaborar convites para uma grande estreia, que reuniu familiares, funcionários e os participantes envolvidos no projeto numa sessão carregada de emoção e encantamento.

Após isso, o filme foi exibido para outras turmas da escola e também em outras escolas, sendo que em todos esses eventos, a turma recebia a notícia de que o vídeo havia inspirado em seus espectadores alguma ação generosa como visitar um asilo para ler histórias aos idosos, preparar biscoitos para doar e arrecadar alimentos, agasalhos, calçados ou brinquedos, mostrando o poder de

⁵ Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=8-eGvbRtRKw&feature=youtu.be>>

inspiração de um vídeo singelo, pensado por crianças e carregado de bondade e amor.

Essa mensagem também foi espalhada na FICH (feira de ciências na escola), que credenciou o projeto da turma para a MOTIC⁶, que destacou o projeto para participar da MOSTRATEC⁷.

O ponto alto desse compartilhamento foi a participação no I Festival de Vídeo Estudantil São Léo em Cine, no qual os envolvidos puderam celebrar com seus pares “cineastas” de outras escolas a alegria, o encantamento e a diferença que o trabalho com produção audiovisual pode promover. Nessa mostra competitiva o trabalho recebeu menção honrosa, pois de acordo com o apresentador do evento, “segundo as observações dos jurados, abordou de forma graciosa um lindo ensinamento para se viver melhor, que dispensou o diálogo, pois através de sua mensagem saudável transmitiu o seu recado de solidariedade para com o próximo”.



Figura 3: Premiação do São Léo em Cine – I Festival de Vídeo Estudantil
Fonte: *Fanpage* da Prefeitura Municipal de São Leopoldo⁸

⁶ Mostra de Ciência Tecnologia e Inovação SMED/São Leopoldo-RS

⁷ Mostra Internacional de Ciência e Tecnologia/ Fundação Liberato/ Novo Hamburgo-RS

⁸ Disponível em <<https://www.facebook.com/saoleopoldo/photos/pb.234204166638284.-2207520000.1450624914./996288193763207/?type=3&theater>>.

A produção do vídeo “SER BOM É TUDO DE BOM” promoveu convergência e compartilhamento de conhecimentos, num processo que serviu de pano de fundo para a aprendizagem não só da existência e função de diversas ferramentas de mídia e comunicação como serviu também para a exploração de outro enfoque para o papel dos sujeitos envolvidos nesse projeto, retirando o aluno de uma posição de espectador e mero receptor da mensagem para colocá-lo como sujeito ativo nesse processo como autor, produtor e comunicador. Isso trouxe elementos significativos para o entendimento acerca das possibilidades de um trabalho de produção com crianças, mesmo não alfabetizadas, e do impacto das ações na constituição desses sujeitos.

Considerações Finais

A leitura de uma obra de literatura infantil, aliada ao interesse dos alunos e à mediação dos professores possibilitou que a garantia dos direitos de aprendizagem exigidos pelo PNAIC fosse extrapolada para um contexto além da lista do que poderia ser atingido e contribuiu para um processo que despertou muitas outras ações e construções que, aliadas à alfabetização, possibilitaram o letramento em uma formação humana, elencando a importância de valores como bondade e generosidade, e foi o viés para abordar a função social da leitura e da escrita.

A produção “SER BOM É TUDO DE BOM” contou com a participação de 25 crianças do Primeiro Ano 2 da EMEF Prof. João Carlos Von Hohendorff em 2015, juntamente com convidados de outras turmas, bem como adultos funcionários da escola e membros da comunidade local. Todo o processo ocorreu em parceria com o EVAM.

O vídeo recebeu menção honrosa no Festival de Vídeo Estudantil São Léo em Cine, promovido pela Secretaria Municipal de São Leopoldo. A escola recebeu nove premiações em quinze

categorias disputadas, sendo cinco troféus e quatro colocações em segundo/terceiro lugar.

Esse relato de experiência foi fundamental para a retomada de todo o desenvolvimento do projeto, possibilitando a reflexão acerca do processo e seus desdobramentos.

Desdobramentos estes que qualificaram o projeto e valorizaram o envolvimento dos alunos, como quando houve o retorno positivo dos espectadores do filme nos diversos momentos em que ele fora apresentado, tendo como ponto alto a exibição no festival, onde a produção pôde ser conferida com qualidade de cinema e encerrando em grande estilo na noite de premiação.



Figura 18 - Troféu Imigrante concedido aos dois grandes parceiros: Universidade Federal de Pelotas e Cinesystem Cinemas de São Leopoldo.

O USO DA TECNOLOGIA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

Maira Ubatuba Machado

O programa São Léo em Cine foi desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação de São Leopoldo, proporcionando a todos os docentes e discentes a oportunidade de elaborar curtas-metragens e assim utilizar a tecnologia como ferramenta pedagógica nas escolas. O curta-metragem “Face Ocult@” foi desenvolvido pelos alunos que participam do Projeto de Mediação de Conflitos e Cultura de Paz da Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Orestes João Stragliotto. Essa escola fica localizada na Rua 15, Loteamento COOHAP, bairro Santos Dumont, foi inaugurada no ano de 2008 e conta com uma equipe de 60 professores atendendo, atualmente, cerca de 850 alunos, distribuídos do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental de nove anos. A Equipe Diretiva é composta pelos professores Lucila Pinheiro da Costa, no cargo de diretora, Edilene Margarete Teixeira da Silva, como vice-diretora, e Maira Ubatuba Machado, Rodrigo Santiago e Nelson Garcia Júnior, na função de supervisores escolares.

O assunto desenvolvido no curta-metragem foi escolhido pelos alunos e professores envolvidos no projeto, já que este era o tema que estava sendo abordado no mesmo: o uso inadequado das mídias. Os alunos reconhecem o uso excessivo das mídias, principalmente com celulares, acessando redes sociais e expondo-se a perigos diários, comunicando-se com pessoas desconhecidas e disputando com amigos o maior número de “curtidas”. O importante para eles é ser “popular”, ou seja, quem tem o maior número de “amigos” e “curtidas”.

O São Léo em Cine veio ao encontro dos objetivos elencados pelo Projeto de Mediação de Conflitos e Cultura de Paz, já que o resultado do trabalho deveria ser exposto aos demais colegas da escola, com a finalidade de ampliar o debate e conscientizar o maior número de alunos.

Mesmo em plena “era da informação e de transformações tecnológicas”, observam-se discursos de uso, adequações e exigências de incorporar os mecanismos tecnológicos à prática docente em sala de aula, como forma de qualificar as metodologias de ensino/aprendizagem. A tecnologia dentro da escola ainda é utilizada apenas nas questões administrativas, especificamente no trabalho da secretaria ou isoladamente na sala de informática, permitindo o acesso dos alunos a pesquisas, sites educativos e jogos pedagógicos. Contudo, o uso das TICs ainda tem sido pouco explorado no trabalho pedagógico das instituições. De acordo com Vieira (2003):

Numa primeira etapa privilegiou-se o uso do computador para tarefas administrativas: cadastro de alunos, folha de pagamento. Depois, os computadores começaram a ser instalados em um laboratório e se criaram algumas atividades em disciplinas isoladas, em implementação de projetos. As redes administrativas e pedagógicas, nesta primeira etapa, estiveram separadas e ainda continuam funcionando em paralelo em muitas escolas. Encontramos, neste momento, no começo da integração do administrativo e do pedagógico do ponto de vista tecnológico. (VIEIRA, 2003, p. 151).

Através do São Léo em Cine, pode-se desenvolver uma proposta inovadora, utilizando ferramentas tecnológicas com o objetivo de trabalhar um assunto importante e atual que vai além dos portões da escola. Sente-se cada vez mais a necessidade de criar uma plataforma colaborativa na qual os professores da escola possam qualificar sua prática docente.

O programa incentivou e deu o suporte necessário para que os professores saíssem da sua zona de conforto e aceitassem o desafio de usar a tecnologia como uma ferramenta pedagógica. A

tecnologia deve ser utilizada em benefício da escola, auxiliando no processo educacional, entretanto, ainda percebe-se uma grande resistência por parte de alguns professores. Uns ficam com medo de não saber utilizá-la, outros por ainda considerar mais prático a utilização do papel e documento físico. Por isso, apenas inserir a tecnologia ao processo escolar, não é garantia de tornar o trabalho administrativo e pedagógico digital. Segundo Pretto (1996), não podemos pensar que a pura e simples incorporação destes novos recursos na educação seja garantia imediata de que se está fazendo uma nova educação, uma nova escola para o futuro, pois é necessário que o professor quebre seus próprios preconceitos e se disponibilize a trabalhar com a tecnologia, já que vivemos um momento histórico especial, em que surgem novos valores na sociedade.

Assim que o grupo do Projeto de Mediação de Conflitos e Cultura de Paz reuniu-se para conversar sobre a participação no São Léo em Cine, os alunos demonstraram muito interesse e empolgação, apresentando várias ideias. No primeiro encontro foi produzido o roteiro do curta-metragem. O nome do curta “Face Ocult@” foi escrito com a arroba para causar duplo sentido, pois poderia ser entendido como “Face oculta” como também “Face Oculto”, referindo-se a rede social mais acessada no mundo. Depois do roteiro finalizado, iniciou-se a produção do curta-metragem.



Figura 1: Filmagem das amigas conversando na escola sobre o encontro de Manu.



Figura 2: Cena da saída do shopping.



Figura 3: Cena da ocultação do cadáver da Manu.



Figura 4: Cena do assassino.

Após a produção do curta, o Projeto de Mediação de Conflitos e Cultura de Paz organizou um Cine Debate na escola. Os alunos dos anos finais assistiram aos três curtas produzidos pela escola e, após, participaram de um debate mediado pelos professores e alunos do projeto. Com essa atividade foi possível atingir todos os adolescentes da escola, proporcionando um momento de debate e conscientização sobre o uso inadequado e excessivo das mídias na adolescência.



Figura 5: Foto da atividade do Cine Debate.

O curta *Face Ocult@* foi indicado no São Léo em Cine – I Festival de Vídeo Estudantil nas seguintes categorias: melhor trilha sonora, melhor som e melhor ator coadjuvante. O curta foi premiado com o Troféu Imigrante em 1º lugar na categoria melhor ator coadjuvante e em 2º lugar com a melhor trilha sonora.



Figura 6: Foto da premiação



Figura 19 - São Léo em Cine vai a Gramado.
Vice-prefeito de São Leopoldo Daniel Daudt e esposa,
Secretária de Educação Janaína Linck
e coordenadora do festival Eliane Candido.

A BUSCA POR UMA APRENDIZAGEM INOVADORA ATRAVÉS DO AUDIOVISUAL NA ESCOLA

Marina Vicentina Ribas Pinto Dias¹

Problematização:

Inovações audiovisuais auxiliam como metodologia de aprendizagem na sala de aula?

Justificativa:

Diante das dificuldades diárias na educação podemos inovar meios de aprendizagens, práticas inovadoras que estimulam o aluno a “acordar” o interesse pela construção da sua autonomia sobre o aprendizado de determinado assunto, abordando assim um leque de possibilidades. O projeto de realizar um curta na escola veio através da conclusão de um curso transmitido pela SMED (secretaria municipal de educação), junto à prefeitura municipal de São Leopoldo, à frente do projeto estiveram os profissionais Eliane Candido e Cleonir Duwe que puderam nos nortear sobre melhores métodos de recursos, com o auxílio dos professores e bolsistas parceiros da faculdade UFPEL (Universidade Federal de Pelotas), pessoas preparadas se dispuseram a total auxílio na tiragem de dúvidas.

¹ Graduada em Pedagogia licenciatura plena, Especialista em Educação Inclusiva, Psicomotricidade e Psicopedagogia institucional, atualmente leciono na Educação Infantil na rede particular e anos iniciais, juntamente com o Projeto de Ética e Cidadania às turmas de anos de anos finais.

O curso de formação foi apresentado pela colega Renata Tavares, que se preocupou em divulgar a todos, em uma reunião pedagógica, sobre a importância de a escola participar. Achei o máximo, até mesmo porque não havia tido nenhum contato com algo parecido, como professora estou sempre pesquisando métodos diferentes para atrair a atenção dos alunos para a aprendizagem, vi no curso apresentado um meio inovador, o qual chamaria a atenção dos alunos de qualquer forma, estimulando a criatividade e construindo uma nova visão de seu próprio mundo, o mundo que o cerca, abordando vivências, experiências e temas atuais.

Ao realizarmos a formação, Renata e eu resolvemos em dupla construir curtas que relatassem a vivência real da nossa escola Chico Xavier, onde trabalham profissionais que vivem o ato de ensinar diariamente, constroem e reconstróem o significado de aprender a aprender.

Na comunidade escolar, estes profissionais se deparam com grandes dificuldades no dia a dia, desde a visão das primeiras necessidades de sobrevivência como a de alimentação, vestimentas e moradia, até as mais sérias que, muitas vezes, precisam de intervenção judicial, com o auxílio das autoridades ou denúncias ao Ministério Público sobre situações de abuso e maus-tratos. Na comunidade, também existem pais apoiadores, os quais estão presentes a tudo o que a escola propõe. São pais que participam do conselho de pais e sempre estão dispostos a “colocar a mão na massa”, mas também existem aqueles que estão preocupados apenas consigo e não com os seus filhos. Cansei de ouvir a diretora de nossa escola ensinando mães e pais a exercerem os seus verdadeiros papéis, sim, ensinando, pois alguns destes pais se tornaram pais de supetão, ninguém os ensinou a se dedicar a seus filhos até mesmo porque nunca receberam esta dedicação de ninguém.

Para algumas pessoas pode até parecer difícil se posicionar ou ficar contra o lema da escola, mas se não fosse assim, que fundamento teria uma escola ensinar as disciplinas se o básico os alunos não aprenderam? Isso me fez refletir com base em ter estudado em uma escola municipal em que a diretora, na época, parecia intocável. Hoje percebo que só podemos ter real resultado se

o profissional abrir seus olhos e ouvidos e propuser um novo método de ensino, que envolva seus alunos com base em sua realidade para preparar este para um futuro melhor, com seu bem-estar.

Dormir e acordar com a sensação de fazer algo pelo semelhante, isso não tem preço, pensar como poderemos agir em meio a essas situações do dia a dia dessas crianças que, muitas vezes, não têm o que comer ou o que vestir. Crianças sem teto, sem poder brincar, ou melhor, que muitas vezes têm o direito de brincar tirado por algum adulto que acredita que elas não precisam disso, que brincar é bobagem. Crianças que trabalham ao invés de brincar para ajudar no orçamento da casa, que sofrem a violência nas ruas, ou dentro de casa, na própria família.

Pensando no curta-metragem falamos com a equipe diretiva, que nos apoiou desde a primeira comunicação. Conversamos sobre o projeto dos anos finais do fundamental, pois estavam trabalhando com grande foco no *bullying*. A partir disso, a escola conseguiu conscientizar os alunos e fazê-los perceber como é ruim a existência e a realização do *bullying* com os colegas. Outro curta foi sobre o abuso sexual, uma história baseada em fatos. Assim, abordamos uma ação social sobre o abuso sofrido por crianças e adolescentes. Então, a colega Renata produziu o curta *bullying* na escola, com minha participação na edição, construímos a filmagem juntas do Acolher, com participação dela na filmagem e direção.

Logo após a conclusão da formação fui transferida de escola, sendo que as filmagens tiveram que ser adiadas, pois nossos horários não coincidiam. Os dias iam passando, o coração apertado, pois tínhamos uma data para entrega, trabalhos em sábado, em folgas e assim fomos conseguindo dar forma ao curta Acolher, nome que se originou através do lema da escola, a sugestão de Renata e aprovado por todos. “Acolher, educar e cuidar”, não podia ser diferente, não havia nome melhor, pois este revelava tudo. Neste meio tempo tivemos na escola uma formação sobre o direito da criança e do adolescente, pelo PROAME, o qual reforçou mais ainda o nosso dever de divulgar o disque denúncia (100), pela lei do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

“Acolher”, nome que surgiu após o roteiro, foi construído e cuidado como um “bibelô”, primeiro curta-metragem que fiz, apropriando-me de vivências, apoiada por uma escola lutadora, pessoas que ensinam o direito a quem acha que não tem. A cada filmagem uma experiência, uma nova conquista, professoras participantes como atrizes, alunos, uma aprendizagem única, que envolve a todos direta ou indiretamente. Dessa forma, segundo Buckingham (2005), o aluno se torna um sujeito histórico, social e cultural, crítico e transformador.

Neste contexto social, as profissionais procuram contribuir para melhorias no ensino, estudando e conhecendo sobre os direitos humanos, a fim de melhor atender às necessidades dos alunos. Dessa forma, transformam as atividades em prazer, fazendo-os entender o que é o respeito pelo outro, como relata o tema do curta-metragem “*Bullying* na escola” e a importância da construção do respeito na vida das pessoas.

Objetivo geral:

Evidenciar o direito a ter direito, apoiando a construção de métodos inovadores na aprendizagem, através do auxílio da tela do cinema.

Objetivos específicos:

- ✓ Valorizar atitudes de criatividade e interpretação;
- ✓ Conhecer e divulgar os Direitos das Crianças e dos adolescentes;
- ✓ Valorização das culturas;
- ✓ Estudar o conteúdo do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA);
- ✓ Incentivar a aprendizagem através do audiovisual;

- ✓ Estimular o aluno a construir sua identidade pessoal e autonomia.
- ✓ Incentivar o aluno a valorizar e respeitar a diversidade;
- ✓ Vivenciar valores como: amor, igualdade, ética, cidadania, solidariedade e respeito;
- ✓ Situar o aluno no presente, para que ele se sinta parte integrante da história, parte do meio em que vive;
- ✓ Tornar o sonho de aparecer na tela do Cinesystem Cinemas do Bourbon Shopping, uma realidade.

Atividades:

As atividades foram realizadas no ambiente escolar e em outros ambientes necessários, como a casa da aluna que fez a atriz principal do curta-metragem *Acolher*, com a autorização da família.

O projeto do São Léo em Cine para os curtas-metragens foi amador, porém estimulou o conhecimento dos alunos para as novas tecnologias. Como ferramenta para a edição dos dois curtas foi utilizado o *Movie Maker*. Aprendi a usá-lo mexendo nas funções para obter o resultado final nos vídeos, mesmo assim senti muita insegurança na construção, levando muitas noites e madrugadas para chegar à finalização.

Os alunos, através dos curtas-metragens, puderam enriquecer trabalhos em outras disciplinas, como as de português, pois se perceberam mais criativos para desenvolver as redações e mais capazes de realizar seus objetivos, coisas que não imaginavam.

I Festival São Léo em Cine:

Após a conclusão dos curtas, a seleção foi transmitida no telão do cinema de nossa cidade, Bourbon Shopping de São Leopoldo, no I festival estudantil São Léo em Cine. Algo divino. Nossa escola foi convidada, na abertura, a falar algumas palavras

sobre a participação no evento. Nossa aluna Taiana Pereira surpreendeu-nos com seus relatos sobre a aprendizagem, algo que nos fez crer que tudo vale a pena, como cada momento que ocupou nosso tempo. Relatou sobre sua interpretação no curta e a abordagem ensinada pelas professoras que a direcionaram, no caso nós.

Análise e discussões sobre o que olharam em grupos.

- ✓ Debate sobre: alguém já viu uma situação parecida ou igual ao relato do curta?
- ✓ Por que acontece esse tipo de situação? Como devemos agir?
- ✓ Qual é a sua realidade?
- ✓ Quais são os direitos da criança e do adolescente?
- ✓ Violência infantil
- ✓ Valorização da escola na vida dos alunos, o apoio.
- ✓ O que podemos fazer para acabar com situações de violência, debate nas turmas.

A conquista.

Tanto para nós profissionais, como para os alunos a escola Chico Xavier estar inscritos no I festival estudantil São Léo em Cine nos motivou a continuar a conquista diária da aprendizagem coletiva dos alunos, apontando que é possível aprender através de métodos diferentes, os quais não estão limitados às paredes de uma sala de aula.

De acordo com Trajber & Costa (2001).

Se a escola insistir em ensinar aos alunos somente por meio da palavra oral e escrita, continuará a enfrentar dificuldades em trabalhar com os mesmos, pois os meios de comunicação de massa bombardeiam diariamente os indivíduos com a interatividade. (TRAJBER & COSTA, 2001, p. 15).

O processo da aprendizagem audiovisual teve a participação direta dos alunos por meios de suas próprias fontes, celulares, câmeras e computadores. Algo que mostrou ser possível mesmo com material precário.

Tivemos uma semana de votações por meio popular, momento em que os alunos puderam participar ativamente da votação nas categorias de melhor atriz, ator, atriz coadjuvante e ator adjuvante, assim como melhor vídeo. Para nossa surpresa, a nossa aluna Taiana, atriz do curta-metragem “ACOLHER”, trouxe para a escola o 1º prêmio de melhor atriz, algo que nos extasiou. Assim, conseguimos provar a nossos alunos que tudo é possível, quando fazemos de coração e com toda vontade. Seu rosto, sua felicidade, contagiou-nos.

As práticas de ensino quando expostas com exemplo, norteiam os alunos a desvendar e se apropriar da aprendizagem autonomamente. O professor vira um auxiliador nas dúvidas e, nesta interação, os alunos levam muito dele através do que aprenderam, mas também deixam pra este profissional muito aprendizado que é levado ao longo da sua experiência de vida. Isso se aplica a mim como eterna pesquisadora de inovações pedagógicas de ensino. “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os indivíduos se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” (FREIRE, 1987).

Ao escolher esta profissão, não estamos imunes ao mundo que nos cerca, pelo contrário, estamos expostas a ele, sorrir junto, chorar junto ou escondido, escutar muito fazendo um papel de psicólogo tanto aos alunos como aos pais e colegas, acreditar no faz de conta, pois ser um personagem, às vezes, não faz mal a ninguém, só enriquece a aprendizagem, ser um profissional de saúde mesmo não sendo e, além disso, fazer inúmeros amigos, a quem aprendi a admirar e a respeitar pelo empenho em realizar o seu trabalho do melhor modo possível.

Ser uma “Chica”, que é assim que nos tratamos, me fez abrir os olhos e ver o modo de ensinar de outro jeito, um olhar

diferenciado, com uma abordagem em que tudo vira aprendizagem, até o uso de uma câmera de celular.

ANEXOS





Figura 20 - Alunos dos dois curtas selecionados pelo Educavídeo Gramado para exibição na Mostra de Cinema Estudantil.

TRÊS CURTAS EM TRÊS TEMPOS

Nara Regina Locatelli Schitezky

Apresentar um projeto de trabalho não é uma tarefa fácil, mas pode dar certo quando se está convencida de seus objetivos, e eu estava.

Iniciei falando com meus estudantes, das aulas e de tudo o que eu estava aprendendo na formação do São Léo em Cine – Festival de Vídeo Estudantil. Expliquei que era um curso para professores e que tinha como meta produzir curtas-metragens com os alunos das escolas municipais. Falei das parcerias e oficializei o convite para eles participarem. Imediatamente aceitaram e já foram informados de que seus roteiros teriam tema livre e seriam discutidos somente se houvesse algo que comprometesse a ética, a moral ou a lei. E que as locações não seriam necessariamente somente na escola ou em suas residências. Poderiam sugerir outros ambientes e juntos tentaríamos viabilizar.

Levei para nossa aula inicial vídeos do *YouTube* sobre movimento de câmera, dicas para produção de vídeos e textos cinematográficos e de como produzir um roteiro. Imediatamente as ideias começaram a ser externadas pelos estudantes. Inicialmente tiveram dificuldades em concordância e, por fim, descobriram que precisavam se unir. Conversei sobre os papéis que iriam ser desempenhados por eles, para que formassem uma equipe de produção. Falei da parceria que fazia com meu filho mais velho, Maikol Locatelli Schitezky, de quem tomaríamos emprestada a filmadora, um tripé e ajuda na montagem e edição, pois a Escola não teria computador com capacidade para a edição de imagens em alta resolução. Expliquei que tínhamos pouco tempo e que as trilhas

sonoras, imagens e dicas teriam de ser pesquisadas em casa e não somente na escola. Assim, construímos um calendário para que visualizássemos o quanto nosso tempo seria precioso.

Durante a leitura dos textos iniciais produzidos por eles como roteiro, percebi que a escrita deles apresentava grandes dificuldades. Eu sou professora de Artes Visuais e raramente os alunos escrevem algo em minhas aulas, então não tenho a percepção da situação deles quanto a esta aprendizagem. Precisei fazer meu papel de apontar os problemas e orientar as modificações necessárias. Resumindo, foi preciso dedicar um tempo aos textos (roteiros).

O fato mais curioso nos roteiros apresentados pelas três turmas foi que as situações envolviam alunos, escola, professores e aulas sendo que, apenas um teve uma pitada de fantasia e irreverência.

Outra dificuldade foi que alguns alunos faltaram muitas aulas e várias cenas precisavam ser regravadas, inclusive com troca de elenco e substitutos em algumas tarefas. As intempéries também atrapalhavam.

O interesse dos estudantes cresceu a cada ação que executávamos, enquanto alguns faltavam às aulas, outros eram pura dedicação. Fizem fotos, repassaram textos, convenceram elencos como: os funcionários da escola, professores e colegas de outras turmas. Sugeriram soluções para as gravações, improvisaram e ensinaram a improvisar. E principalmente, souberam ouvir.

Sinopse do curta “O ALUNO PROBLEMÁTICO”

“O ALUNO PROBLEMÁTICO” conta a história de um aluno indisciplinado que desrespeita uma jovem professora nova na escola, faz *bullying* com os colegas menores e até os de sua classe. Um grande desafio para mães, diretora, colegas e o próprio aluno.

No curta O ALUNO PROBLEMÁTICO, a turma envolveu boa parte da comunidade escolar: o secretário da escola fez participação, duas professoras e seus filhos representaram alunos e mães que vem à Escola reclamar de *bullying*, uma funcionária do setor de limpeza, a Sônia, fez papel de mãe do “aluno problemático”, a bibliotecária, professora Tereza Vilanova Seibel, fez papel de Diretora. A professora Fabiane Boufleur e seu filho Yuri Daniel Bamberg, mãe e aluno vítimas de *bullying*. Convidaram toda uma turma de segundo ano do currículo e sua professora Fátima Luciana, para uma maravilhosa participação e mais uma aluna de quarto ano, a Steffani Giovana Alves e sua mãe, a professora Sandra Alves. A porteira Angelita Hann também aceitou participar fazendo a personagem dela mesma na vida real.

Neste curta, o aluno que assumiu o papel de Diretor, Willian Pablo Borges de Lima, realmente surpreendeu com enorme desenvoltura em seu trabalho. Foi elogiado por todas as professoras que participaram do filme, inclusive no cuidado com os alunos do segundo ano.

O aluno que representou o aluno problemático realmente é inquieto em sala de aula. Alertei a turma durante a escrita do roteiro, quanto ao mesmo parecer biográfico e observei toda a situação do ponto de vista pedagógico. Percebi que sentiam necessidade de mostrar sua história e visualizei uma oportunidade de trabalhar situações e questões trazendo para a realidade as soluções que os alunos iriam sugerindo ao longo das gravações, pois ao descrever as cenas e falas, teriam que pensar como cada personagem poderia reagir, ocupando aquela posição na sociedade. Neste ponto as professoras e funcionárias foram preciosas em sugerir e contribuir com os estudantes.

Questões curiosas de identidade surgiram com a insistência em nomear os personagens com seus próprios nomes. Talvez a voz e a imagem não fossem suficientes como participação.

Alguns alunos se manifestaram em não aparecer em nenhuma cena, faltavam às aulas, pouco ou nada contribuíram com os colegas. Outros imediatamente se candidataram a fotógrafo,

maquiador, roteirista, figurinista, para ficar fora do alcance das câmeras, enfim, o trabalho estava a pleno vapor.

As três turmas que produziram os curtas pertenciam ao turno da manhã. E os alunos menores, convidados especiais, ao turno da tarde. Então realizamos algumas gravações no turno inverso.

Os pequenos eram pura alegria. Recebiam as orientações dos diretores com atenção de quem participa de uma aula. Ninguém queria errar. Estranharam quando tiveram que regravar uma cena porque a cinegrafista errou. Em seguida um novo erro, alguns olharam pra câmera ao entrarem pelo portão. E mais um quando a professora passou muito rápida pelo aluno que fazia o *bullying* e, mais um quando o “aluno problemático” não parou em seu ponto e seguiu entrando pelo portão. Este foi o momento em que uma menina do segundo ano chorou e disse que estava cansada. Mas nosso diretor e sua professora resolveram com muita paciência e ela concordou em entrar mais uma vez. Foi tudo perfeito, então.

Gravar com criança é mágico. Após a gravação das cenas, todos os atores faziam silêncio, enquanto eu e o William (diretor) conferíamos a cena na filmadora, para ver se tudo estava certo e, quando dizíamos que sim, todos vibravam, aplaudiam e se abraçavam.

A aluna que assumiu o papel da professora, a Halana Ribeiro Machado, tornou-se ao longo das gravações pensativa e dedicada ao seu papel, contribuindo com o diretor e mostrando esforço em desempenhar bem o mesmo. Após concluirmos as gravações, em sala de aula, revelou sua preocupação em representar uma professora. Relatou que realizaram uma atividade na aula de outra professora, após as gravações do curta, em que ela e outra colega foram elogiadas pelo bom desempenho dando uma aula no lugar da professora, para a turma toda. Tratava-se de um experimento. Questionei se ela sentia-se bem neste papel e ela disse que sim, que estava feliz em conseguir fazer tudo certo.

O aluno Ruan Lucas, que desempenhou o papel do “aluno problemático” esforçou-se para segurar seu papel, pois sempre

agitado, relutava com as explicações necessárias, só queria saber de ação. Brincalhão, mas conseguia respeitar os combinados e chegou até a faltar alguns treinos de futebol, que é sua maior paixão, para gravar o curta. Percebi maior interação entre nós dois na sala de aula e na escola, após a experiência da gravação do curta.

Demais atores, cada qual com suas particularidades corresponderam e tiveram sucesso: Aline Foza Chiesa, Ana Clara da Silva Morsch, Douglas da Rosa Rodrigues, Douglas Rafael Martins, Larissa Santos da Silva, Paloma da Silva Izaguirry, Stephanie Ariele Xavier da Cruz, Tainara da Silva Favero, Vitória Alves Boeira, William Rafael da Silva da Costa, todos respeitando o diretor, participando e se dedicando a cada cena com empenho.

Sinopse do curta “UM ZUMBI EM MINHA ESCOLA”

Em “UM ZUMBI EM MINHA ESCOLA” um grupo de estudantes planeja gravar um curta-metragem cujo tema seja Zumbis. Difícil vai ser convencer a professora.

UM ZUMBI EM MINHA ESCOLA, teve como diretores a professora Nara Locatelli e o estudante João Carlos Willers Júnior.

Foi o curta que teve várias alterações de roteiro, tendo que ser integralmente regravado. Houve dificuldades do elenco, em comparecer nas gravações no contra turno escolar, mesmo sendo no mesmo dia que costumam ir à escola por conta da aula de educação física. Porém, os alunos que davam conta de comparecerem dedicaram-se a remediar as situações readaptando cenários, roteiro e trocando papéis e atores.

Nossa escola trabalha com isonomia de carga horária, então o professor de área encontra-se com seus alunos de sete em sete dias. E, por conta deste longo espaço de tempo, usamos contra turno e sábados letivos para gravar, precisando maior apoio da

equipe diretiva, da qual faço parte como supervisora pedagógica, no turno da tarde. E também da compreensão dos colegas professores. Até o ator principal desistiu do papel e foi substituído.

Com tantos contratemplos, esgotou-se o prazo de gravações e tivemos que finalizar o filme em uma tarde ensolarada e resolver o excesso de luz na edição.

O grupo mostrou valor e destreza em adaptar e tiveram boas indicações durante o festival. Além da grata surpresa de ser o curta indicado, com o troféu de melhor ator em primeiro lugar no Festival.

A direção de maquiagem e figurino ficou a encargo dos estudantes, Wagner Fagundes da Silva, Marcio Luciano da Silva Junior, Kathleen Vitória Silva dos Santos, que realizaram pesquisa em vídeos da internet para compor a maquiagem do zumbi, os quais foram convidados para maquiagem o personagem do curta A Fuga da turma de oitavo ano.

Os atores, que participaram foram Lucas Correa Valker, João Carlos Wilers Júnior, João Gustavo Ribeiro da Rosa, Jiérruly Natanael dos Anjos da Silva Correa (no papel do zumbi), Wagner Fagundes da Silva, Marcio Luciano da Silva Junior, Lais Tavares de Oliveira.

Sinopse do curta “A FUGA”

“A FUGA” conta a história de um adolescente de 16 anos desanimado com seus estudos, que decide parar de estudar. Seu pai não aceita e, a partir dali, pai e filho vivem uma dolorosa experiência.

A produção deste curta foi organizada e tranquila. Roteiro entregue no prazo, descrição de cenas bem feita. Os estudantes demonstraram maturidade e realmente escolheram papéis para

participar de maneira consciente. Não faltaram nas gravações e foram atentos nas orientações da direção de arte. Incluíram adultos nas cenas, os quais contribuíram ajudando os estudantes nas falas e atitudes. Isso reforçou a maturidade de todos. Legítimo trabalho de equipe.

Os atores principais foram: Guilherme Alves da Cruz, Kassia Mabi dos Santos Inacio, Jhóicelley Nicole dos Anjos da Silva Correa.

Demais atores: Alana Rayane Oliveira da Silva, Bianca Rosa dos Santos, Brian Anderson Trendt, Deocláudio Samuel Souza da Silva, João Vitor Guimarães da Cruz, Lucas Caetano Fontes, Luis Ricardo da Rosa Garcia, Suellen Pereira de Vargas.

Participações especiais: Joselane Schmidt – como diretora, Angelita Hahn – como porteira, Agente Jose Carlos – Guarda Municipal, Agente Pruxs – Guarda Municipal, Édison da Silva Carvalho – como pai.

Histórico do *facebook* da escola¹

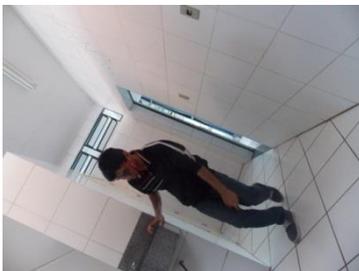
Neste espaço dediquei a socializar a rotina da produção dos curtas, pois gravávamos e os estudantes não viam imediatamente os resultados. O tempo na escola era restrito. À noite em casa, enquanto selecionava as imagens e organiza os vídeos em arquivos para a montagem dos curtas, publicava algumas imagens e fazia chamadas para valorizar o trabalho todo. Nos dias seguintes às publicações, os estudantes passaram a relatar o número de visualizações com certo orgulho. Então passei a prestar atenção ao fato, pois estávamos atingindo uma comunidade escolar que não é presente nos eventos da escola.

¹ Endereço eletrônico: <https://www.facebook.com/EMEFSenadorSalgadoFilho/>

Alguns resultados:



No dia doze de novembro: Na primeira postagem falando da participação da escola no Festival, alcançamos 225 visualizações. A segunda postagem, falando dos bastidores das gravações do curta “O ALUNO PROBLEMÁTICO” teve 340 pessoas alcançadas. E na terceira postagem sobre as gravações do curta “UM ZUMBI EM MINHA ESCOLA”, na mesma noite tivemos 294 pessoas alcançadas.





Na quarta postagem com fotos e comentários do curta “A FUGA”, alcançamos 207 pessoas.



Cinesystem Cinemas

Em parceria com o Cinesystem Cinemas de São Leopoldo, o São Léo em Cine – I Festival de Vídeo Estudantil proporcionou que os curtas fossem exibidos no cinema dias três e quatro de Dezembro de 2015. Após a exibição no cinema, fizemos uma nova publicação com fotos do evento e outra com os curtas para que todos pudessem assistir em casa e tivemos 1.029 pessoas alcançadas, inicialmente e mais tantas outras a cada curta publicado.



E começaram a surgir agradecimentos emocionados nos comentários:

Anderson Halana *obg pelas oportunidades não vamos nos esquecer desses momentos e queremos mais.* (aluna participante do curta “O aluno problemático”).

Lucília Michels *Parabéns para toda a escola.* (Ex-professora da Escola).

Tainara Silva Tava *demais!* (aluna participante do curta “O aluno problemático”).

Fabiane Boufleuer *Tudo lindo!!! Parabéns!!!!* (Professora da Escola participante do curta “O aluno problemático”).

Anderson Halana 😊 *sentindo-se agradecido.*

No dia três de dezembro às 16h21min: *A 'Escola' nos ensina coisas maravilhosas, e quem valoriza o que ela nos ensina sabe muito bem como é bom ser aluno ☐ Mas to aqui mesmo pra agradecer a nossa escola, pelo que ela nos ensina e pela dedicação de todos os professores. Ter virado aluno do Salgado foi a melhor coisa, conheci pessoas maravilhosas, professores que já mais vou esquecer obrigado pela confiança que a escola tem nos alunos, e pelas oportunidades que nos dão. #Halana #filme #procinema #sãoleo #emciNaraLocatelli.* (aluna participante do curta “O aluno problemático”). 173 pessoas alcançadas.

Publicação do curta-metragem "Um Zumbi em Minha Escola" trata de maneira irreverente de como alunos podem pressionar professores a mudar seus planos de aula, ou não. (876 pessoas alcançadas).

Camilli Dos Santos Willers *precisa fazer “UM ZUMBI EM MINHA ESCOLA 2”.*

Fátima Luciana Dos Santos *Parabéns arrasaram bjs!*

Kathleen Santos *Linnndos arrasaram, #Colegas*

Vitoria Fernandes *o melhor babab ri pakas*

João C. Willers *Muito bom*

Camilli Dos Santos Willers *tem que postar no YOUTOBE!*

Camilli Dos Santos Willers *muito engraçado!!! s2*

Publicação do curta estudantil, "A Fuga", que foi produzido para se pensar no diálogo e na atenção que as famílias devem dar aos seus filhos e na importância dos filhos seguirem conselhos dos pais e professores. (1.464 pessoas alcançadas).

Declaração da professora aposentada da escola, Cristina Heim Calgaro, no *facebook* "É muito emocionante ver alguns dos meus ex-alunos envolvidos neste projeto. E conseguindo premiações. Parabéns!!!"

Publicação do curta estudantil "O Aluno Problemático" é um vídeo estudantil que trata do *bullying* contra colegas e professores na escola.

4.935 pessoas alcançadas

1,2 mil visualizações

36 pessoas curtiram isso.

32 compartilhamentos.

A visibilidade do projeto aumenta e a responsabilidade pelos resultados e isso causava preocupação devido aos prazos que tínhamos que cumprir.

No dia quatro de dezembro às 12h20minutos, publiquei: *Gente, liberada a votação no site do São Léo em Cine: saoleoemcine.wordpress.com*

Votem no melhor curta e vamos concorrer. "Curtas da professora Nara: "Um Zumbi em Minha Escola", "O Aluno Problemático", "A Fuga". E atingimos 531 pessoas.

E no dia quatro de dezembro às 21h36 minutos publiquei: Trabalhamos e produzimos nossos curtas. Exibimos no cinema e na página da escola aqui do *facebook*. Agora será a votação dos alunos, nos curtas exibidos no cinema, que será ONLINE com início ao meio-dia de 04/11/15 e término ao meio dia de 11/12/15.

COMO VOTAR: entrem no site do São Léo em Cine saoleoemcine.wordpress.com e logo verão o formulário de votação. Basta clicar em uma das opções de cada categoria e ao final da página cliquem em enviar. Aparecerá uma mensagem dizendo que “Sua votação foi registrada. Obrigado!”

Não há limite de votos, podem votar de qualquer lugar e horário, enfim, quanto mais vocês mobilizarem os professores, amigos, familiares e comunidade, mais sucesso terão! (146 pessoas alcançadas, 378 visualizações).

Depoimento especial, no dia da exibição do curta no cinema: *“Professora Nara, obrigada por ter feito de mim uma atriz, você foi a minha “olheira”, enquanto eu trabalhava e nem sonhava em participar de um filme, estou muito emocionada, minha família não acredita que estou participando de um filme. Pra dizer a verdade nem eu acredito. Eu nunca comi pipoca em um cinema. Foi a primeira vez, e ainda por cima vendo um filme em que eu sou uma atriz, é muita emoção”*.

No dia da premiação, após ser perguntada desta nova emoção falou: *“Estou bege, bege, bege. Não é possível! Andei de limusine e pisei no tapete vermelho. Meu Deus! Só falta ganhar o prêmio de melhor atriz.”* (Sônia, funcionária da limpeza na escola, que fez papel de mãe de um dos alunos no curta “O Aluno Problemático”, escolhida pelos estudantes).

Premiação São Léo em Cine

Toda a emoção do cinema pelas mãos da professora de arte e seus alunos. Agradecimentos especiais à equipe diretiva, aos colegas de trabalho e aos familiares. Confiança é o que move a comunidade escolar.



Neste dia 14 de Dezembro de 2015, aconteceu a premiação dos curtas em um clube social conceituado na cidade de São Leopoldo. Os organizadores do Festival prepararam uma surpresa para os estudantes e elenco em geral. Todos seriam deslocados por duas quadras em limusines e entrariam por um tapete vermelho, seriam recepcionados pelos coordenadores, supervisores e secretário da Secretaria Municipal de Educação e alguns fotógrafos. Foram emoções empolgantes e que instigaram todos os participantes e envolvidos no Festival a vibrarem de modo especial com as premiações que viriam naquela noite.

Os curtas foram indicados em várias categorias entre os cinco melhores e premiado e agraciado com o primeiro lugar para Melhor Ator, no curta “UM ZUMBI EM MINHA ESCOLA”.

Premiado também o curta “A FUGA” com terceiro lugar em Melhor Produção.



Trechos de DEPOIMENTOS ESCRITOS EM SALA DE AULA pelos estudantes

“Tivemos que nos empenhar para que isso tenha dado certo, apesar de alguns erros, correu tudo bem e a turma ficou mais unida.” (Larissa Santos).

“No cinema foi estranho, engraçado e emocionante, ver nossos rostos na frente de várias pessoas e imaginar o que elas estariam pensando sobre nosso filme. É uma sensação assustadora, chega a dar frio na barriga.” (Larissa Santos).

“[...] mas não podíamos demorar para começar a gravar porque tínhamos data para entregar tudo pronto. Então começamos e foi uma correria, mas foi aquela correria boa, porque no final das contas todos sabíamos que era para tudo ficar pronto... finalmente tudo certo para nos vermos no cinema, e a ansiedade estava maior...” (Paloma da Silva Izaguirre).

“[...] a sora Nara postou os vídeos no facebook e nós estávamos ganhando em disparada de visualizações, e finalmente chegou o dia da premiação... e foi muito incrível ter estas experiências e o mais legal foi ter andado na limusine!! Sora obrigada por tudo, por ter feito nós passarmos por essas coisas boas, sempre vou lembrar disso.” (Paloma da Silva Izaguirre).

“Quando a Sora nos convidou para fazer o filme, pensamos: isso não vai dar certo, porque ninguém colaborou... todo mundo só queria saber de ser o ator principal, diretor... mas primeiro iríamos precisar do roteiro, mas tudo bem. Começamos a fazer e ao invés de juntar toda a turma, não. Eles preferiram fazer dois filmes, e na hora de gravar resolveram fazer um só. A experiência foi boa. Fugiu um pouco daquela rotina que você está na escola... quando fomos ao cinema ver nosso filme foi ótimo, mesmo com alguns erros de gravação. Na premiação só concorremos a melhor ator, só que não ganhamos, mas não importa. O importante é que a gente participou, conheceu pessoas novas de outras escolas e vimos os trabalhos incríveis que as escolas, os adolescentes e até as crianças sabem elaborar.” (Willian Pablo).

“[...] muito legal a experiência de fazer um filme bom, não era bem um filme, mas um curta escolar... quando postamos no facebook teve muita gente olhando e curtindo nosso trabalho... por isso nós ficamos orgulhosos e até brincamos que viramos atores e atrizes (risos). Além dos mais quando ficamos sabendo que ia ter premiação com tapete vermelho e essas coisas, todos ficamos ansiosos e votando lá pro nosso filme ganhar, mas estávamos lá pelo nome da escola e não somente pelo nosso filme, mas sim por todos os filmes que estavam concorrendo que tivessem o nome do Salgado Filho. E enfim nosso filme não ganhou, mas a escola sim, com outros filmes e isso é o que importa, por mais que não tenhamos ganhado, ficamos felizes pelos nossos colegas”. (Jéferson de Souza Schmitz).

“Bom, quando eu recebi o convite para participar do São Léo em Cine, fiquei meio nervosa, porque sou um pouco tímida em público, mas depois que começamos a ensaiar o curta, acabei gostando, porque era uma

experiência nova e única pra mim, nunca tinha feito algo parecido. Fiquei empolgada, ansiosa, até quando fomos olhar nosso filme no cinema, nossa! Foi tão bom! E chegou o grande dia, a premiação, foi um dia que pude ser uma estrela, várias emoções, nervosismo, cada categoria que aparecia era uma emoção e um sentimento novo, aquela esperança de ganhar um prêmio, de ser aplaudido. Bom, não ganhamos o troféu de melhor curta, mas só de ter ido, participado, de ter tido esta experiência, já valeu muito. Porque eu estava com pessoas que amo e admiro muito, nunca vou esquecer aquele momento mágico e único, não só pra mim, mas tenho certeza, pra todos que estavam lá”. (Tainara da Silva Favero).

“[...] foi uma experiência muito boa, apesar de alguns atrasos, alguns desentendimentos. Mas foi uma maravilha ir ao cinema, não compareci à premiação, mas quando eu botei o pé dentro do cinema me senti uma atriz famosa. Fiquei com o sorriso estampado no rosto durante a semana. Fiquei muito decepcionada por não termos ganhado o melhor filme, porque fizemos muita coisa, envolvemos muitos alunos e professores. Na primeira vez que a Sora falou que íamos fazer um filme, nem dei muita importância, mas agora vejo que a turma ficou muito unida, compartilhando nas redes sociais, com mensagens de agradecimento aos professores, a Escola e ao São Léo em Cine.” (Ana Clara da Silva Morsch).

“[...] desde que a turma ficou sabendo que iria fazer um filme ficamos ansiosos. Pensei: será que vai dar certo? Será que vamos conseguir? [...] podemos dizer que repetiríamos se pudesse chegar a este ponto, [...] andar de limusine foi uma sensação incrível, coisa que nunca andamos na vida, [...] e estamos sem palavras.[...] pensar que a nossa turma foi capaz de criar um filme, ter uma ideia pra isso, com certeza não é pra qualquer um. São Léo em Cine foi uma experiência ótima, e adoramos ter participado disso, realmente amamos.” (Stephanie Cruz).

“Experiência como estrela. Quando ouvi o convite para fazer o filme eu fiquei empolgada, mas não quis fazer porque sabia que não ia poder ir ver o filme no cinema E nem ver as premiações. Então me frustrei, mas

continuei a fazer pra ajudar a turma, só que fui a pior atriz. Fui terrível. Os dias de gravações foram poucos, mas rendíamos com sorrisos e interesse, as horas passaram rápido, mas é porque tínhamos prazer em fazer o nosso filme. Convidamos professores, funcionários, direção, todos, para fazer o filme. O assunto realmente envolveu a escola. No dia de ir ao cinema eu não pude ir, nem no dia da premiação, mas foi chocante ver seus olhos brilharem. Valeu a pena me interessar. Foi chocante o número de visualizações no facebook, tínhamos demais, os comentários e as curtidas também nos impressionaram, foi um sentimento de liberdade e de realização. Enfim, foi uma experiência incrível e inesquecível". (Aline Chiesa).



Figura 21 - Equipe SMED
Secretário de Educação Luis Arthur de Bitencourt (2014-2016);
Secretária Adjunta Janaína Linck (2014-2016) e Secretária de Educação
no ano de 2016. Coordenadores do São Léo em Cine
Eliane Candido e Cleonir Duwe.

CIDADÃO MULTIMÍDIA: DIGITALIZANDO O ESPAÇO ESCOLAR SOB UM NOVO OLHAR

Nelson Peres Garcia Júnior

O curta-metragem “24 Horas Conectad@” é uma produção em audiovisual articulada dentro do projeto de Mediação de conflitos e Cultura de Paz da EMEF Padre Orestes João Stragliotto.

O filme surge como proposta de finalização de alguns dos debates que ocorreram durante o ano letivo de 2015. Ele não se restringe somente ao contexto escolar, pois a temática é ampla, polêmica e atual. O enunciado da sinopse do curta-metragem “24 Horas Conectad@” já entregava o que estava por vir: *“em um universo contemporâneo em que cada vez mais o cidadão se torna multimídia, “eles” tornam-se vítimas dessa conectividade ininterrupta na internet?”*.

Assim o curta-metragem cumpriu o papel de promover a discussão sadia dentro da escola, tentando provocar outras instâncias em que tal temática estivesse abordada, como em instituições de ensino, grupos de amigos e dentro do ambiente familiar.

A ideia da produção surgiu durante os encontros do projeto de Mediação de Conflitos e Cultura de Paz, visto que a escola estava passando por problemas ligados ao uso da internet em telefones celulares, dentre eles podemos citar: “nudes” que é uma nova mania de trocas de imagens íntimas através de mensagens virtuais, muitos desses materiais tornaram-se nocivos para algumas pessoas devido à exposição extrema que as fotos e vídeos representavam; outra questão era o uso indevido dos telefones celulares durante as aulas, o que acabava prejudicando o bom andamento do planejamento dos professores e, por último, a conectividade ininterrupta, sendo que muitos estudantes relatavam que ficavam ligados à internet durante

muitas horas, incluindo turnos noturnos e horários de refeições, detendo-se somente ao ambiente virtual e esquecendo os espaços presenciais.



Figura 1: banner do curta-metragem “24 Horas Conectad@” utilizado durante o festival São Léo em Cine.

O projeto de mediação de conflitos e cultura de paz tornou-se uma necessidade emergente. Para entender melhor, apresentamos uma caracterização mais adequada: A Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Orestes João Stragliotto, localizada no bairro Santos Dumont, mais conhecido como Chácara dos Leões, na cidade de São Leopoldo, foi inaugurada em 2008, o que torna a escola relativamente nova para a conjuntura. Uma comunidade que necessita muito debater temas como: direitos sociais básicos, moradia (habitação), saneamento básico (pavimentação), alimentação, mundo do trabalho, segurança, entre outros. Uma comunidade extremamente carente, em uma região de alta vulnerabilidade social, com rotatividade permanente de moradores e altos índices de violência. O projeto atendeu alunos dos anos iniciais e anos finais durante o contra turno escolar, pois cada encontro

abordava diferentes temáticas. Já no processo de concretização do filme “24 Horas Conectad@” trabalharam alunos dos anos finais do turno da tarde – principalmente do sexto ano.



Figura 2: Foto: atividade de “cine debate” proposta pelo projeto de Mediação de Conflitos e Cultura de Paz

O processo de criação do filme foi estruturado em oficinas, sendo que o tema gerador foi escolhido coletivamente: “internet”. Depois de vários diálogos, coleta de dados, processamento das informações que os estudantes traziam. Na maioria das abordagens eram problemas relacionados à internet. Acabamos escolhendo a questão da conectividade ininterrupta/vício. O grupo pensou em ampliar o debate e formas de conseguir chegar a outros colegas e até outras escolas. Então propusemos a produção de curtas-metragens. Assim, elaboramos um roteiro coletivo. Elencamos o processo de concepção do filme no que se refere à produção, tudo dentro de uma realidade na cultura do “faça você mesmo” – a fórmula do possível, algo direto, objetivo, sem perspectivas de grandes efeitos especiais, mas algo simples, com poucos recursos e bem feito. Escolhemos dentro do grupo o papel que cada um desempenharia na produção e “mãos à obra”. Após a conclusão do filme,

organizamos dentro da escola um “cine debate”, no qual fazíamos a exibição dos curtas produzidos na escola e, sequencialmente, os alunos envolvidos ficavam como mediadores das discussões que iam surgindo dentro da atividade.

Constatamos que a escola é uma plataforma efetiva de uma infinita diversidade de conflitos. Dessa forma, pensamos em utilizar “meios de comunicação” como forma de apresentar boas práticas. Assim, tentamos fazer com que a escola conseguisse através dessas iniciativas, mostrar suas produções positivas ao invés de veiculações de relatos negativos, como por exemplo, que o bairro é violento. Dentro dessa ideia, passamos a registrar e a divulgar todas as propostas positivas que são articuladas dentro da comunidade escolar.

O projeto de Medição de Conflitos e Cultura de Paz utilizou diversas ferramentas tecnológicas como metodologia de ensino-aprendizagem focada em um profundo processo de transformação escolar. O viés da COMUNICAÇÃO foi sempre o foco metodológico, dessa forma, desenvolvemos além dos curtas-metragens, o jornal da escola, rádio poste, web rádio, fanzines, cobertura de eventos (em foto, vídeo e relato), atualização sistemática de materiais positivos da escola na internet e assim por diante.

Sentimos, com todos esses processos educacionais, muitas mudanças não só no comportamento dos envolvidos, mas uma verdadeira contribuição na personalidade, no caráter e no entendimento aplicado à cidadania. Fomentamos com esse tipo de proposta, que cada sujeito consiga sentir-se estimulado para desenvolver sua autonomia e o protagonismo dentro da proposta. Contatamos que o “cinema–escola” torna-se uma prática cada vez mais real dentro da atual conjuntura, pois cada sujeito envolvido sente-se um agente importante na concretização dos materiais.



Figura 3: Foto alunos do projeto Medição de Conflitos e Cultura de Paz envolvidos na produção dos curtas-metragens, professores responsáveis, equipe diretiva e sala da diversidade na noite de entrega das premiações no encerramento do São Léo em Cine.



Figura 22 - Reportagem na página oficial da Prefeitura Municipal de São Leopoldo e do Jornal Vale dos Sinos.

RELATO DAS EXPERIÊNCIAS NO PROJETO *CINEMA NA ESCOLA*

**Paulo Espinoza
Jader Santini**

Quando começamos a elaboração do projeto *Cinema na Escola*, pensamos em envolver o maior número de alunos na arte do cinema. Conversamos com as turmas do 6º ano ao 9º ano e descobrimos o interesse deles pela imagem. Propusemos desenvolver algumas oficinas que contemplassem esse interesse observado através da fotografia. Elaboramos uma oficina chamada “Fotografia na escola”, com o objetivo de conhecer melhor o processo de produção da imagem fotográfica e também de mobilizar os alunos para um estímulo de olhar o mundo de maneiras diferentes. Acolhidos pela escola, que nos forneceu o espaço e os meios para a prática do projeto, começamos os encontros semanais todas as segundas e terças-feiras.

O projeto constou de três fases, a saber, leituras e discussões sobre o cinema como a sétima arte, familiarização com a linguagem fotográfica e prática de captação e registro de imagens do cotidiano e entorno escolar e redação de roteiro e produção e execução do vídeo de autoria dos alunos. Dependendo da atividade, o trabalho teve dinâmicas variadas como trabalho em pequenos grupos, plenárias e individualmente.

Para podermos embasar nossos encontros e propiciar aos alunos um pouco da própria teoria da imagem e do cinema, trabalhamos com textos sobre fotografia, selecionados previamente, que tratavam de como a técnica fora inventada, a tecnologia e arte presentes nessa linguagem. Dessa forma, conseguimos bons momentos de leitura e debates para que os alunos se tornassem

sujeitos desse processo e atuassem ativamente na produção de seus curtas-metragens, buscando uma postura de criatividade e autonomia. Passamos a fazer testes com elementos da linguagem fotográfica, tais como, enquadramento e foco, levando à prática a teoria estudada nessa primeira fase do projeto.

Com isso, os grupos saíram a campo para fotografar os espaços da escola e do bairro para exercitarem o aprendido sobre as características da imagem como objeto e como linguagem. Nesse momento, conseguimos observar o olhar que esses estudantes têm sobre o seu lugar, o seu espaço no mundo e o seu cotidiano, bem como as perspectivas que desenvolvem na prática de elegerem os objetos das imagens a serem captadas pela câmera. As fotos mais expressivas foram escolhidas e arquivadas para que, em outro momento, pudéssemos divulgar o trabalho dos alunos como, por exemplo, em uma exposição de fotografia na escola ou no âmbito municipal.

Concluída essa etapa voltada para o estudo da imagem fotográfica, passamos a desenvolver o nosso projeto de *Cinema na Escola* com estudos de como fazer um curta-metragem, como elaborar uma história e como gravá-la. Nesse momento, todos os alunos envolvidos começaram a respirar o mundo da sétima arte, o cinema: a um só tempo a linguagem e a mídia.

Passamos a desenvolver o roteiro a partir de textos que nos mostravam como aprender a escrevê-lo na formatação correta. Cada grupo elaborou pequenos esquetes roteirizados, os quais foram registrados em filme, proporcionando-lhes a familiarização com a sua própria imagem midiaticizada.

Essa prática disparou o surgimento de ideias de roteiros que partiram dos próprios alunos, com histórias que eles criaram. Um conto visto em um livro na biblioteca, uma história ouvida na roda de amigos, um pequeno acontecimento pessoal importante: a fonte de inspiração para que os alunos concebessem e escrevessem suas histórias era diversa.

Assim, munidos de conteúdos elaborados por eles mesmos e, portanto, significativos, os debates passaram a ser sobre como

poderíamos filmar o que fora escrito, considerando também o que não era possível transformar em imagem dinâmica sequencial. Nessa fase, os questionamentos giraram em torno de como a sequência da narrativa visual poderia ser mais bem aproveitada para que o efeito, a mensagem ou a sensação chegassem ao espectador da forma como se havia idealizado ainda na escrita.

O interesse na execução do vídeo e o desejo de experimentarem seus talentos e descobrirem desafios, como se tem no relato da aluna Júlia Silveira, 8º ano, fez com que eles investigassem o processo de elaboração de um roteiro para produzirem seu próprio filme: *“O Projeto Cinema na Escola foi muito importante no meu ano de 2015, muito aprendizado e companheirismo. No próximo ano espero que continue o projeto! Aprendi muito, até com um futuro sonho muito distante de ser atriz se tornou realidade em um ano. Só tenho a agradecer ao Projeto e à escola”*.

Não obstante, alguns temas que foram emergindo ainda estavam fora de alcance, pois não contávamos com os recursos para fazer uma “super” produção. Tratava-se de histórias que exigiam muita maquiagem, figurinos caros, cenários sofisticados e efeitos de edição. Tudo isso precisou ser submetido a uma adequação às nossas possibilidades, a despeito das indiscutíveis potencialidades, tanto dos alunos, quanto dos enredos.

Desafiados mais uma vez e dado o apelo de superação, os alunos do 8º e 9º ano tiveram a ideia de contar justamente uma história sobre superação e fé, sobre acreditar nos seus sonhos, representada na história de uma personagem que buscava o sonho de se tornar um escritor.

A partir da elaboração do roteiro, construção dos personagens, figurino, maquiagens, luz e câmera, as gravações tiveram início. Com toda exigência de várias ordens e dificuldade que é fazer um filme, muitos pensaram em desistir e o desafio maior a ser enfrentado foi o desânimo. Apesar de tudo, o caminho percorrido até ali já gerava força para impedir que o projeto fosse abandonado, o projeto que era compartilhado por todos desde o

início. Assim, o sonho coletivo derrotou as incertezas. Afinal, queríamos realizar um sonho também: LUZ, CÂMERA, AÇÃO...

Grava, corta, grava novamente, repete a cena, e a emoção toma conta; afinal, estamos gravando um filme. E como o personagem do filme “Escrevendo o destino”, tínhamos que continuar. Depois de muitas cenas prontas e das escolhas dos locais para gravar, tínhamos outro desafio que era editar o curta.

O filme ficou pronto um dia antes da 4ª Mostra de Curtas de Novo Hamburgo, evento realizado pela ParaNóia Produções. Inscrevemos o nosso curta e, com as devidas autorizações, levamos os alunos para comparecer à estreia do filme. Quando o filme começou a ser exibido na tela grande, e numa sala escura, a emoção tomou conta deles, estavam se vendo, se emocionando e felizes. Com essa experiência, os alunos também perceberam que a qualidade que eles esperavam do filme, principalmente no que já imaginávamos: o som, não estava bom, porque os próximos filmes que foram exibidos, na interpretação dos nossos alunos, eram melhores que o nosso.

Mas para o nosso primeiro filme, como sua história de superação e dedicação, a qualidade é a melhor. O trabalho em equipe, as transformações, o desenvolvimento e a ideia de que podemos criar e viver coisas boas na construção de uma sociedade melhor compensou todos os esforços. Além disso, observamos que o objetivo inicial, de quando desenvolvemos o projeto, foi atingido uma vez que o amor pelo cinema e a vontade de fazer diferentes filmes, além da busca pela superação técnica, foi despertada nos alunos que seguem no projeto e já estão esboçando novos trabalhos.

Afirma o aluno Gabriel Carbonera, 9º ano: *“Participar do projeto Cinema na Escola no começo era estranho, pois não entendia muito como iria funcionar, mas ao longo do ano, acabei me apaixonando por essa arte que é o cinema. Aprendi técnicas de filmagem e atuação, entre outras. Os professores estiveram sempre dispostos a nos ensinar e assim produzimos o nosso primeiro filme, que foi um sucesso, “Escrevendo o destino”. Saio este ano da escola formado pelo 9º ano, feliz em saber que o filme foi premiado, mas triste por não poder participar ativamente no próximo ano”.*

Com o projeto de cinema na escola, podemos observar que a dedicação dos alunos em construir uma nova forma de aprender, usando as ferramentas que eles já dominam, além de participarem da elaboração de um vídeo que vai mostrar a sua própria história ou a história que eles criaram, foi de uma grande experiência para todos nós. A escola também acompanha e se orgulha, vendo seus alunos mostrando que é possível desenvolver projetos que envolvam todos os setores e segmentos da escola. O que é muito bom no projeto é que não só os alunos que participam, mas todos na escola, que vai além dos muros, com envolvimento da direção, supervisão, professores, funcionários, pais e toda a comunidade.

Fazer filme é um trabalho em equipe, para que funcionasse, nosso objetivo era formar grupos e esses grupos trabalharem unidos. Mesmo assim, tivemos problemas de disputas internas entre eles que, com diálogo e a convivência, foi resolvido. Aprender a conviver com ideias diferentes, jeitos diferentes de fazer e produzir, também fez parte do trabalho desenvolvido. Trabalhar com a coletividade possui seus percalços, mas com orientação e entendimento, o resultado acaba, quase sempre, superando os objetivos e melhorando as ideias iniciais.

Outra questão que consideramos importante para a aprendizagem dos alunos, foi a mudança que pudemos observar nas atitudes deles. Segundo relatos de colegas e dos pais, percebeu-se uma maturidade com relação às atitudes destes jovens tanto na escola como em casa. Alguns pais vieram agradecer por seus filhos estarem no projeto de cinema, porque melhoraram tanto na escola, na responsabilidade com os estudos e em casa com os pais.

Durante nossos encontros nas segundas-feiras e terças-feiras podíamos desenvolver um trabalho que considero muito importante, que é de fazer com que cada colega pudesse se colocar no lugar do outro para assim saber lidar com a diversidade e promover o respeito entre todos. Os ensaios foram uma verdadeira aula de cidadania, pois os alunos tinham que colaborar uns com os outros. Além de desenvolverem a representação dos personagens, tinham que mudar o seu modo de agir não só para as filmagens, mas também para a vida.

Sendo assim, consideramos que os objetivos que estabelecemos no início do projeto, ainda na fase de idealização, quando pensávamos o que faríamos e contávamos somente com a nossa paixão pela linguagem do cinema, foram atingidos satisfatoriamente e com muita alegria, observamos que, em muitos aspectos, superamos as expectativas quanto aos resultados obtidos. A forma como os alunos se envolveram e se interessaram, a participação dos pais, o apoio da escola, tudo isso contou para que o trabalho valesse a pena e percebêssemos que outras formas de construção de conhecimento são possíveis e que outras linguagens artísticas devem se fazer presentes na escola se temos a intenção de obter uma formação completa do indivíduo e cidadão.

Ensinar sobre cinema e arte também é construir uma percepção sobre o mundo e a sociedade. É dar valor à criatividade na resolução de problemas e na forma de encarar e pensar sobre o mundo. É dar espaço à expressão dos sentimentos e das ideias que perpassam os indivíduos presentes na escola dando-lhes voz e vez. É brincar, é sorrir, é estudar, é aprender. É construir uma sociedade mais humana, sem discriminação, sem preconceito, promovendo a igualdade, convivendo com a diversidade e a alteridade entre todos, para uma vida feliz e com amor entre as pessoas e o mundo.

São Léo em Cine – I festival de Vídeo Estudantil

E.M.E.F. SÃO JOÃO BATISTA

Título do filme: ESCREVENDO O DESTINO

Direção: Paulo Espinoza e Jader Santini

SINOPSE - O filme retrata a história de um menino (Ricardo JR) que não tinha amigos, vivia praticamente sozinho, mas tinha um sonho de ser escritor. Em seu quarto passava o tempo todo escrevendo em seu diário. Mas seu pai (José Ricardo) achava que ele não devia escrever livros e sim deveria trabalhar na lida, para ajudar a família. Segundo seu pai, um homem de verdade tem que trabalhar e

 São Léo em Cine

não sonhar. Veja a fascinante história de superação e fé de um menino que continuou escrevendo e lutando para ter seus livros publicados.



Figura 23 - Publicações no Jornal Vale dos Sinos (Jornal VS) de São Leopoldo.

COMO REALIZAR SONHOS

Renata Tavares da Silva

Introdução

Sempre tive sonhos, um deles era concluir a faculdade, depois cursar pós-graduação, fazer um concurso, comprar uma casa, um carro, enfim.

Afinal, todos os sonhos que o dinheiro pode pagar custam barato. Então fui à luta para que tudo se realizasse no seu tempo.

Todos têm uma história de vida, todos têm um relato surpreendente que pode virar um filme, um curta ou até uma novela.

*“Um homem que não se
alimenta de seus sonhos,
envelhece cedo.”*

William Shakespeare

Sempre gostei de fotografia, para mim é como guardar bons momentos para sempre em uma caixinha. E não momentos meus, gosto de alegrar o outro, de pegar uma foto de repente da pessoa, sem ela saber e depois ver que a surpresa dessa pessoa.

Quando me tornei professora usei este recurso para mostrar o tempo passar e, também, mostrar que o tempo nada mais é do que algo que podemos aproveitar dele. E isso se deu com a fotografia.

Experiência

Já era noite quando entrou na minha caixa de e-mail com endereço da SMED um link para acessar o *Facebook* com o Cronograma do curso do programa de vídeo estudantil São Léo em Cine.

O curso ensinava como filmar, gravar, colocar som, editar, enfim tudo de que eu precisava para trabalhar em sala de aula com meus alunos. Trabalho com a educação infantil e histórias “mirabolantes” não faltam.

À noite, na reunião da escola, falávamos de vários assuntos e no final coloquei-me à disposição para realizar o curso. Mas era final do ano, era conselhos de classe e início de PNAIC. Então surgiu uma parceira, a Marina Ribas, professora contratada pela escola.

Curso iniciado, várias ideias na cabeça, caronas, chuvas, trocas de experiências, surge a notícia que a colega Mariana Ribas teria que ser transferida para a Escola Álvaro Nunes.

Choramos, nos abraçamos, trocamos *Whatsapp* e ideias, mas o sonho estava lá. Até que em uma história relatada pela nossa diretora Jussara Dias Bueno no curso do Proame sobre Abuso Sexual, surgiu a ideia do curta sobre esta questão. Pedimos autorização e fomos à luta. Conversamos com as professoras Mirian e Marcell que estavam trabalhando o tema do *Bullying* na escola com as turmas do 8º ano e fomos observar, contribuir, filmar para montar um roteiro com o tema. Surgiram então dois curtas representando a escola Chico Xavier.

Roteiros prontos, sinopse, fomos conversar com alunos, conversar com as famílias e pegar fichas, assinaturas, autorizações e muitos sonhos e histórias para contar.

Entre as dificuldades encontradas além da colega estar em outra escola, foi o tempo... tempo para escolher os atores, para filmar, para conversar.

Entre um recreio e outro conversamos muito e, enfim, marcamos as gravações aos sábados começando com o curta “Acolher”.

Entre os erros de gravações, as baterias das máquinas recarregando ou faltando carga, falávamos sempre no acreditar em realizar aquilo que se quer. E ficou incrível, ficamos felizes com o resultado.

Sempre passava pela cabeça, que não daria tempo, ou algo não encaixaria.

Com o curta “*Bullying*”, foram ouvidas várias histórias. Chamei um grupo de alunos da turma 5ª2 para ouvir seus anseios, suas histórias de preconceitos para saber o que incomodava, de fato, todos eles.

*“Quem julga as pessoas
não tem tempo para amá-las.”*

Madre Teresa de Calcutá

Todos ficaram surpresos quando contamos que os curtas passariam no cinema, pois recentemente a Escola Chico Xavier fez um passeio com as famílias e todos foram ao cinema. Então, a realização de um sonho de aparecer em um filme poderia se tornar realidade a partir da filosofia da nossa escola: acolher, cuidar e educar ensina o respeito em respeitar e sonho que se sonha junto vira realidade.

Tudo pronto e na última cena do “*Bullying*” chove! Com muitas risadas e sustos terminamos as cenas e enviamos para a Marina.

Chegou a hora da edição. Coloca cena, tira cena, escolhe música, encontro nos intervalos, desespero!!!

Sim desespero, pois a edição do “*Bullying*” deu trabalho, entre correrias, carregar baterias, trânsito, mensagens pelo *whats*, mostrar para equipe diretiva, eis que era quase 23h quando Marina saiu do seu trabalho e foi até minha casa para carregar os vídeos e enviá-los.

Cada MB carregado uma vitória! Cada etapa concluída um abraço.

Eis que os dois carregam! Viva! Sonhos a ponto de serem realizados.

Edição de Banners prontos, tripés emprestados, alunos ansiosos, mais correria.

Conseguir o transporte para levar os “Chiquinhos” para se ver no cinema.

Muitos *whats*, ofícios enviados e vontade de que dê tudo certo. Persistência são 60 alunos, todos com comprometimento e vontade de mostrar seus trabalhos. Não vou desistir!

Eis que surge o dia do cinema. Fomos com a maior alegria. Somos estrelas! Em casa, as histórias e entusiasmo eram relatados aos pais, que felizes vinham agradecer.

Mas faltava o grande dia! O dia da premiação. Na reunião descobrimos um transporte especial para levar os alunos a tão sonhada conquista. Uma limusine! Bom, chegar na escola e relatar à equipe diretiva sobre a surpresa foi muito bom, o difícil foi guardar segredo para os alunos. Lista escolhida com as estrelas da festa, fomos para o grande evento. Muita festa! Felizes e arrumados, a expectativa era grande, pois damos o nosso máximo em tudo.

Todos tinham um sonho, relatar suas experiências e ganhar o prêmio.

Eis que surge o prêmio de melhor atriz. Indescriível a sensação, pois os pais da menina estavam na cerimônia dando apoio e força para ela, acreditando nos sonhos dela.

Conclusão

Ficamos muito felizes, embora achássemos que poderíamos ganhar outros prêmios, mas a experiência que ficou foi a de uma grande vitória contra o preconceito, a divulgação do Disk 100 em casos de abuso sexual e um passeio inesquecível de limusine com os alunos.

Entrevista com a Aluna Taiana para o site da Prefeitura do dia 15 de dezembro de 2015.

DA VIDA REAL PARA FICÇÃO –

Há três anos Taiana Pereira Flores, 16 anos, trocou de escola porque não suportava mais ser vítima de *bullying*. Aluna da EMEF Chico Xavier, na noite de ontem, foi premiada como Melhor Atriz pela sua atuação no filme “Acolher”, que fala justamente sobre o *bullying*. “Eu consegui trazer muito do que eu vivi para o personagem”. Isso me ajudou bastante. Gostei muito da experiência e tratar desse assunto me ajudou a superar. E hoje foi uma revelação bombástica ganhar este prêmio”, comentou emocionada.

Ilustrações







Figura 24 - Capa do Jornal VS e reportagem no interior do jornal (2016).

A PRODUÇÃO DE VÍDEOS COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA: O “JORNAL GLOBAL” E GLOBALIZAÇÃO

Rodrigo Blasckesi Fernandes¹

Atualmente, a produção de vídeos de curta duração é uma atividade muito popular no mundo todo. Nos últimos anos, câmeras digitais e telefones celulares foram se modernizando e tiveram o seu custo reduzido, permitindo que um crescente número de pessoas tenha acesso a esses equipamentos e, por consequência, possam produzir seu próprio conteúdo audiovisual e disponibilizá-lo pela internet através de sites como o Youtube.

Geralmente associada ao lazer, a produção de vídeos tem sido apontada como uma importante ferramenta didática. Vargas, Rocha e Freire (2007) apontam várias “vantagens educacionais” associadas ao seu uso, entre elas destacam-se o desenvolvimento do pensamento crítico e a valorização do trabalho em grupo.

Assim, em 2015 foi realizado na cidade de São Leopoldo, o “São Léo em Cine”, festival de vídeo estudantil que reuniu produções de 14 escolas da rede municipal de ensino dessa cidade. O festival foi precedido de um curso de formação para os professores interessados, com oficinas de roteiro e produção; direção, gravação e decupagem e de edição, ministradas por professores e bolsistas da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e Unisinos. O objetivo do curso era capacitar os inscritos para trabalhar junto a seus alunos com a produção de conteúdo audiovisual.

¹ Graduado em Geografia – Licenciatura plena e especialista em gestão educacional. Professor da rede municipal de educação de São Leopoldo – RS.

A produção de vídeos como ferramenta pedagógica.

Vivemos hoje a chamada “sociedade do conhecimento intensivo” (DEMO, 2004, p.10), em que a educação formal precisa ser redefinida, seja pelas novas exigências do mercado de trabalho ou ainda pelo novo perfil do aluno, cada vez mais integrado às novas tecnologias. De qualquer maneira, o papel do professor precisa ser reinventado. O chamado ensino tradicional, no qual predomina a mera transmissão de conhecimento, necessita ser superado.

De acordo com Demo (2004) a aprendizagem necessita de condições, as quais o ensino tradicional não contempla: pesquisa, elaboração própria, envolvimento, avaliação, orientação e relação pedagógica. Para o autor:

Em nossas escolas e universidades (...) os alunos não pesquisam, não elaboram, não se envolvem profundamente, não encontram professores que saibam avaliar e orientar. (DEMO, 2004, p. 21).

Nesse sentido, novas metodologias de ensino devem ser usadas e o trabalho com a produção de vídeos parece fornecer uma alternativa interessante à pedagogia tradicional. Vargas, Rocha e Freire (2007) afirmam que esse tipo de trabalho favorece o desenvolvimento do pensamento crítico, a comunicação e a expressão, estimula o trabalho interdisciplinar, mobiliza as diferentes habilidades e inteligências e estimula o trabalho em grupo.

Cabe ressaltar que o professor, ao observar nos alunos outras habilidades e/ou competências que, por vezes, não são contempladas nas atividades cotidianas do currículo escolar, pode ter um “outro olhar” na avaliação dos alunos envolvidos. Além disso, permite momentos de aprendizado fora da sala de aula, que sempre são considerados muito prazerosos.

O Jornal Global



Figura 1: O Jornal Global

Jornal global foi o curta-metragem que representou a EMEF Professor Emílio Meyer no São Léo em Cine – Festival de Vídeo Estudantil 2015. Ele foi produzido pelos alunos do 9º ano, turma 9A2, durante o 2º trimestre de 2015, nas aulas de Geografia, sob a coordenação do professor Rodrigo Fernandes. O curta trata sobre vários aspectos da globalização, condensados no formato de um telejornal e com uma pitada de humor. Envolveu indiretamente toda a turma, composta por 25 alunos, nas diversas etapas de sua produção, desde a elaboração do roteiro até a edição.

Para MAGNOLI (1998, p.15) “a globalização é o processo pelo qual o espaço mundial adquire unidade”. Ela é favorecida pelos avanços dos meios de comunicação e transporte e se inicia entre os séculos XV e XVI através das grandes navegações que incorporaram o novo mundo à economia europeia. Atualmente, ela está presente em vários aspectos do mundo contemporâneo e de acordo com Moreira e Sene (2012) ela envolve quatro fluxos principais: de capitais, de informação, de mercadorias e de pessoas.

O fluxo de capitais diz respeito aos investimentos que hoje podem ser movimentados de um lugar a outro do globo de maneira quase instantânea, através das bolsas de valores. O fluxo de informação representa o fato de que qualquer pessoa com acesso aos noticiários ou a internet, tem o conhecimento de fatos que ocorrem pelo mundo quase que no mesmo momento em que eles acontecem. O fluxo de mercadorias pode ser exemplificado por um produto fabricado num país tão distante quanto a China possa estar à disposição de consumidores no Brasil. Já o fluxo de pessoas envolve três tipos principais: migrações, turismo e a movimentação de refugiados.

Desses quatro fluxos abordados durante as aulas de Geografia, surgiu a proposta de produção do curta-metragem para o São Léo em Cine. Os alunos dividiram-se em grupos e tinham como objetivo inicial a elaboração de um roteiro que tratasse de pelo menos um desses assuntos. A partir daí, a ideia inicial era de que o roteiro que a turma julgasse mais adequado fosse “trabalhado” por todos e se transformasse no filme. Porém, durante o desenvolvimento da atividade de produção do roteiro, surgiu a ideia de que todos os roteiros pudessem ser condensados num mesmo filme, nasceu, então, a ideia do jornal global.

O jornal global aborda, de forma divertida, alguns aspectos do fenômeno globalização, como a evolução tecnológica, os novos costumes, o fluxo de mercadorias e a questão dos refugiados.

De acordo com uma das alunas que protagonizou o filme “aparecer na tela do cinema foi emocionante porque lá (o cinema onde os curtas foram exibidos) é um lugar em que a gente vai pra olhar os filmes que a gente gosta e ver nossos artistas favoritos. [...] me senti como uma delas.” Para um dos “alunos atores”, “através do filme podemos aprender mais sobre o assunto globalização, pois a gente se envolveu mais do que numa aula normal com provas [...]”.

Conclusão

No ano de 2015 aconteceu o São Léo em Cine que exibiu e premiou as produções de curtas-metragens de alunos de 14 escolas da rede municipal de São Leopoldo – RS, coordenados por seus professores. Um curso de formação para os professores antecedeu ao festival, propiciando aos docentes terem noções básicas de como elaborar um filme.

A produção de vídeos pode ser uma boa alternativa ao chamado “ensino tradicional”, pois estimula uma série de habilidades que, normalmente, não são contempladas no currículo como: o trabalho em grupo, a pesquisa e a expressão. Também permite que os assuntos desenvolvidos em aula tenham uma abordagem diferente e divertida, o que leva a um maior envolvimento dos alunos durante as aulas.



Seminário enfatiza o cinema em sala de aula

Gramado São Leopoldo – Professores de seis municípios, entre eles São Leopoldo, participaram no final de semana do 1.º Seminário Cinema na Escola. O evento ocorreu na sede da Secretaria de Educação, com a realização de um debate e oficinas. O seminário faz parte das atividades do 44.º Festival de Cinema de Gramado. O tema do seminário foi a implementação da Lei 13.009/2014 – Cinema na Escola, para uso do espaço escolar. Os professores apresentaram os trabalhos realizados em suas instituições, e que contemplam diversos aspectos relacionados ao cinema, não apenas a exibição e discussão das obras, mas também a elaboração

SAO LEO EM CINE

Eliane explica que nesta região o ensino não vem de cima para baixo, alunos e professores aprendem mutuamente. Quando algo do certo não é feito de uma pessoa, mas sim de outros. Da mesma forma acontece quando algo não ocorre de forma satisfatória. O objetivo de São Léo em Cine é estimular a produção de curtas como um recurso capaz de motivar e ampliar várias aprendizagens do cotidiano escolar e para além dele”, destacou Eliane durante o seminário.

OLHO VIVO

Curtas daqui em Gramado

Os curtas *Ser bem é tudo de bom* e *Tô Envolvido* serão exibidos durante a programação do 44.º Festival de Cinema de Gramado. As duas produções leopoldenses foram selecionadas para a Mostra de Cinema Estudantil, que integra a programação do Edu-avídeo, dentro do festival. A mostra ocorre no dia 26 no Teatro Elisabeth Rosenfeld. As 13h30 a programação do São Léo em Cine ocorre no dia 26 no Teatro Elisabeth Rosenfeld, das 13h30 às 17h30. Os curtas integram o programa Secretária – Festival de Vídeo Estudantil desenvolvido pela Secretaria de Educação de São Leopoldo desde 2015. “A participação de curtas em Gramado é uma divulgação para o programa e demonstra a sua importância”, frisou a titular da secretaria, Janaina Lunck. Segundo a secretária, o São Léo em Cine é uma ferramenta pedagógica inovadora inserida nas práticas pedagógicas das escolas e envolve a liberdade de expressão, desenvolvimento das habilidades e competências de oralidade e expressão corporal. Valoriza o professor e deica o trabalho do aluno.

ALECS DALL'OLMO CULTURA

Tudo de bom envolvido

Simplemente de cinema. E não é de hoje que a galera que tem uma câmera na mão e uma ideia na cabeça está fazendo bonito na hora de unir roteiro e foco. Os curtas *Ser bem é tudo de bom*, produção de alunos da Escola Municipal João Carlos Holstendorf, orientado pelas professoras Luciana Domingues Ramo e Cristina Lemos e *Tô Envolvido*, realização dos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dirla Pires com a orientação do professor Lucas Campos, serão exibidos na Mostra de Cinema Estudantil, que integra a programação do Edu-avídeo, dentro do 44.º Festival de Cinema de Gramado. A mostra ocorre hoje, dia 26 de agosto, no Teatro Elisabeth Rosenfeld, das 13h30 às 17h30. Os dois curtas integram a programação do São Léo em Cine – Festival de Vídeo Estudantil desenvolvido pela Secretaria de Educação de São Leopoldo (Smel).

Uso da tecnologia

“O estudante participa de todo o processo, constrói, gravou e se orgulha. É uma ferramenta ligada à geração dos estudantes que tem o uso da tecnologia para dar visibilidade às produções de vídeo da criação de histórias. Este trabalho envolve toda a comunidade escolar”, ressalta a

titular da secretaria de Educação, Janaina Lunck. A edição 2016 do São Léo em Cine tem 92 trabalhos inscritos de 26 escolas. A seleção dos melhores Curtas será feita no Cine-Shopping Cinemas, do São Leopoldo, nos dias 5 e 6 de outubro. A premiação acontece na Sociedade Orfãna no dia 26 de outubro.

Figura 25 - Publicações no Jornal VS (2016).

CURTA-METRAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL: POSSIBILIDADES E DESAFIOS

Vilsiane Pereira

A escola de educação infantil pode e dever ser um lugar de muitos saberes e descobertas, pois é durante a infância que ocorrem as descobertas mais extraordinárias. É na infância em que há a predominância da fantasia e da magia presente nos contos de fada e nos contos fantástico-maravilhosos e a vivência de toda esta fantasia a partir da brincadeira simbólica ou faz-de-conta, como denominam as crianças.

E brincando de faz-de-conta tudo é possível, tudo tem vida, tudo é passível de descoberta e é o momento em que muitos conflitos existenciais, familiares, sociais e identitários das crianças são elaborados. Conforme o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI):

A brincadeira é uma linguagem infantil que mantém um vínculo essencial com aquilo que é o “não-brincar”. Se a brincadeira é uma ação que ocorre no plano da imaginação isto implica que aquele que brinca tenha o domínio da linguagem simbólica. Isto quer dizer que é preciso haver consciência da diferença existente entre a brincadeira e a realidade imediata que lhe forneceu conteúdo para realizarse. Nesse sentido, para brincar é preciso apropriar-se de elementos da realidade imediata de tal forma a atribuir-lhes novos significados. Essa peculiaridade da brincadeira ocorre por meio da articulação entre a imaginação e a imitação da realidade. Toda brincadeira é uma imitação transformada, no plano das emoções e das ideias, de uma realidade anteriormente vivenciada. (RCNEI, 1998, p. 27).

Foi considerando toda a possibilidade de criação e prazer que o universo dos contos de fada pode proporcionar ao desenvolvimento infantil, seja pela liberdade de expressão verbal e corporal, seja pelo potencial imaginativo e da representação do simbólico, e compreendendo o grande espectro de possibilidades que as diferentes linguagens podem oferecer ao desenvolvimento infantil, entre elas as mídias digitais, que nós, professoras da Escola Municipal do Ipê Amarelo, aceitamos o desafio de produzir um filme curta metragem.

A produção dos curtas-metragens “O Mistério da Água Suja” e “Uma ajuda muito especial” ocorreu a partir de um curso de formação, sob a coordenação da professora Eliane Beatriz Candido (professora da rede municipal), realizado na cidade de São Leopoldo, oferecido pela Secretaria Municipal de Educação da prefeitura desta cidade aos professores da rede municipal, em parceria com a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

A parceria entre a prefeitura e a Universidade iniciou no ano 2014 e neste ano de 2015 ocorreu a segunda edição do curso, sendo que é o primeiro ano de participação da educação infantil. No curso de formação foi anunciado o I Festival de Vídeo Estudantil e este artigo é resultado desta vivência.

Após diferentes oficinas que possibilitaram a compreensão da linguagem cinematográfica e elementos de composição de curta-metragem como decupagem, iluminação, edição de vídeos, direção, assim como compreensão das diferentes funções exercidas por diretores e assistentes que compõe a equipe que trabalha no universo cinemático, coube aos professores participantes do curso aceitar o desafio de construir saberes com os educandos. Assim, unindo as aprendizagens do curso e o exercício do trabalho pedagógico cooperativo, envolvendo tanto os sujeitos do cenário escolar (crianças, equipe diretiva, professoras e funcionários) e a comunidade escolar, a produção do curta foi delineando-se e efetivamente acontecendo.

Deste modo, a partir da gênese criativa das crianças e professoras para a construção da narrativa e organização do roteiro

para que os filmes saíssem do papel, equipe diretiva, pais, professoras e colaboradores da comunidade, nos auxiliaram emprestando e contribuindo com saberes artísticos, técnicos e tecnológicos.

Uma ajuda muito especial: metodologia de construção da narrativa.

A construção da narrativa do curta “Uma ajuda muito especial” teve sua origem a partir de um projeto de literatura infantil realizado na EMEI Ipê Amarelo pela professora Letícia Baldo. Semanalmente, a turma do infantil III encontra-se com a professora e juntos embarcam no mundo dos sonhos, das fantasias e das descobertas através da contação de histórias. Além disso, esses encontros proporcionam a construção de histórias e conhecimentos relativos ao universo infantil.

O enredo de *Uma ajuda muito especial* originalmente trata da história d’O *Dragão salvador da floresta*, desenvolvido pelas crianças sob a orientação da professora Letícia e, de forma muito genuína, digitalizado para compor o livro: O Dragão Salvador da Floresta.

Para compor a narrativa, a professora Letícia convidou o grupo para escrever uma história, apresentando às crianças dois personagens por vez, dos quais as crianças escolheriam um para participar do enredo. Desse modo, após a escolha dos personagens: príncipe, princesa, fada e dragão, a professora orientou o grupo na construção da história fazendo perguntas como: como começa esta história? O que o príncipe faz? Como é este dragão? Cada criança teve sua vez para falar e assim contribuir com o desenvolvimento da história.

Após a escolha e organização oral do enredo, a professora atuou como escriba do grupo. Letícia propôs que em dupla as crianças desenhassem uma cena da história desenvolvida pelo grupo. Estes desenhos foram digitalizados, a narrativa acrescentada e assim foi impresso o livro idealizado e ilustrado pelo grupo.

Essas situações de aprendizagem proporcionaram às crianças acreditarem no seu potencial criativo e reconhecerem-se autoras de seu conhecimento. Ou seja, as crianças vivenciaram diferentes situações de aprendizagem para que o livro fosse concluído: leitura de imagens, organização da linguagem e pensamento para expressar sua sugestão, respeito às civilidades (esperar a sua vez, aceitar a opinião do colega) e o trabalho colaborativo, cooperativo.

O mistério da água suja: metodologia e aprendizagens.

A narrativa (história) constituiu-se de elementos que foram descobertos a partir de um projeto de pesquisa realizado pela turma de infantil III, da Escola Municipal De Educação Infantil Ipê Amarelo. Para compartilhar o conhecimento sobre a importância da preservação da água limpa - e como consequência do meio ambiente de modo geral - e compartilhar a descoberta do quanto a poluição da água afeta a vida de todos nós, as crianças foram incentivadas a compor coletivamente o enredo.

Para pensarmos sobre quais elementos (personagens, lugar e diálogos) que queríamos presentes na história, realizamos uma roda de conversa retomando as descobertas sociais e científicas da pesquisa. A maioria das crianças concordou que o mais importante era escrever uma narrativa que mostrasse às pessoas que “Não é pra jogar lixo na água porque a água é importante pras pessoas e pros animais”, relato de uma criança do infantil III. Conforme o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil:

Nas situações de aprendizagem o problema adquire um sentido importante quando as crianças buscam soluções e discutem-nas com as outras crianças. Não se trata de situações que permitam “aplicar” o que já se sabe, mas sim daquelas que possibilitam produzir novos conhecimentos a partir dos que já se tem e em interação com novos desafios. (RCNEI, 1998, p. 33).

A partir da definição do tema e do objetivo da narrativa, em outra roda de conversa, as crianças elegeram personagens, ao todo dez foram sugeridos: rei, cavaleiro, tartaruga, tubarão, gavião, passarinho, príncipe, bruxa, cavalo e macaco. No encontro seguinte conversamos sobre as dificuldades de realização dos personagens: cavaleiro, rei e tubarão. O rei e o cavaleiro por serem personagens adultos, teríamos que encontrar dois pais dispostos a atuarem e, ao mesmo tempo, a vantagem da troca residia justamente no fato de que estes personagens poderiam ser substituídos por outros e, assim, as crianças poderiam atuar. O tubarão por morar no mar e a nossa história falar sobre o rio.

As crianças aceitaram o argumento, então apresentei alguns personagens que poderiam substituir estes. Os novos personagens escolhidos foram: duende substituindo o cavaleiro, bruxa adulta substituindo o rei, passarinho substituindo tubarão e foi acrescentada a personagem da bruxinha.

O processo de escolha das personagens envolveu o grupo e registramos em um papel pardo explorando a escrita e a representação gráfica (desenho). A situação de aprendizagem referente à escrita possibilitou às crianças nomearem as letras utilizadas, realizar a correspondência sonora da letra com o grafema, ampliar a consciência fonética, já que reconhecemos os sons e identificamos oralmente outras palavras com a mesma inicial.

Visualmente as crianças tiveram a possibilidade de perceber os fragmentos que compõem uma palavra, ou seja, a sílaba, e, durante este processo de construção do conhecimento, algumas crianças observaram que algumas palavras têm “um pedacinho com duas letras ou três” (fala de uma criança). O painel ficou exposto na sala e foi gratificante ver as crianças “lendo” (repetindo o que ouviram, lembrando o grafema ou fonema, identificando as letras que compõem o seu nome, dos colegas ou pessoas da família, usando os dedinhos para indicar o som presente em cada sílaba ou as letras já conhecidas).

O encontro seguinte foi utilizado para a construção do enredo. Para construir uma história com sentido, incentivei o grupo

a participar apresentando questões como: Onde ocorre nossa história? Como ela poderia começar? E depois o que acontece? O que este personagem faz na história? Será que este personagem consegue fazer isso? E ele pode ajudar o outro personagem?

Os questionamentos foram importantíssimos para a construção da narrativa. Após a primeira pergunta uma menina disse que “se tem príncipezinho e princesinha tem que ter castelo, né, eles moram lá.” Então intervir dizendo que a colega fez uma ótima observação, príncipes e princesas realmente moram em castelos.

De posse da narrativa propriamente desenvolvida, realizamos a encenação da história, brincando de faz-de-conta e representando de forma teatral o enredo proposto pelo grupo. A partir das encenações, as crianças identificaram-se com um ou outro personagem e, naturalmente, algumas crianças comunicaram que não queriam “fazer o teatro”, pois sentiam vergonha.

Estas crianças foram convidadas a participar do outro curta (uma ajuda muito especial) ou auxiliar como avaliadores do desempenho e envolvimento dos colegas durante a atuação. Assim, a cada ensaio um grupo de crianças representava enquanto outro grupo assistia e anotava em uma folha a quantidade de estrelinhas que daria a um colega que estava atuando. Penso que foi uma oportunidade de organizar o grupo de modo que todos participassem de forma democrática e as crianças demonstraram-se satisfeitas com suas escolhas.

Contribuições de uma professora aprendente-ensinante.

A vivência na construção das histórias com as crianças e a organização (direção dos dois curtas) trouxe à tona o que a autora Alicia Fernandez fala sobre aprendizagens, ao referi-las como possibilidades, ou seja, a aprendizagem tem um fim em si mesma e é inerente ao ser humano. Portanto, as necessidades favorecem o aprendizado, porque necessidade pode e é traduzido em nosso desenvolvimento como a resolução de um problema.

Neste sentido, dirigir um curta-metragem, no meu caso de iniciante, não é saber fazer, antes sim pesquisar, compartilhar ideias, construir um caminho. E, como todo aprendizado, muitas vezes é doloroso, porque, como diz Paulo Freire, um educador educa a dor, a dor da falta do saber-fazer, saber-ser, saber-pensar.

As inúmeras leituras na área da educação e na psicopedagogia sobre a construção do conhecimento a partir de diferentes linguagens, por vezes, me fizeram questionar sobre as possibilidades de uma intervenção da produção de filmes na educação infantil.

Durante o andamento (gravação, edição, pesquisa de áudio) reconheci que a dor da falta de saber-fazer, do conhecimento seguro dos programas de edição e mesmo da incerteza do resultado refletiam em mim o que muitas vezes identifico nas crianças: o medo e o desejo da autoria.

Assim, ao ver os filmes curtas-metragens prontos, analisei o quanto eu aprendi, cresci como professora, pesquisadora, aprendiz. Reconhecer que houve um processo de aprendizagem contínuo, não linear e repleto de tentativas-erro, fazendo e refazendo, pesquisando e reformulando.

Trabalhar com curtas na educação infantil evidenciou o papel genuíno da função social e institucional do professor. Em outras palavras, a pesquisa é a base para a construção do caminho e a prática é a forma pela qual me constituí professora e organizadora de um projeto que jamais tinha imaginado ser capaz de realizar.

Outro aspecto bastante relevante é que os conteúdos da educação infantil emergiram naturalmente durante o processo, uma vez que ao ensaiarmos, brincamos de faz-de-conta, todas as crianças participaram e vivenciaram os personagens em sala de aula, tendo como referência a característica e a história de vida de cada personagem do enredo. A cada novo faz-de-conta, as crianças identificaram-se com algum personagem e aperfeiçoavam a expressão corporal, necessária tanto para dar vida à representação, quanto ao seu próprio desenvolvimento.

Assim, estiveram presentes em nossos encontros a fantasia, a corporeidade, a construção do conhecimento social a respeito das civilidades (esperar a sua vez, ouvir o outro), a descoberta da escrita, o desenho como registro da vivência, diálogos, questionamentos, diálogos e sugestões sobre o que era possível, sobre o que cabia a cada personagem, a aprendizagem coletiva, na qual me incluo, além da expectativa de “vamos ensaiar hoje prof?””. O diálogo, a troca de informações e a construção coletiva dos saberes transversais produzidos a partir da organização do filme evidenciam que:

No processo de construção do conhecimento, as crianças se utilizam das mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem ideias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar. Nessa perspectiva as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem. O conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação. (RCNEI, 1998, p. 21-22).

A cada novo ensaio, a cada novo diálogo as crianças se apropriavam dos sentidos das narrativas desenvolvidas pelo grupo e, espontaneamente, começaram a criar suas próprias histórias e solicitarem para compartilhar com os colegas. Algumas vezes pedindo ajuda para escrever um título ou o nome dos personagens.

A experiência além de revelar o talento das crianças, evidenciou como a produção de um curta-metragem escolar é uma das diferentes linguagens pela qual se constrói conhecimento e, mais importante, momento em que docentes e educandos se identificam e aprendem a partir de um objetivo comum.

Se qualidade de ensino é aluno aprendendo, é preciso que ele saiba disso: é preciso “combinar” com ele, envolvê-lo como protagonista de qualquer mudança educacional. O fracasso de muitos projetos educacionais está no fato de desconhecer a participação dos alunos. O aluno aprende

quando o professor aprende; ambos aprendem quando pesquisam. Como diz Paulo Freire, “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade” (FREIRE, 1997, p. 32). (GADOTTI: 2007, p. 12).

Às crianças a possibilidade de apreender o mundo a partir de sua linguagem própria, o faz-de-conta, a corporeidade. Ao docente, a experiência de continuar a ser um *aprendente*, pois, para a proposta de produção do curta é fundamentada em pesquisa de como fazer e ao realizar, compreende com os imprevistos, como planejar, organizar, dirigir, orientar todos os envolvidos.

Aprendizagens técnicas: compartilhando descobertas importantes.

Entre a pesquisa e a prática muitas situações surgiram. A cada cena gravada, algumas dificuldades e, por fim, aprendizagens. Um exemplo de dificuldade foi manter a equipe de forma permanente, ou seja, para a produção de um curta-metragem com sucesso, dentro da expectativa do diretor e com o mínimo de desgaste emocional e material algumas considerações são importantes.

Primeiro, definir dias, horários e comprometimento da equipe que irá auxiliar na produção do curta-metragem. É importante que a equipe seja a mesma, que haja comprometimento por parte de todos os envolvidos, assim é importante que seja a mesma pessoa que irá maquiar os atores em todas as gravações, assim como a que vai organizar o figurino e acompanhar a gravação.

Do contrário, pode acontecer que várias cenas sejam gravadas e no momento da edição percebe-se que faltaram acessórios e maquiagem que em outras cenas estavam presentes. Isso significa ter que regravar tudo novamente. Para quem está se perguntando “será que isso aconteceu?”, a resposta é sim, tive que regravar um dos curtas em um dia, porque não sabia, ou pelo menos não tinha reconhecido a importância destes detalhes.

Em se tratando de produção de curta-metragem na educação infantil é fundamental que, depois de um roteiro organizado (isso inclui a história registrada por escrito, cenas organizadas em sequência e em duas outras folhas, cenas internas e cenas externas com as falas de cada personagem) o diretor escale uma pessoa específica para permanecer com as crianças que gravaram ou esperam o seu momento de gravação.

Explico. Crianças amam brincar, correr e explorar brinquedos e lugares. E, durante estas situações de brincadeiras, elas percebem que o figurino muitas vezes atrapalha alguns movimentos, logo, a solução é “tirar as camadas”, ou seja, tirar os acessórios, enrolar a calça até a canela e, no final, ao participarem efetivamente da gravação, ninguém percebe que o príncipe está sem a capa, e as duas princesas trocaram as coroas porque se identificaram mais com a outra, ou mesmo para se divertir.

A locação (local onde será gravado o curta) deve ser estudada com antecedência para verificar se há mosquitos, animais, objetos que podem tornar-se perigosos às crianças e, principalmente, se é possível manter as pessoas naturalmente curiosas isoladas do foco da câmera. Não observar isso significa correr o risco de obter uma cena linda com plateia ao fundo. Ou seja, desastre! Nova gravação. A pesquisa da locação possibilita antevermos algumas situações desgastantes, como crianças alérgicas com hematomas de picadas de insetos, bem como garante uma gravação tranquila e segura para todos.

É importante que antes de iniciar a gravação externa (ou interna), todo o material técnico como luzes, som, câmeras, no meu caso usei meu celular, bateria dos equipamentos, figurino,

maquiagem, além de materiais de primeiros cuidados como curativos, repelente, telefone dos pais, termos de autorização em mãos, termo de consentimento sobre saída para locação externa, sejam verificados e, importantíssimo, verificação da previsão do tempo, pois, trabalhar com crianças é uma verdadeira aventura!

Por fim, durante o processo de edição dê preferência aos programas já conhecidos minimamente, caso não conheça nenhum, sugiro que se grave algumas cenas em casa e organize um curta com no máximo quatro cenas. Esta experiência possibilitará conhecer o editor, verificar as dificuldades de editar e o resultado poderá ser apreciado após muitas horas de aprendizagem (com uso de tutoriais) no uso do editor, tudo fundamentado na tentativa-erro. Ah, não se esqueça de anotar o passo a passo, porque quando enfim eu consegui editar, minha primeira pergunta foi: “tá, como eu faço isso de novo?”

Para um áudio de qualidade é importante a gravação com um equipamento distinto do que está filmando. Isto é, se usar um celular para gravar a cena, use outro para gravar a voz. Para o curta em que há narrativa, o melhor é uma gravação não direta, ou seja, não grave a narração direto no computador, utilize programas e equipamentos de gravação de áudio, caso não tenha disponível, o melhor é convidar alguém que tenha este material, isso garante uma qualidade maior, pois, com estes equipamentos é possível tirar os ruídos do ambiente e deixar a voz mais evidente.

Ainda em relação ao áudio, mais especificamente sobre os efeitos e trilha sonora, posso dizer que preferi eu mesma fazer a pesquisa, pois tinha uma noção dos sentimentos que queria despertar no espectador. Assim, efeitos sonoros para a chegada da fada, ou quando faz uso da varinha mágica, sons da floresta pegando fogo, trilha sonora para um momento de expectativa, resolução do conflito ou mesmo para a representação de um momento de angústia (no caso dos animais na floresta ao perceberem que o passarinho estava doente ou ainda, uma das minhas cenas favoritas, música de suspense dramático quando a bruxa bebe água suja) foram cuidadosamente pesquisados em sites livres de direitos autorais,

estudados e organizados em pastas arquivadas no computador, com o nome das cenas como capa.

Enfim, muitos foram as construções de conhecimento individual como professora, como organizadora da filmagem dos curtas-metragens e gestão da equipe envolvida. Penso que se for possível definir a produção do curta- metragem estudantil (a partir da minha vivência) em uma palavra, diria que é coletividade, pois a linguagem cinematográfica é democrática com os envolvidos na produção de um filme. Ou seja, em qualquer etapa da produção o trabalho é cooperativo, porque todos dependem uns dos outros para alcançar o objetivo final: o filme.

Isso não significa que uma pessoa não possa produzir, dirigir, organizar um filme sozinha, mas o diferencial é que o trabalho em equipe é enriquecido pela soma das individualidades, dos diferentes saberes. Percebi que este projeto possibilitou uma aproximação ainda maior com as crianças e com as colegas professoras e equipe diretiva que fizeram mais que o necessário para que tudo ocorresse conforme o projeto de gravação apresentado. Sim, existem aprendizados que precisam ser melhor elaborados, reescritos e compartilhados em outra oportunidade por serem grandes e intensos demais para ser escrito em apenas um artigo.



Estudantes ganham a grande tela

Curta estudios em Gramado foram premiados no São Léo em Cine no ano passado

BOA NOVA
 Estudantes de diferentes instituições de ensino de Gramado foram premiados no São Léo em Cine no ano passado. O evento, realizado em parceria com a Sociedade Orpheu, teve como objetivo promover o cinema estudantil e proporcionar aos participantes uma experiência única de aprendizado e networking.



MOTIVAÇÃO
 A participação no festival foi uma grande motivação para os estudantes, que tiveram a oportunidade de apresentar seus trabalhos e receber feedback de profissionais da área. Além disso, o evento proporcionou um ambiente de troca de experiências e conhecimentos entre os participantes.

Tematiza

O tema central da programação foi a diversidade cultural e artística, refletindo a riqueza do cenário estudantil. As obras apresentadas abordaram temas relevantes e contemporâneos, demonstrando o talento e a criatividade dos jovens cineastas.



Premiados - Troféu Imigrante

- MELHOR VÍDEO**
 Filme - Antez acima de qualquer coisa
 Melhor vídeo acadêmico - O Homem Trovão
 Melhor vídeo independente - O Espírito
 Melhor documentário dos Anos Fria - Um exemplo de sobrevivência
- MELHOR CURTA**
 Filme - Antez acima de qualquer coisa
 Melhor curta acadêmico - O Homem Trovão
 Melhor curta independente - O Espírito
 Melhor curta documentário dos Anos Fria - Um exemplo de sobrevivência
- MELHOR LONGA**
 Filme - Antez acima de qualquer coisa
 Melhor longa acadêmico - O Homem Trovão
 Melhor longa independente - O Espírito
 Melhor longa documentário dos Anos Fria - Um exemplo de sobrevivência

Figura 26 - Jornal VS publicando matéria de Gramado e a lista dos curtas premiados em 2016.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

9 EM 5. FERNANDES, Tailon e LEMOS, C. D. Produção Gabriela Machado e Cristina D. Lemos. São Leopoldo: EH! Produções, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YB9_87rcL4E>. Acesso em 10 dez. 2015.

A VINGANÇA NA PAREDE. Luciana Domingues Ramos e Eden Madelon Bittendourt. São Leopoldo: EH! Produções, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IrcKSCkm0g8>>. Acesso em 10 dez. 2015.

ABRAMOWI CZ, Jaqueline (org.) **Para além do fracasso escolar**. Campinas. SP: Papirus, 1997.

ALMEIDA, M. **Tecnologia na escola: criação de redes de conhecimentos**. In: BRASIL. Ministério da Educação. Integração das tecnologias na educação. Brasília: MEC/SEED, 2005.

BITTENCCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

Blog Roteiro de Cinema. Disponível em: <<http://www.roteirodecinema.com.br/>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

BRASIL, MEC. **As Novas Diretrizes Curriculares que Mudam o Ensino Médio Brasileiro**, Brasília, 1998.

BRASIL. **Declaração de salamanca: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

BRASIL. **Documento subsidiário: À política de inclusão**. Ministério da Educação. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/docsubsidiariopoliticaedeinclusao.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. –

Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il. Volume 1: Introdução; volume 2: Formação pessoal e social; volume 3: Conhecimento de mundo.

BRASIL. Ministério da Educação. **Educação inclusiva : v.1 : a fundamentação filosófica** / coordenação geral SEESP/MEC; organização Maria Saete Fábio Aranha. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2004.
BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB 9394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – Caderno de apresentação: Formação do professor Alfabetizador**. Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC/SEB, 2012. p 26 e 27.

BRASIL. **Proposta Pedagógica da EMEF Francisco Cândido Xavier**. São Leopoldo. 2012.

BROTTO, F. **Jogos Cooperativos: se o importante é Competir, o Fundamental é Cooperar**. São Paulo: Cepeusp, 1995 / Santos: Projeto Cooperação, 1997 (ed. renovada).

BRUN, G. **Os benefícios de uma competição saudável**. 2016. Disponível em <<http://goo.gl/UslFnO>>.

BUCKINGHAM, David. **Media education: Literacy, learning and contemporary culture**. Cambridge/UK, 2005, p. 92.

CARDOSO, Fabrício Bruno. CARNEIRO, Rosângela Rabello. **Estimulação do desenvolvimento de competências funcionais hemisféricas em escolares com dificuldades de atenção: uma perspectiva neuropsicopedagógica**. Revista Psicopedagogia, volume 26, nº81, São Paulo. 2009.

COMO TU FEZ. **Fazendo Vídeo - 10 Movimentos de Câmera**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IvoOBnEEeA4>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

CROCHÍK, José Leon. **Preconceito e Inclusão**. WEBMosaica: Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. V.3, nº1 (Jan-Jul). 2011

CURY, A. **Nunca desista de seus sonhos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

DEMO, Pedro. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2004.

DUK, Cynthia. **Educar na diversidade: material de formação docente**. 3. Ed. /edição do material Cynthia Duk. – Brasília: [MEC, SEESP], 2006. 266 p.

- FACION, José Raimundo (org). MATOS, Carmen Lúcia Guimarães. **Inclusão escolar e suas implicações**. Curitiba: Ibplex. 2007.
- FANTIN, M. **Mídia-educação, cinema e produção de audiovisual na escola**. In Anais XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, INTERCOM, Brasília, 2006.
- FERNANDES, Alicia. **A inteligência Aprisionada**. Porto Alegre: Artmed, 1990.
- FONSECA, Selva Guimarães. **A História na educação básica: conteúdos, abordagens e metodologias**. Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas atuais. Belo Horizonte, novembro de 2010.
- FRANÇA, Andréa. **O CINEMA ENTRE A MEMÓRIA E O DOCUMENTAL**. Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 19, p. 1-14, julho/dezembro 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 36. ed. Rio de Janeiro: Edições Paz e Terra, 2003, p. 201.
- GADOTTI, Moacir A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar / Moacir Gadotti. – 1. Ed. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.
- GIROTO, C.R.M, POKER, R.B & OMOTE, S.: **As Tecnologias nas Práticas Pedagógicas Inclusivas**. Marília – Editora Cultura Acadêmica. 2012.
- GOMES, Nilma Lino. **Indagações sobre currículo: diversidade e currículo / organização do documento** Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. Disponível em: <<http://edespecial-neuropsicopedagogia.blogspot.com.br/2011/10/concepcao-do-educador-frente-inclusao.html>>. Acesso em: 20 dez. 2013.
- KOLLER, Sílvia Helena. PALUDO, Simone dos Santos. **Psicologia Positiva: uma nova abordagem para antigas questões**. 2007.
- LEÃO, Lúcia. **O labirinto da hipermídia: arquitetura e navegação no ciberespaço**. São Paulo: Iluminuras, 1999. 160p.
- LEI 9.610 DIREITO AUTORAL. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9610.htm>. Acesso em: 10 dez. 2015.
- LEINDECKER, Eduardo Tavares. Intérprete: Eduardo Tavares Leindecker. In: CIDADÃO QUEM. **Dia especial**. Porto Alegre. Warner Music Brasil – WM, 2000. CD.

LUCKESI, C. C. **Elementos para uma didática no contexto de uma pedagogia para a transformação.** Conferência Brasileira de Educação, 3. Niterói, 12 a 15 de out. de 1984. Simpósios. São Paulo: Loyola, 1984.

MAGNOLI, Demétrio. **Globalização.** São Paulo: Moderna, 1998.

MAKING OF - SER BOM É TUDO DE BOM. Cristina Domingues Lemos e Luciana Domingues Ramos. São Leopoldo: EH! Produções, 2015. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=8-eGvbRtRKw>>. Acesso em 10 dez. 2015.

MARQUES, S. **Deveríamos estudar cinema nas escolas.** São Paulo: Revista digital Obvious, 2015. Disponível em: <<http://goo.gl/JNl8k9>>.

MEINERZ, Carla Beatriz. **Ensino de História: a relação pedagógica presente em nossas práticas.** In: BARROSO, Vera Lúcia [et al]. Ensino de História: desafios contemporâneos. Porto Alegre: EST/Exclamação/ANPUH/RS, 2010.

MORAN, J. M. **A educação que desejamos: Novos desafios de como chegar lá.** Campinas, SP: Papirus, 2007.

MORAN, J. M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. - Campinas, SP: Papirus. 2000.

MORAN, José Manuel. O Vídeo na Sala de Aula. Artigo publicado na revista **Comunicação & Educação.** São Paulo, ECA-Ed. Moderna, [2]: 27 a 35, jan./abr. de 1995

MORAN, José. **Aprendendo a desenvolver e orientar projetos de vida.** 2013. Disponível em <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/projetos_vida.pdf>. Acesso em 10 dez 2015.

MOREIRA, João Carlos; SENE, Eustáquio de. **Geografia.** São Paulo: Scipione, 2012. Vol.IV.

NEVES, Maria da Graça Gonçalves Cunha. **Neuropsicopedagogia: O que é isso? Entendendo a Psicopedagogia e a Neuropsicopedagogia.** Disponível em: Acessado em: <<http://www.revistatanto.com/materiaDetalhe&id=310>>. Acesso em: 14 fev. 2014.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário.** Campinas, SP. Papirus 2005. Disponível em <<http://www.nextimagem.com.br/wp-content/uploads/nichols-introducao-ao-documentario.pdf>>. Acesso em 10 dez. 2015.

OSSINI, M. A. S. **Pedagogia afetiva.** 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2002. Palestras e Oficinas de formação do São Léo em Cine - I Festival de Vídeo Estudantil de São Leopoldo.

PEPE, B. **Os Mitos da Meritocracia e da Competitividade tanto na Escola quanto nas Empresas**. Rio de Janeiro. 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/Evd7R3>>.

PEREIRA, J. **Novas tecnologias de informação e comunicação em redes educativas**. Pelotas: ERD Filmes, 2008.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos**. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

PORTARIA No- 867, DE 4 DE JULHO DE 2012 - DIÁRIO OFICIAL. Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/port_1458_141212.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2015.

PRENSKY, M. **Nativos Digitais, Imigrantes Digitais**. Tradução: SOUZA, R. MCB University Press, Out. 2001.

PRETTO, N. L. **Uma escola sem/com Futuro**. Rio de Janeiro: Papyrus, 1996

PRODUCINE. **Veja dicas para produzir seu vídeo**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JX5fmD1Wjfg>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

Proposta componente extracurricular. Equipe diretiva da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor João Carlos Von Hohendorff. São Leopoldo. Ano 2014.

QUE CONCEITO. Conceito de Filme. Disponível em: <<http://queconceito.com.br/filme>>.

QUE CONCEITO. Conceito de Sinopse. Disponível em: <<http://queconceito.com.br/sinopse>>.

ROSA, G. **O vídeo e sua Importância no Contexto da Sala de aula**. Oficina de TV e Vídeo: produzindo vídeos educativos. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2012.

SABBAG, Paulo. **Resiliência, segundo o olhar do especialista Paulo Sabbag**. 08/05/2012. Disponível em: <<http://casadegfilo.blogspot.com.br/2012/05/resiliencia-segundo-o-olhar-do.html>>. Acesso em: 03 ago. 2013.

SCHIMENECK, A. **7 Histórias de gelar o sangue**. 2cd. – Porto Alegre: BesouroBox, 2014. 112 p.

SER BOM É TUDO DE BOM. Cristina Domingues Lemos. e Luciana Domingues Ramos. São Leopoldo: EH! Produções, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_Ur83q_dMfs>. Acesso em 10 dez. 2015.

SETTON, M. da G. **Mídia e Educação**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

SILVA, J. C. Arruda. **O desafio da produção audiovisual por alunos de escolas públicas douradenses: um estudo de caso do Projeto Cine-Escola1**.

INTERCOM - XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3076-1.pdf>>. Acesso em 10 dez. 2015.

SILVA, J. C. Arruda. **O desafio da produção audiovisual por alunos de escolas públicas douradenses: um estudo de caso do Projeto Cine-Escola1**.

INTERCOM - XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3076-1.pdf>>. Acesso em 10 dez. 2015.

SILVA, J. C. Arruda. **O desafio da produção audiovisual por alunos de escolas públicas douradenses: um estudo de caso do Projeto Cine-Escola1**.

INTERCOM - XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3076-1.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

SILVERSTEIN, Shell. **A Árvore generosa**. Trad. Fernando Sabino. São Paulo: Cosac Naify (Obra do Acervo único PNAIC 2012).

SNYDER, Ilana. **Ame-os ou deixe-os: navegando no panorama de letramentos em tempos digitais**. Tradução de Samuel de Carvalho Lima. In: ARAÚJO, Júlio César; DIEB, Messias (orgs). *Letramentos na web: gêneros, interação e ensino*. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

SURREL, Jason. **Os segredos dos roteiros da Disney**. São Paulo: Panda Books, 2009.

TELLES, L. F. **Venha ver o pôr- do sol & outros contos**. São Paulo: Ed. Atica, 2007

TRAJBER, R. & COSTA, B. L. **Avaliando a educação ambiental no Brasil: materiais audiovisuais**. São Paulo: Peirópolis: Instituto Ecoar para a Cidadania. 2001, p. 15.

UNIC - **Centros de Informação das Nações Unidas – Rio de Janeiro.**

Disponível em:

<http://unicrio.org.br/img/DeclU_D_HumanosVersoInternet.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2013.

VARELLA, Dráuzio. **Mulheres intuitivas, homens autistas.** Disponível em:

<<http://drauziovarella.com.br/sexualidade/mulheres-intuitivas-homens-autistas>>.

Acesso em: 14 fev. 2014.

VARGAS, A.; ROCHA, H.; FREIRE, F. M. P. **Promídia: produção de vídeos digitais no contexto educacional. Novas Tecnologias na Educação –**

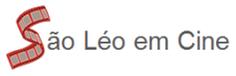
UFRGS/CINTED. V. 5, n. 2, dez. 2007. Disponível em:

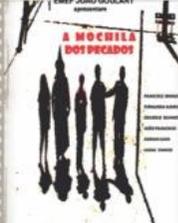
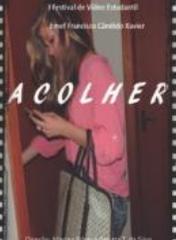
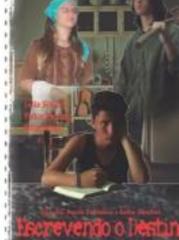
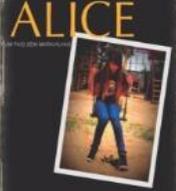
<<http://www.cinted.ufrgs.br/ciclo10/artigos/1bAriel.pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2015.

VARGAS, Cláudio Pellini. **O desenvolvimento da resiliência pelas adversidades da escola.** 2009

VIEIRA, Alexandre (org.). **Gestão educacional e tecnologia.** São Paulo: Avercamp, 2003.

XAVIER, Maria Lúcia. **Introduzindo a questão do planejamento: globalização, interdisciplinaridade e integração curricular.** In: XAVIER, Maria Lucia (et al). Porto Alegre: Mediação, 2000.



<p>São Léo em Cine I Festival de Vídeo Estudantil</p> <p>O MISTÉRIO DA ÁGUA SUJA</p> 	<p>São Léo em Cine I Festival de Vídeo Estudantil OFICINA DE CINEMA JO EMEF JOÃO ODELLARI</p> <p>A NOCHILHA DOS PECADOS!</p>  <p>Produção: OFICINA DE CINEMA DE SÃO LÉO FRANCISCO A BRUNO COMENAURO Direção e Edição: ANDRÉA RODRIGUES e BRUNO COMENAURO</p>	<p>SÃO LÉO EM CINE EMEF ARTHUR OSTERMANN VÍDEO ESTUDANTIL</p> <p>BRINCADEIRAS PARA FAZER NO ESCURO</p>  <p>2016</p>	<p>SÃO LÉO EM CINE I FESTIVAL DE VÍDEO ESTUDANTIL</p> <p>EMEF ARTHUR OSTERMANN APRESENTA:</p> <p>PRINCESSAS NA INTERNET</p>  <p>2015</p>
<p>Alunos da EMEF Alvaro apresentam:</p> <p>Canoagem em São Léo</p>  <p>EMEF Professor Alvaro Luís Nunes São Léo em Cine I Festival de Vídeo Estudantil</p>	<p>São Léo em Cine I Festival de Vídeo Estudantil</p> <p>O PEIÑO DE ACILLO</p>  <p>Projeto de Realização: EMEF JOÃO ODELLARI Direção: ANDRÉA RODRIGUES Edição: BRUNO COMENAURO</p>	<p>SÃO LÉO EM CINE I Festival de Vídeo Estudantil</p> <p>O ALUNO PROBLEMATICO</p>  <p>São Léo em Cine I Festival de Vídeo Estudantil EMEF P SENADOR GALGALO FILHO</p>	<p>São Léo em Cine I Festival de Vídeo Estudantil</p> <p>EMEF Professor Emílio Meyer apresenta:</p> <p>JORNAL GLOBAL</p>  <p>EMEF Castro Alvaro, Arthur João H. Santos, Victor Guib</p>
<p>São Léo em Cine I Festival de Vídeo Estudantil</p> <p>EMEF Francisco Cândido Xavier</p> <p>ACOLHER</p>  <p>Direção: Mariana Ribeiro e Gabriel A. da Silva</p>	<p>São Léo em Cine I Festival de Vídeo Estudantil</p> <p>EMEF PROFESSOR JOÃO CALVO VON HÖRNINGHOFF</p> <p>A VINGANÇA NA PAREDE</p> 	<p>Face Ocult@</p>  <p>Projeto de Realização de Giffoni e Cultura de Paz EMEF Pedro Oreste João Evangelista</p>	<p>São Léo em Cine I Festival de Vídeo Estudantil</p> <p>Escrevendo o Destino</p> 
<p>São Léo em Cine I Festival de Vídeo Estudantil</p> <p>ALICE</p> 	<p>São Léo em Cine - I Festival de Vídeo Estudantil</p> <p>EMEF JOÃO ODELLARI</p> <p>BULYING ESCOLAR</p>  <p>Projeto de Realização: EMEF JOÃO ODELLARI Direção: ANDRÉA RODRIGUES Edição: BRUNO COMENAURO</p>	<p>São Léo em Cine I Festival de Vídeo Estudantil</p> <p>EMEF Professora Dina Flores Albrecht APRESENTAM</p> <p>OS OLHOS DA GUEIRA BRANCA</p> 	<p>São Léo em Cine I Festival de Vídeo Estudantil</p> <p>RETRATOS</p> 